

Corvalhos na Rocha

430

Vol. 18

Comedia-Drama em 5 Actos e 6 Quadros.
Imitacão

por

José Cardoso.

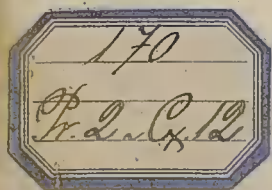


Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Para se representar no Theatro do Gynnasio Dramatico,
Lisboa - 7 de Abril de 1867.

O Director de scena.



Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

2 Orvalhos na Rocha.

Comedia-dramã em 5 Actos.

Imitado

por

José Cardezo



Personagens.

Barão de S.^{to} Estevão.

Cezar de Menezes, seu filho.

Jorge de Magalhães.

Francisco Corrêa, caixa do Barão.

Doutor Alberto de Lima.

Conselheiro Pecanha.

Comendador Saraiva.

Um Cura d'Aldêa.

Um Criado.

Clotilde, Baroneza de S.^{to} Estevão.

Amélia, sua filha.

Henriqueta, mulher do Comendador.

Aldêas e aldeãos.

Actualidade



Acto 1º

Elegante gabinete de trabalho. Estantes com livros, mapas, bronzes, objectos d'arte, mobilia sumptuosa. A' D. rica secretaria com papeis e pastas em cima; em frente uma poltrona. Portas lateraes e ao F.

Scena 1ª

As levantar o pano, Francisco, conversando com o Criado, junto a' porta do F. — Depois, o criado sae, fechando a porta. Francisco desce, e vai sentar-se a' D., traz uma pasta com papeis e cartas.

Francisco.

/Manando com a cabeça / Sempre o m^{mo}! sempre! Affrontando tudo, ultrajando tudo, zombando alegrem^{te} de tudo! Detesto semelhante gente! E se fosse so' isto! mas o resto?... O resto e' mil vezes peor ainda! E eu aqui, sempre um plice, sempre agarrado a este martyrio! / Vendo entrar Amelia do F. e levantando-se a sorrir. / Ah! bom dia, m.^a menina.

Scena 2ª

Francisco e Amelia.

Amelia.

Bom dia, Sr. Francisco. Meu pai não
está cá?

Francisco.

Não, m.^a merina, mas não pode tardar.
Quando entrou, mandou-me dizer pelo criado
q.^{to} o v.^o esperar aqui.

Amelia.

Quando entrou? Foi meu pai já' sahir hoje?

Francisco.

Não... Perturbado, quero dizer, sim m.^a merina
... Apt. Esta m.^a cabeça!

Amelia.

N'esse caso voltarei mais tarde, p.^a lhe dar o
beijo do costume. Até logo, Sr. Francisco. —
Voltando, Desculpe, já' me esquecia de lhe per-
guntar como passaram os netinhos.

Franc.

Perfeitam.^{te}, obrigado.

Amelia.

Diga a' avóntia q.^{to} m'or trago amanha. Tenho
uma coisa p.^a elles; p.^a ella tento flores.

Franc.

A merina dita-n'os a perder.

Amelia.

Amantia ao meu dia, sem ? até logo.

Franc:

Até logo. / Amelia sae pelo F.

Barão 3^a

Francisco depois o Barão

Franc:

/ Acompanhando Amel, com a vista. / É um anjo !... / Pámo
e a mãe e 'outra ! Mas, p.^a converter um pec-
cador, creio q.^l ainda não é bastante !

Barão

/ Aparecendo a' D. — Calça e casaca preta, collete bran-
co, e suíças a' inglesa. O verdadeiro typo de nego-
ciante. / Bom dia, Francisco.

Francisco.

Bom dia, Sur.^l Barão. / Dando-lhe as cartas e a pasta.

Barão

/ Sentando-se junto da secretaria. / Vamos, vêr isto.

/ Abre a pasta. / Senta-te. Deves estar fatiga-
do depois das loucuras d'uma noite de car-
naval, em S. Carlos. / Sorrindo. / Sa' te vi' libertino !

Francis:

Sempre de pe' e contrafeito. / Sio mal, Sur. Barão,
Barão.

Corro! pois aquella mascara q' saltava ate' chegar ao lustre e q' era seguido por um batalhao de mulheres, nao eras tu? Cui dei' q' fopes. / Examinando sempre os papeis e as cartas. / Correm soffivelm^{te} as nossas transaccoes com a casa Johnston e Co. de Londres.

Franc:

Se continuar assim, bom sera!
Barão.

Horrem, duvidas de tudo... ei' sceptico. / Vendo outras cartas. / Bom... os negocios d' Africa estao dando um lucro excellente. Quanto deixaram o anno passado?

Franc:

Perto de 20 contos.

Barão.

Para o primeiro anno ja' nao e' mau, parece-me. Andaste perfeitam^{te} n' este negocio, Francisco, dou-te os parabens.

Franc:

Perfeitam^{te}! perfeitam^{te}! ... pode ser, mas e' bom nao saltar antes de tempo. O q' e' preciso,

e' g.^o Vex.^{cia} faça o g.^o the tento aconselhado por
mais d'uma vez.

Barão

/ Sendo sempre / Que queres dizer ?

Francis:

O Sr. Barão bem o sabe.

Barão.

Não me lembro.

Francis:

/ Depois d'um movim^{to}. de zanga / Refiro-me ao António
Nogueira, de Mapamedes. Eng.^{to} Vex.^{cia} enriquece
com as terras d'elle, o pobre homem morre tal-
vez de fome a' porta do seu palacio.

Barão.

E' a historia universal, meu velho amigo. Fra-
batham uns p.^o os outros correrem.

Francis:

Mas e' um pai de familia, Sr. Barão.

Barão.

E g.^o tem ipso ? Não dê importância a essas baga-
tellas. Optimo! as minas de chumbo prosperam
admiravelm^{te}. Forte tambem tu g.^o me desco-
brir esta California. Proclamo-te o Christovão
Colombo das empresas lucrativas.

Franc:

Contrariado sempre! Tenho empregado bem o meu tempo, não tem duvida!

Barão:

Samos lá, velho rabugento! De q. te queixas? Não estás contente com a tua posição em m.ª casa?

Franc:

Estou contente por um lado, mas descontente pelo outro.

Barão:

Fallaremos n'isso em outra occasião. / Com m.ª indifferença, depois de lêr uma carta. / Pobre rapaz.

Franc:

O q. e', Sr. Barão?

Barão:

Lembra-te do Luiz d'Avellar, q. mandei a Joan. da ultimar o negocio da feitoria?

Franc:

Lembra-me.

Barão:

Morreu affogado na occasião em q. desembarcava.

Franc:

Coitado!

Barão.

E' preciso mandar outro g.^{to} antes. Encarrego-
te de procurar alguém.

Franc:

Sempre suspeitei q.^o aquelle rapaz acabaria
mal! Não tinha coração!

Barão

/Distrakido/ Era intelligente!

Franc:

Fez a viagem contra a vontade da familia. A
pobre da mãe morreu de saudade, ha' 3 dias.

Barão

Muito intelligente!

Franc:

/Simidam.^{ta} e com intenção depois d'olhar p.^o Barão/ Es-
tas e outras coisas e' q.^o me fazem acreditar
q.^o ha' uma Providencia, Sur. Barão!

Barão

/Distrakido/ O q.^o?

Franc:

/Insistindo gravem.^{te}/ Uma Providencia q.^o castiga
os maos e absolve os bons!

Barão

/Depois d'um mom.^{to} e continuando a ver cartas e papéis/
Talvez seja verdade.

8

Franc.

/Ap^{to}/ Estou contente por the dizer isto. / Sai
p.^a sair pelo F. e encontra-se com o Conselheiro, q.^d entra.
Cumprimentando-o / Sur.^o Conselheiro...

Cena 4.
O Mun.^o e o Conselheiro.

Barão.

/Sem se voltar./ Ah! és tu?

Conselh.

/Velho elegante, mas em extremo pretencioso. Sumeta,
bengala, sr./ Transgredir as ordens. Não te encomendo?

Barão.

Não. O q.^d ha'?

Conselh.

/Que parece lutar com uma séria preocupação./ Nada. Pas-
sei por aqui e entrei... mas se te encomendo....

Barão.

Senta-te. Francisco, volta d'aqui a duas horas;
já terei examinado estes papéis.

Franc.

Sim, Sur.^o Barão. /Ap.^{to} saindo./ Estou contente
por the ter dito o q.^d the disse. / Sai pelo F.

Scena 5. Conselheiro e Barão.

Barão.

Poder faltar... entretanto vou vender estes papeis.
/ Percorrendo os papeis da pasta / Então q.^l ha' de no-
vo desde a hora em q.^l nos separáramos?

Conselho.

Ha' apenas... / Vendo o relógio / 3 horas e meia.

Barão.

Deve ser isto. Que ha' de novo?

Conselho.

/ Exorcçando-se por parecer alegre / Nada. Tabei' por
aqui, como te disse, e entrei. / Deixa a cadeira em q.^l es-
tava sentado, toma outra q.^l aproxima do Barão e senta-se
acavallo. / Não sei como poder trabalhar depois
d'uma noite passada em claro. Descansa, ho-
mem! estás no caso de o poder fazer. Aposto
q.^l nem ao menos dormiste uma hora?

Barão.

Qual! Entrei em casa, fiz a barba, li os jorna-
es, e aqui estou.

Conselho.

/ Com um suspiro / É feliz!

7
Barão.

Almando p.^a elle / Mas q.^d tens tu?... Estás hoje
com um ar abatido!

Conselho:

Abatido?... pelo contrario!... estou perfectam.^{te}
bom e alegre como nunca! / Cantarolando pensam.^{te}
Tra, la', la, tra, la, ... Muito me diverti... m.^{te}
nos divertimos a noite passada, heinn, Barão?

Barão

Muito

Conselho:

Corro e formosa e engraçada aquella bailari:
na! Que rapariga!... Fez-me rir toda a noi:
te corro um pateta!

Barão

Vendo sempre os papeis / E' bonita, e!

Conselho:

Com a fortuna! ha' m.^{te} tempo q.^d não rapo
uma noite tão deliciosa! Que vida, q.^d
boa vida, heinn, Barão?

Barão

Sorrindo / Libertino!

Conselho:

Sornando-se de repente m.^{te} serio / A proposito... sa

ber o q.^o me aconteceu?

Barão.

Não.

Conselho.

Quando sahi de S. Carlos, deu-me na cabeça ir
tomar um banho.

Barão.

Fizeste bem.

Conselho.

Fiz mal, por q.^o me senti afflicto dentro da ba-
nheira.

Barão.

Ara eha!

Conselho.

Afflicto a ponto d'apostar o criado. Sou d'uma
construcção apoplectica, como vêr; acreditei posi-
tivamente q.^o cá morrer.

Barão.

/ Distrakido vendo os papéis / Ah!

Conselho.

Pálaria d'horra q.^o tive medo! Taphou-me
até pela cabeça uma idéa extravagante.
Pensei em ti, meu amigo.

Barão.

/Sempre indiferente/ Obrigado.

Conselho:

Dize p.^a conmigo: — "Fobre Barão! como não ficara' espantado qd' lhe deram a noticia da m.^a morte!"

Barão.

/Sorrindo/ Espantado! Ora eha! Com a tua constituição, o teu pescoço curto e a vida desgraçada q.^d levar... espera-se a morte a todo o instante.

Conselho:

Mas enfim, supponho q.^d sempre deixarias cair uma lagrima na occasião de receber a noticia?

Barão.

Creio q.^d não, meu amigo. Ainda não estudei a questão, e' ver.^d, mas creio q.^d não, visto q.^d difficil'm^{te} choro... sobretudo antes d'abrocar.

Conselho:

E' cruel!

Barão.

Enganas-te, sou sincero. Aborreço a mentira. Nada de frases ôcas, conselheiro. Nem tu choraras por mim, nem eu chorarei por ti... a ver.^d e' esta!

Conselho:

Bem sei q^d zombar de tudo... q^d não crês em nada... nesti eu! Mas apezar quizerá ver-te no meu lugar dentro da banheira. Affirmo-te q^d n'aquellas circumstancias pensa-se com rapidêz... fazem-se perguntas singulares. Esta por exemplo....

Barão.

Apiguando papéis / Qual?

Conselho:

Não haverá realm^{te} no mundo nada mais do q^d o 5 por cento, o vultoso, o vinho do Porto e as bailarinas?

Barão.

Sempre indifferente / Talvez.

Conselho:

Depois de o encarar em silencio / Ah! é um homem forte, meu amigo, m^{to} forte! reconheço-o admirro-o até! Mas enfim houve em outros tempos homens tão fortes como tu... e no entanto acreditaram em alguma coisa.

Barão.

É exacto.

Conselho:

Bopuet... não era idiota!

Barão.

Nas.

Conselheiro.

É aquelle... como se chamava?... João Jaquez Roussaux... também não?

Barão.

Também não.

Conselheiro.

É um ^{tos} outros. Ora isto dá 'g. pensar.

Barão.

De certo. / Acabando de meter na carteira ou pasta todos os papéis assignados e voltando-se p.^o o Conselheiro. / Queres q.^d te diga uma coisa, conselheiro?

Conselheiro.

Dize.

Barão.

Revolhe-te a vida domestica, meu amigo. Estás inutilisado.

Conselheiro.

/ Levantando-se despeitado. / Inutilisado!.. eu! / Mudando de tom. / Fiquei um tanto abalado esta manhã, isso é' verd.^e... mas foi coisa passageira. (O g.^o me aproximação os cuidados, e tedio da familia. Entro em casa, e o g.^o encontra? uma mulher lavada em lagrimas, q.^d toda a noite esperou por mim; um filho q.^d se

mostra cansado e toma o partido de sua mãe;
uma filha g.^a emagrece de dia p.^a dia e g.^a me ins-
pira serios receios pela sua saúde. Aqui tens as
delícias da família.

Barão.

/Levantando-se/ Sobre rapaz! /Sorrindo/ Estás insulubri-
sado, meu amigo.

Conselheiro

Quat insulubrisado! Estou prompto p.^a te provar o contra-
rio... e já' esta noite, se quizeres! /O barão rói/ Tu e'
g.^a és um homem excessivam.^{te} feliz. Tóhues uma mu-
ther g.^a supporta a tua vida de libertinagem com
uma resignação de cherubim! Que demónio fazes tu
p.^a conseguir isto?

Barão.

Tenho um segredo.

Conselheiro.

Ensinas-m'o?

Barão.

Não o entenderias. Mas vou dar-te um conselho.
Siquida o passado e vai morar p.^a o campo; entre-
ga-te a' cultura de cereaes, cria gallinhas e bebe
leite em jejum. É o melhor g.^a tens a fazer.

Conselheiro.

Seriam^{te}, Barão, acho esse gracejo de mau gosto. Di-
rão-me ali com a maior confiança, exponho-te os
meus pezares e em vez do conforto q.^l esperava...
Barão.

Ara vamos, da' ca' a mão. / Apertando-lh'a. Bem sa-
bes q.^l sou teu amigo.

Conselheiro.

O q.^l te peço é q.^l não digas a ninguém, nem m.^{me}
a mim, q.^l estou inutilisado. É um gracejo de
mau gosto, repito.

Barão.

/Rindo./ Pois bem... é um rapaz com a vida e o cora-
ção dos 20 annos! Estás satisfeito?

Conselheiro.

Não digo tanto... não digo tanto!

Barão.

/Sendo entras Clotilde - S. -/ Ah! está m.^{me} mulher.

Scena 6.^a

O M.^{mo} e Clotilde.

Conselheiro.

/Cumprimentando./ Sar.^a Baroneza. / Clotilde cumprimentando
Clotilde.

/Ao Barão, estendendo-lhe a mão. Nota-se entre ambos alguma
reserva/ Bom dia.

Barão.

Bom dia. Precisa falar-me?

Clotilde.

Preciso.... são só duas palavras... mas se está' occupado...

Conselheiro.

Ja a sair g^o. Vex^{cia} entrava. Teco-lhe g^o me descul-
pe. /Ao Barão, Até a' noite. /Cumprimentando Clotilde/
Sus^a. Baroneza.....

Barão

/Acompañando-o até a' porta do F./ Affirmo-te g^o tens
a vida e o coração dos 20 annos. /O Conselheiro sae/
Que triste espécie!

Acto 7^o

Barão, Clotilde, depois o Criado.

Barão.

Está' boa? e Amelia? ainda não a vi esta manhã.

Clotilde.

Está-se apromptando p.^a sair comigo, mas antes vi-
ra' trazer-lhe o seu raminho de violetas. Creio g^o
morreria no dia em g^o não cumprieste este desejo.

11
Sobre filhinta!

Barão.

E' a' Sur.^a q.^d ella deve espar idéas romanticas. Elver
p.^a o ideal!... q.^d loucura! Se o ideal, q.^d e' o rei
no côr do roza, desaparece do céu e da terra,
achato-hiam no seu coracão. Que tem a dizer-me?

Clotilde.

E' uma descoberta q.^d eu e Amelia fizemos hontem
em uma das nossas excursões de cariô.^e. Bem
sabe q.^d agora levo a corrimão. Como principia
a envolver-se no turbilhão mundano, acho bom,
p.^a q.^d não se torne demandado frivolo, mostrar-
lhe de q.^d em q.^d o lado serio da vida. Uma me-
nina q.^d vê os pobres de manha, inspira menos re-
ceio no bulício d'um baile. Parece q.^d as manhaas
lhe protegem as noites.

Barão.

Não vejo n'isso inconveniente. É a tal descoberta?

Clotilde.

É-a. Os pobres q.^d mais procuro, são aquelles q.^d mais
se escondem... os chamados = pobres envergoados =
ou = pobres activos = Entre estes achei um q.^d o ha de
interessar, creio. Sembra-me d'um tal Jorge de Maga-
lhães, de q.^m o Sur.^a me fallou algumas vezes?

Barão.

Sembro-me.

Clotilde.

Pois é esse.

Barão.

Conheço, perfeitamente! é um dos meus compatriotas
d'infância. Ora está! Pois ainda vive aquelle
pateta?

Clotilde.

Vive, mas vive mal. Trabalha em uma typographia,
e perde a maior parte das noites escrevendo a' raso.
Nem d'isso tem a mulher in^{te} doente.

Barão.

Ah!

Escola Superior de Teatro e Cinema

Clotilde.

É por infelicidade também o pobre homem esteve doente
uns dois mezes. Finalm^{te} é uma desgraça. Disse-me
g^o já o procurara mas g^o não o deixaram entrar.
Acorrelhei-o p^o g^o viesse esta manhã, e espero me
recusar-lhe o obsequio de o receber. Faz-me isto, não
é'aprim?

Barão.

Sinto tanto g^o fazer! / Reflectindo, enfim, uma
vez g^o o deseja, recebo-o-hei.... tratarei m^{mo}

de o empregar n'alguma coisa. Era um boni rapaz.... uma cabeça vulcanica, um poeta, um devaneador, mas inteligente. E' provavel q' o tempo e a miseria o tenham acalmado. Se elle quizesse.... activo corro e'.... Enfim esperemos q' elle chegue. / Toa a comprinha, o Criado apparece. / Se vier o Sr. Jorge de Magalhães, mande entrar.
Clotilde.

Agradeci-la.

Barão.

/ o Criado, q' vai p. sair. / E tambem o Sr. Dr. Alberto de Lima. / O Criado me.
Clotilde.

Alberto de Lima! sera'?

Barão.

O filho do meu ex-socio no Porto, exactam. e' e' advogado em Br.; tem talento e dizem q' não e' feliz. Desejo obsequiar-o. Seu pai era um pateta q' se deu ao emproteccer, e q' ainda em uma cahir na creancice de se matar. Mas corro formos amigos por m.º tempo, desejo ser util ao filho. Espero-o hoje.
Clotilde.

E' uma nobre accão. Agradeço th'a do intimo d'alma.
Barão.

Se nos harmonizarmos, será um bom amigo e
meu filho.

Clotilde.

O pobre Cesar precisa tanto de bons amigos! A
propósito, veja se consegue fazer com q.^o elle não falte
tão livremente diante de mim, e de sua irmã. Ain-
da hontem, q.^o nos foi buscar ao theatro... creio q.^o
havia pântado bem, e... affligio-me bastante.

Barão.

/Zangado/ Mande-m'o cá' apenas elle chegar. /Ouve-se
dentro a voz de Cesar./ Espere... parece-me q.^o é' elle.
/Bate a' Indó a' porta do F. e chamando./ Cesar!

Cesar.

/Dentro/ Calha-te, animal! Tu é' q.^o tens a culpa,
repieto!

Barão.

Cesar!

Cesar.

/Dentro/ É' um estúpido. /Entra de botas esporas, e chicote./

Scena 8.^a

Os M.^{mes} e Cesar.

Cesar.

Apertando a mão ao Barão. Bom dia, meu pai! Beijando a mão a Clotilde. Bom dia, m.^a mãe! Estou furioso!

Barão.

Furioso! Com q.^m?

Cezar.

Com aquelle alarve de João q.^l morria a cavallo q.^l parecia uma ama de leite! Escapou ha' um instante de esbarrar ^{+ ruído de} com os meus famigerados alarvos de encontro a' grades do passeio.

Barão.

É q.^l provavelmente estava embriagado. A proposito de embriaguez... vê se me fazes o favor de não te embriagares tambem, q.^l fores ao theatro em companhia de tua mãe e de tua irmã!

Cezar.

Eu? Corro! Dar-se ha' o caso, m.^a querida mãe, q.^l eu não estivesse convenientem.^{te} hontem a' noite?

Clotilde.

A pergunta é ociosa, bem o sabes.

Cezar.

Mãe! sim, agora me lembro. Que quer, m.^a boa mãe, o drama era tão furebre e Amelia estava tão commovida, q.^l não tive remedio senão alegrar

a situação.

Clotilde.

/Ao Barão./ Minha filha, espera-me. Reconvém-
do-lhe de novo o meu protegido.

Barão.

Pode ir descansada. /Clotilde vai p.^a sair./ Ah!
peço-lhe q.^d vá com Amelia ao hotel central fazer
uma visita ao Comendador Saraiva, e a' Snr.^a,
chegado ultimam.^{te} do Brasil. São pessoas distinc-
tas com q.^m desejo relacionar-me.

Clotilde.

Só poderemos ir a' noite.

Barão.

Com tanto q.^d não falthem. /Clotilde sai/

Scena 9.^a

Barão e Cezar.

Cezar.

/Ap.^{te}/ Prepararemos o apalto. /Indo apoiar-se nas costas
da poltrona onde se foi assentar o Barão./ Como passou
d' hontem p.^a cá, o meu querido pai?

Barão.

Estranho-te a pergunta. /Volta-se p.^a elle/ Temos

alguém perdido, a julgar pelo interesse q.^l mostras
pela m.^a saúde.

Cezar.

Foi o meu querido pai não acha natural q.^l eu...

Barão.

Não; conheço-te. Onde te mettes-te a noite passa-
da q.^l não te tornei a vêr?

Cezar.

Fui... modestam^{te}, corro um santinho, passar o resto
em casa d'um amigo.

Barão.

E q.^l fizeram n' esse tempo?

Cezar.

Conversar com as Sur.^{as} e por fim...

Barão.

Por fim....

Cezar.

Passando-lhe as mãos a' ronda do peçoço, pela banda de trás

Por fim, meu querido pai.... jogámos.

Barão.

E a julgar pelo crescim^{to} de ternura q.^l me estás teste-
monhando, perdeste? Já esperava por essa conclusão.

Cezar.

Não foi a banca francesa, foi ao voltarete... a' quella

honestissims voltarete g.^o meu pai conhece.
Barão.

Quanto?

Cezar.

/Tapando p.^o a frente/ Mas na verd.^e meu querido
pai, acho-o hoje com um ar extremam.^{te} jovencil.
Barão.

Quanto?

Cezar.

/Pim-dam.^{te}/ Cem libras....

Barão.

/Dando-lhe o dinheiro./ Toma.

Cezar.

Obrigado.

Barão.

Agora previno-te d'uma coisa; e g.^o não estou
disposto a deixar-me empobrecer alimentando a
tua ociosid.^e

Cezar.

A censura e' mal cabida. Se não trabalho, a
culpa e' de meu pai, por g.^o m'o prohibio expressam.^{te}
Barão.

Mas não te authorizei p.^a g.^o jogar. Dou-te to-
dos os mezes uma quantia sufficiente p.^a as extrava-

15
gancias d' um rapaz. Pagarei ainda a primeira divi-
da q^l. contraires, mas suspendo-te a mezada.. Ficas
prevenido.

Cezar.

Accendendo um charuto e sorrindo. Bem sabe q^l não
acredito n' isto.

Barão.

Pois sim, Mas será' bom q^l não te fies nos teus
direitos civicos. Tenho um código especial q^l
acaba sempre por fazer lei.

Cezar.

Estranho-o deveras hoje, meu pai!

Criado.

At. 1. Esta' lá' fôra o Sr. Jorge de Magalhães.

Barão.

Manche entrar. O criado sai. - A Cezar. Troca por tro-
ca, meu cavalheiro. Continuo a ser teu amigo;
não e' justo q^l sejas meu inimigo. Dize ao criado
q^l me traga o almoço.

Cezar.

At. 2. sahindo. E' um homem activo, meu pai!

Barão.

At. 3. vendo-o sair. Jogador presentem... o q^l será'
no futuro?

Scena 10.^a

Barão, Jorge e o Criado.

Criado.

/Anunciando/ O. Sur. Jorge de Magalhães. /O Barão está junto da secretaria vendo alguns papeis, e continua a' entrada de Jorge, sem se voltar. Jorge traz casaco preto um tanto rufo, gravata branca ^{pendurada} e com as pontas calçadas, luvas pretas e já furadas nos dedos, barba grisalha e inculta, cabellos grisalhos e em desordem, olhos encovados, aspecto desarranjado. Fica um mom^{to} ao pé da porta sem se animar a descer, rotando nas mãos o chapéu velho, e olhando em roda de si com embaraco e confusão./

Jorge.
Queria desculpar-me, Sur. Barão, se tornei a liberd^{de} de A Sur.^a Baroneza e 'g.^l me animou
Barão.

/Sem se voltar e estendendo-lhe a mão/ Bom dia, Jorge.
Estas bom?

Jorge.
/Espantado e tomando-lhe a mão a custo/ Como!
pois V.^{ex.^{ua}} Reconhecer-me?

Barão.

/Voltando-se p.^a elle/ Ah! estás um tanto mudado...

/Sorrindo/ como eu!... Já não temo 20 annos,
meu amigo! Ora o Jorge! /Apostando-lhe a mão/
Que felicidade é encontrar-se a gente depois de
tanto tempo!

Jorge.

/Alegre e enternecido/ Palavra d' honra? não te
envergonhas de me apertar a mão? /Enchugando
as lagrimas com a manga do casaco/ Desculpa-me,
meu amigo... mas não esperava este acolhi-
mento! Na tua ponica, confesso q. é uma virtude.
Barão.

/Sorrindo/ Ora varrão, vejo q. és ainda o m.^{mo}
erianicola d'outro tempo. /Jorge vacilla/ Então
q. é isto? Escola Superior de Teatro e Cinema

Jorge.

É q. estive doente e... estou ainda m.^{to} fraco.

/Sorrindo/ As grandes commoções fazem-me mal.
Barão.

Pobre rapaz! É verdade, agora reparo q. estás
um tanto decaído. /Dois criados trazem uma
meza sobre a qual está servido um opulento almoço/
Portam aqui. Queres almoçar comigo, Jorge?

Jorge.

/Timidam.^{to}/ Obrigado, já'almoocei.

Barão.

E q.^l tem isto? Amoras segunda vez. Um corva-
lescente nunca deixa de ter... forte.

Jorge.

É realm.^{te} boudo p.^a comuigo, mas....

Barão.

Corre sempre alguma coisa. / to Criado. / Um talher,
e deixem-nos. / O Criado arranja prato, talher sr. - A Jorge.
Então? senta-te, meu velho. / Outro criado chega uma
cadeira. / Há quanto tempo, hein?! Biblioteca de Lisboa

Jorge.

Há 30 annos!... por q.^l há 30 annos q.^l sahi de Porto.

Barão.

Trinta annos, é verd.^e! Queres q.^l te sirva? Per-
diz gostas?

Jorge.

Parece-me q.^l sim, meu amigo.

Barão!

/ Servindo-o. / Por q.^l não me procuraste há' mais
tempo? Sou m.^{to} conhecido em. Lx.^a... não podias igno-
rar a m.^a existência.

Jorge.

Em primeiro lugar por q.^l duvidava da tua eden-
ti.^d Em vas.^l me recordava das esperanças,

17
9.^o os seus primeiros annos inspiravam; depois, hen-
tava em reconhecer o meu antigo companheiro do
Fôrto aquelle diábrete q.^o deixei simples caixeiro
d'um carrista, e q.^o por uma singular melho-
morphose encontrava no fim de 30 annos trans-
formado no astro do mundo financeiro, no ele-
gante por excellencia, no Monte-Christo da actua-
li.d.^e, no apumto de todas as conversações da actua-
li.d.^e capital! A final, resolvi-me um dia a ave-
riguar a verdade. Esperei-te a' porta da tua
casa... e na occasião em q.^o descias da carrua-
gem, fitei-te bem e Ah! meu amigo!...
o coração pulsava-me no peito... cuidei q.^o tivesse
ali um accidente!

Barão.

Nottei, Mas como o meu aspecto não é' ta'
dos mais recommendaveis, o porteiro mon-
trou-se pouco benevolo. Não insisti; disse
p.^a commigo: "A riqueza estragou-o, talvez...
como estragara talvez o porteiro! Paciência...
é' mais um q.^o se perde!" Foi preciso q.^o hon-
tem, o Sur.^o Baroneza, ... a tua santa mu-
lher!... Que anjo, meu amigo!... é' o sym-
bolo da caridade!

Barão.

E' dizer bem. — Contellitas? queres? / Servindo-o.
Mas vamos lá, conta-me o q' tens feito.

Jorge.

Sou revisor em uma typographia; e q'd me sobra
tempo e tenho luz, escrevo a' raza.

Barão.

E desperdiças-te 30 annos p.^a conquistar esta posição?

Jorge.

/ Com um suspiro. / Desperdicei.

Barão.

Com a tua intelligencia, a tua educação e o teu ar-
dor.... como demonio ficaste tão fundo na escalla social?

Jorge.

/ Modesto. / Que queres? A infelici'de associou-se
commigo... nada me satis como esperava. Sem-
brar-te de q' as m.^{as} idéas eram um tanto exaltadas?

Barão.

Sembro-me. / Bebo. / Já n'aquelle tempo sonha-
vas com a republica universal! / Deita-lhe vinho
no copo. / Bebe.

Jorge.

Não era tanto apinh.

Barão.

Não negues.

Jorge.

Foi bem, não o nego. Mas não quero q^l me creias um homem sedento de sangue.

Barão.

Não creio, descança. És um republicano platónico.

Jorge.

Também não sou complectam^{te} platónico. Olha, amigo, queres q^l te faça a m^a profissão de fé?

Barão.

É inútil. Conta-me antes a tua vida, prefiro isto. É no trabalho q^l se conhece o trabalhador.

Jorge.

Foi ruim. / Depois d'um instante. / Saber q^l no verbor da moir^{de}, uma grande idé^a, um grande sentim^{to}, uma grande illuz^{ão} talvez, me dominava o coração. Era o amor e o respeito da humanid^{de}, e como consequência necessária, o desejo ardente de lhe ser útil. Ambicionava, como toda a gente, enriquecer... mas queria enriquecer fazendo bem!

Barão.

/Com ironia./ Oh! poesia!

Jorge.

Aqui tens o ideal q^l. busquei de terra em terra,
de plaga em plaga, por espaço de 30 annos!
Barão.

Tobre Jorge! / Deitando-me vinho / Bebe.

Jorge.

Experimentei successivam^{te} quasi todas as profissões,
advogado, negociante, jornalista, operario...
tentando moralisat-as... e còro de vergonha dos
meus semelhantes, pensando na indifference e ingraticidã
q^l. serviram d'agasalho as m^{as} mais dignas
tentativas!

Barão.

E' na verdade q^a. desesperar. Deitando-me vinho / E
depois?

Escola Superior de Teatro e Cinema

Jorge.

/ Respirando largam^{te} depois de beber e pondo a mão abri-
ta sobre o copo Não me dêis mais vinho! Depois
... viajei.

Barão.

Ah! viajaste!

Jorge.

Prodigiosa^{te}! Mas nunca por divertim^{to}, co-
mo vais vêr. Sembrar-te da m.^a grande pas-
são por Lord Byron?

Barão.

O grande poeta inglez g^o morren ha' m^{to} tem-
po, lembro-me.

Jorge.

Era jantam^{te} a sua morte q^o eu admirava! A
m^a unica ambicao era morrer assim, dedicando-
me, como elle, a realisacdo d'uma idea gran-
diosa... a' liberad^o d'um povo! Tornei, pois,
como dever sagrado, correr aoride ouvisse gemer
um opprimido, chorar uma victimia, padecer
um innocente! Imagina aoride cito me levou!

Barão.

Aoride?

Jorge.

A toda a parte... do norte ao sul, da europa a' A-
merica, Principiei pela Hespanha onde fui gra-
vem^{te} ferido; depois passei a Italia onde enca-
pei de morrer envenenado... e um dia a-traves-
sando o oceano, fui desembarcar no Rio da Prata.

Barão.

No Rio da Prata? Mas qual foi a idea q^o te
impellio p^o o Rio da Prata?

Jorge.

Animando-se. A emancipacdo d'um povo!

Barão.

Ah!

Jorge.

Mitê-me nas fileiras dos voluntários e combati com elles.

Barão.

Foste ferido?

Jorge.

Duas vezes. Infim, g.^o mais te direi? Depois de sacrificar o resto do meu património, de ter sido ferido 3 vezes e outras tantas condemnado a' morte....

Barão.

O g.^o? condemnado a' morte?

Jorge.

É' verdade, meu amigo. Aqui onde me vêz, fui 3 vezes condemnado a' morte.

Barão.

Sorrindo. Felism.^{te} não foste executado.

Jorge.

Em summa, depois de 30 annos de semestante vida.... proscrito aqui, condemnado ali, pobre, doente... vais talvez accusar-me de fraqueza.... confesso-te g.^o desanimar-me!

Barão.

/ Dutando-lhe vinho. / Faltas serio ?

Jorge.

Muito serio ! Não me dê mais vinho, por favor !
Permitter q.^l desapeste a gravata ?

Barão.

Tira-a, se quizeres.

Jorge.

Tira-a, se quizeres.

Jorge.

/ Um tanto ebrio. / Não, obrigado. / Depois de desatar
a gravata e respirar largam^{te}. / Ora ali tens, meu
velho, uma idé'a geral da m.^a existencia.
Não te quero enfastiar com os proemores ...
por q.^l já vês q.^l não me faltou activid^e. Gastei
um capital enorme d'ardor, de energia, de
perseveranca ! Chego até a apostar-me q.^l
penso n'isto ! O q.^l tentei !... o q.^l pensei !
Fui lá, fui advogado, negociante, operario,
jornalista, soldado marisqueiro / Sevantan-
da-se com exaltacao e passando. / fui Deus !

Barão.

/ Sentado. / Deus ?

Jorge.

Era por ali q' eu devia correr. Estava na flor da vida, imaginava uma religião nova, uma religião honestíssima de q' eu era Deus! Imaginava uma tolice, mas aos 18 annos ainda se está de boa fé. Transformei o meu quarto n' um templosinho, arranjei um formosissimo vestuario de veludo preto com uma placa de prata no peito, onde se lia a palavra = Amor = e deparado aos pés do meu idolo um coração ainda virgem! Não passava d'uma tolice, e' certo, mas ao menos alimentava-me a crença!

Barão.

Com q' entao, forte Deus, na tua mocidade?

Jorge
Muito exaltado e enternecendo-se por fim. Saber qual e' o retorno de tudo isto? E' q' os horrores nada valem, ou pelo menos valem m.^{to} pouco! E deploravel, palavra d'horra, e' ate' ignobil, q' um pobre diabo como eu, a q' não apozuenta o remorso d'uma accão má, q' por espaço de 30 annos consagrou á intelligencia, o patrimonio, as vigílias, o sangue, a vida... á busca d'algu- mas chimeras, como elle chamava, mas nobres chimeras!... e' ignobil, reputo, q' este homem

tinha a dor de vir, na hora dos cabellos brancos, morrerem-lhe de frio e de fome ahí n'um desvão, a mulher e 4 filhos! Da cá a tua mãe! Estava proximo d'um desespero, absoluto e prestes a renegar a humanid^{de}, e es tu, tu, meu amigo, q^l fizeste reviver na m^a alma a esperanca e a estima dos meus semelhantes! / Apertando-lhe fortem^{te} a mão Deus t'o pague.

Barão.

/ Servantando-se / Excelente rapaz! / Tem entrado o criado com uma bandeja q^l põe sobre a mesa do L/ Cha', ou café!

Escola Superior de Teatro e Cinema

Jorge.

Chá... / Respirando / quero chá!

Barão.

/ Em q^{ta} o criado os serve de chá / Pois, meu pobre Jorge, queres saber a conclusão q^l tiro de tudo isto? É q^l te falta o q^l me sobra, a pratica. Estou-teaste toda a vida n'um abysmo a q^l chamo = utopia. Entregaste corpo e alma a' realisacão d'uma idéia estúpida e perdeste-te. O meu ponto de partida foi exactam^{te} o contrario do teu. Apavora-me a utopia.

Jorge.

Com a chicara na mão! Desculpa, meu amigo; mas a g^l. chama tu utopia?

Barão.

A tudo g^l. não é' pratico, g^l. não é', em moral, = o meu e o teu = em phylosophia, 2 com 2 são 4. Ilusões poeticas, preconceitos de infancia, superstições romanticas, sensibili^d. doentias, fra-
zes sonoras e vãs... tal é' o reino da utopia!

Mor, ainda, vi os meus semelhantes enmagados por todas as escravidões gratuitas. Sabes o g^l. me inspiraram? desdém! Desde esse mort^o. resobri não ser p^o. elles um semelhante.

Jorge.

É um homem singular!

Barão.

Permeado de g^l. era esse o ^{verdadeiro} ~~meio~~ meio de lhes po-
der ser útil, disse p^o. conrugo: "O homem g^l.
se sente nascido com alto instincto, tem, como
primeiro dever, cumprir um alto destino!"

Não ignoras g^l. os altos destinos não são p^a.
os homens fracos. Eis por g^l., respeitando os
verdadeiros principios. sociais, calquei aos pés,
desde a mori^d. tudo g^l. constitue a fragueza

do vulgacho, tudo o q.^o e 'de convenção, todos os
sentim^{to}s parvas e litterarios com q.^o esta
pobre humanid.^e se apraz em afferrimar ain-
da mais a sua debelid.^e natural, atormentar
a sua consciencia, tornando mais pesado o seu
fardo! De animo livre, coração de pedra,
e fronte erguida, atravespei 'apostam^{te} as tur-
bas sem receiar ninguém, sem nada receiar;
codrigo em uma das mãos, e parda na outra,
e aqui me tens.

Instituto Politécnico de Lisboa

Jorge.
E' um homem singular!
Barão.

Aqui me tens, mais convicto do q.^o nunca, de q.^o
o horrendo q.^o atravanca a tua vida com toda
essa bagagem ideal de q.^o discreptam^{te} me desfiz,
pode ser ~~este~~ um homem honesto, até um ho-
mem notavel; mas nunca um homem forte,
um homem feliz, e ainda menos um homem
util! Tens a prova em ti. Que lucraste com
30 annos de dedicacão aos teus semelhantes?
nada! Os homens, como eu, servem a humani-
d.^e, servindo-se a si proprios. Com as m.^{as} ferozes
theorias, faço viver milhares dos teus semelhan-

ter, tu, com os teus sentim^{tos} humanitários, nem
seguir te podias alimientar.

Jorge.

Pondo a chicara sobre a miza / Confesso q^d por mais
d'uma vez tenho perguntado a mim^{mo} m^a
se por ventura não andei illudido em toda a
m^a vida. Talvez a verd^d esteja no q^d dizer...
e talvez o espirito verdadeiram^{te} forte!

Barão.

Não o duvidas. Sou verdadeiram^{te} forte! Se co-
nheceses de perto a m^a vida!... So' tive
uma fraqueza... uma 10'! Foi ha' 25 an-
nos... apaixonrei-me seriam^{te} por m^a mulher.
E' o unico erro de q^d me accuso. Fora d'isso,
nem a menor loucura. Cheio do sentim^{to} da
m^a immensa utilid^d no mundo, tanto sido
p^a mim um ente sagrado, infalivel, inviola-
vel; como tu... e' o nosso unico ponto de
contacto... fui, sou, e serei um Deus! Queres
ser o meu propheta com os contos de reis an-
tuas e casa p^a mover?

Jorge.

Atendo. Não zombes, meu amigo... seria
cruel na m^a posição.

Barão.

Queres?

Jorge.

Si, amigo... por favor não me dê mentidas alegrias!... repara na perspectiva q. me abres! Roubar a' miséria aquellas pobres creaturinhas q. são a m.^a vida... vê-las felizes... sorrindo... por q. oitão, não tenho outra ambição, não me resta outro ideal... a creença na 'humanidade, e o pão da m.^a família! 'E' pai, sabes como se quer aos filhos... não brinques com isto por q.^m ei!

Barão.

Dou-te a m.^a palavra de q.^l fallo serio. Serás ainda em cima a vantagem de nadar no teu elemento... fazer bem aos teus semelhantes.

Jorge.

Mas em q.^l paiz? Na China? Na lua?

Barão.

Mais perto; no Muiko, proximo da villa de Barcellos. Escuto, / Sentam-se ambos / Ergo-te a taça dos prazeres; acho-me agora na id.^e da ambição e quero q.^l a m.^a vida seja com- plecta. Aspiro a uma cadeira em S. Bento; preciso ser deputado. Para o conseguir com-

prei um magnifico palacio e quinta nas imme-
diacoes de Barcellos. O deputado por aquelle
circ'o esta gravem^{te} enfermo, segundo as noti-
cias q^l recebi, e talvez nao dure 15 dias.
Nunca moraste em um palacio?

Jorge.
/ Simpler m^{te} Nunca, meu amigo.
Barao.

Foi bem, vae morar agora. Fera' a' tua disposi-
cao o predio, o portar, o jardim, tudo q^l la' exis-
tir. Se o homem morrer, cu'dara' pouco da pro-
pried^e e m^{te} da m^a candidatura. Muita mu-
lher e m^a filha irao la' passar o verao; eu fico
em S^x^a por causa dos meus negocios. Fera' as
honras da casa. E' activo, inteligente, sympa-
thico; buscaras todos os meios possiveis p^a me
atrahir as sympathias da localid^e. Dara' es-
mollas a' pobreza, a' igrejas, aos azylos; ani-
maras a agricultura e a industria; presen-
diras as festas de carid^e; enfim, fera' tudo
o q^l te sugerir a tua veia humanitaria.
Tem carta branca e credito illimitado. Conveniente?

Jorge.
Perfeitam^{te}. Nao podias sonhar tarefa m^a.

conforme com os meus sentim^{tos}. É uma vez q^a
a tua opinião politica não va' d'encontro ás
m^{as} antigas convicções.....

Barão.

/Sorrindo/ Tranquilisa-te; a esse respeito estou
mais adiantado do q^a tu. Sou homem do progres-
so.... gosto da liberd^{de} a' americana. Não vais
pedir-me a felici^d do universo, creio eu, nem
a abolicão do contracto do tabaco?

Jorge.

De certo.

Barão.

/Rindo/ Ainda bem.

Jorge Criado.

/Ao F./ Esta lá fora o Sur.^{te} D.^o Alberto da
Lima.

Barão.

Diga-lhe q^a tenho a bord^{de} d'esperar um ins-
tante. /O Criado sai/ Quando vais tomar pos-
se do teu palacio?

Jorge.

Quando quizeres.

Barão.

Toda a demora e' prejudicial. Volta ca'

amanhã a esta hora; organisaremos o nosso pla-
no. Entretanto, vou dar-te um adiantam^{to}.
/ Pára da secretaria algumas notas do Banco e da-
as a Jorge /

Jorge.

Pára a felicidade ser completa, dá-me licença q^{te}
te apresente m^{ra} mulher e meus filhos, quero
q^{te} te agradeçam de joelhos.

Barão.

/ Vivam^{te} / Depois, depois, meu amigo, deixe-m^{os}.
nos por agora de poesia. Até amanhã!

/ Jorge aperta-lhe a mão e dirige-se p^{ra} o F. —

Pára alguns instantes diante da porta, depois volta
a Barão, com a mão estendida e as lagrimas nos olhos /

Jorge.

É um homem de bem!

Barão.

Até amanhã! / Jorge sai. — O Barão toca uma
campanha. — O Criado apparece. / Mande entrar
o Sur^{te}. Dr. Lima. / O Criado sai /

Scene II^a

O Barão, depois Alberto e o Criado.

Barão.

A miséria abateu horrorozam^{te} este homem !...
Os bons manjares hão-de remocá-lo.

Criado.

/Anunciando/ O Sur.^l D.^o Lima.

Barão.

/Ap^{te} e tornando-se repentinam^{te} m^{te} sério/ Outra lyra!

Alberto.

/Cumprimentando-o/ Sur.^l Barão!

Barão.

/Depois d'um ligeiro cumprim^{to}, Ap^{te}/ É o retrato do
pai! /Alto, indicando-lhe uma cadeira/ Queira ter a
bond^{de} de sentar-se. /Sentam-se/ Fize horitem
a honra de procurar V^g^a em sua casa; vejo q^d
lhe entregaram o meu bilhete e agradeço-lhe a
promptidão da visita.

Alberto.

/Fria^{te} e inclinando-se/ Sur.^l Barão.

Barão.

Creio q^d lhe não é estranho o meu nome?

Alberto.

Quem é q^d não conhece V^g^a?

Barão.

Mas V^g^a conhece-me talvez mais, q^d ninguém.

/Alberto inclina-se com a m^{ma} frieza / Sur. D.^a, não
dejo despertar-the recordações dolorosas; mas o
passo q.^l dou, ser-the-hia' absolutam^{te} inexplic^{avel}
cavel se não the lembrasse q.^l ha' 20 annos,
fui por algum tempo socio de teu pai.

Alberto.

Su', Sur. Barão.

Barão.

/Encarando-o com extrema attenção / N'essa época,
era 88.^a ainda uma criança; e natural q.^l
não conserve de mim a menor reminiscen-
cia. Salvo se a tua família the tem fallado
do a meu respeito.

Escola Superior de Teatro e Cinema

Alberto

A m.^a família, actualm^{te}, resume-se a uma
tia idosa q.^l cuidou de mim depois do desas-
tre da nossa casa. A pobre Sur.^a vivia na
abstracção; ignorava... e ainda ignora, o q.^l
vai pelo mundo, até m^{ma} o nome de Vex.^a,
crio eu. Além d'isso, uma das coisas q.^l evita-
mos com mais sollicitude, é a recordação do passado.

Barão.

/Como livre d'um grande pezo / Nem vale a pena
recordal-o. Se toquei n'isso, foi unicam^{te} p.^a

26
g.^o V.^o comprehendendo os sentimentos q.^o me animam.
Julgar-me-hei m.^{to} feliz, se o Sur.^o D.^o me fizer
a honra de se utilizar do meu prestimo.
Alberto.

Sur.^o Barão....

Barão.

Estive ha' dias na Boa-Hora; ouvi-o advogar; in-
formei-me, e fiquei realm.^{te} admirado, de q.^o
um homem com o seu talento, não tenha ainda
obtido, nem a reputação, nem a fortuna q.^o merece.

Alberto.

V.^o julga-me com extrema benevolência.....

Barão.

Sou justo. Avalio o seu merecim.^{to}; e p.^a th'ò pro-
var, permita-me q.^o lhe falle com aquella fran-
queza com q.^o fallaria a um amigo. Estive ha'
dias na Boa-Hora, como lhe disse. Em q.^o
o D.^o advogava a causa do seu cliente... tra-
tava-se d'um roubo, se não me engano.....
notei q.^o lhe faltava por vezes aquelle ardor,
aquella energia indispensavel ás mais
brilhantes facul.^{des}. Com intenção, Advinhava
se q.^o havia um desgosto na sua vida....
Movim.^{to} d'Alberto. — Vivam.^{to} Não th'ò per-

guinto. Se e' verdade, offereço-me unicamente p.^a
marital-o.

Alberto.

/Depois d'um momento/ A linguagem por distiaes
affectuosa e franca de V.^{cia}, obriga-me a re-
ponder-lhe da m.^{ma} forma. E' verdade; ha'
um grande desgosto na m.^a vida. Caminho
de cabeça baixa, sob o peso d'um nome
nodoado! O Sr.^e Barão deve saber a g.^a
me refiro.

Barão.

Não exagere as coisas, meu amigo. Seu pai
foi desgraçado, mas a honra do seu nome ficou
intacta.

Alberto.

Acredito. Entretanto a minha memoria e' justam.^{te}
amaldiçoada por um sem numero de infelizes
g.^a entregaram os seus humilhados haveres a' guar-
da da sua proibi.^{ção}, e a g.^a meu pai arrastou
na sua queda. Como poderei reparar isto, ou
pelo menos esquecê-lo?... nunca! Se ao me-
nos tivesse uma esperanza... uma debil espe-
rança, juro a V.^{cia} g.^a não me faltaria
a coragem! Mas na m.^a posição, por mais

ardor q.^l eu empregue, nunca me poderei lison-
gear de ter ajuntado a somma bastante p.^a
lavar a nodosa de meu pai e restituir a
paz a m.^a consciencia.

Barão.

Era decerto uma coisa esp.^a p.^a desejar. Mas,
mudando d'assumpito, o Dr. tem, na ordem
dos desejos prohibidos, o de viver como exige a
sua posicão, e empregar dignam.^{te} o seu talen-
to. Consta q.^l lhe offereça occasião p.^a isto.
Consagrei-me, como sabe, a grandes operacões in-
dustriaes; resulta d'ahi um numero consideravel
de negocios forenses, tanto em Lx.^a como nas
provincias. O meu advogado, q.^l o Dr. deve conhe-
cer; esta velho e difficil.^{te} pode sair de casa.
Quer obsequiar-me accettando o lugar d'elle?

Alberto.

E' um patrimonio q.^l V.^{cia} me offerece, e um
patrimonio verdadeiram.^{te} honroso! Como po-
derrei recusar?

Barão.

/ Levantando-se / N'este caso, já' alevantia lhe
entregarei dois ou 3 processos.

Alberto.

Agradeço sinceram^{te} a V^{ra} e peço-lhe mil
desculpas pela frieza com q^l lhe fallei ao prin-
cipio. Não sei q^l inconcebível prevenção me
entrou no espirito a meu pesar. Os infelizes
são desconfiados, V^{ra} bem o sabe.

Barão.

/Sorrindo/ E os advogados? Para desvanecer
inteiram^{te} essa prevenção, vou dar-lhe mais
uma prova da m^a sympathia. Sei q^l
está mal acomodado de casa; sem cair
no charlatanismo, e' preciso conceder alguma
coisa a' fragueza humana q^l se deixa levar
pelas apparencias. Aquella em q^l o D^o moro,
faz-me lembrar o tempo em q^l eu apenas ganha-
va p^a comer. Além d'isso, a natureza das
nossas relações, exige q^l estejamos proximos.

/Sorrindo/ Vou propor-lhe uma coisa, mas espero
q^l não supponha q^l quero lucrar com o meu
amigo. A sobre loja da m^a casa está disponi-
vel; e' um aporento q^l lhe convem. Quer?
e' barato; com mil reis por anno, q^l poderá
descontar nos seus honorarios futuros. Está
decedido, não e' assim?

Alberto

/Somnido./ N' este ponto, peço a V. Ex.^a q.^{ta} me
dê algum tempo p.^a reflectir. Sem fallar
do preço, q.^{ta} transforma os meus hábitos econo-
micos, tenho idéas, predilecções d' independen-
cia selvática, q.^{ta} difficiliss.^{ma} poderrei....
Barão.

Deide q.^{ta} isto o contraria, não insistirei mais.
/Ouve-se dentro a voz d' Amelia. O Barão sobe e
falla p.^a dentro./ Que é isto?

Scena 12.^a Os Menos e Amelia.

Escola Superior de Arte e Cinema

/Dentro./ Menos eu. /Entrando com um raminho de
3 ou 4 violetas e correndo ao Barão, sem ver Alberto./
Não é' verdade, meu pai, q.^{ta} posso entrar no seu
gabinete a qualquer hora... ainda q.^{ta} não seja
senão p.^a o abraçar? /Abraça o Barão, depois vendo
Alberto, umprimenta-o timidam.^{te} /Alberto faz um ges-
to de surpresa como se a reconhecesse./

Barão.

Então q.^{ta} tenos, feiticeira?
Amelia.

/ Chamando-o, ap. 7 / Vou sair com m.^a mãe e 10' vol-
tamos a' noite. Bem sabe a m.^a superstição;
não teve um minuto de tranquilid.^e senão o
deixar condecorado com este talismã. / Tendo
o raminho na casa do Barão. /

Barão.

Vamos lá creança. / Beijando-a na testa. / Anda
ao menor depressa, filha.
Amélia.

Troncho. / Fazendo-lhe com o dedo um gesto amea-
çador. / Quando voltar-mos, não o quero encon-
trar sem a condecoração; torre sentido.

Barão?

Podes ir descançada.

Amélia.

/ Baixo ao Barão. / Quem é' aquelle Sr.^o?

Barão.

É' o meu advogado.

Amélia.

É' g.^o mais?

Barão.

Provavelm.^{te} será' uofo inquilino da sobre-loja.

Amélia.

/ Olhando p.^a Alberto furtivam.^{te} e continuando a saltar. /

Amendi-lh'a desde já. / Mto! Mto' logo, meu querido
do pai. / A Alberto! Sur!!

Alberto.

/ Depois de a cumprimentar e em g.^{to} o Barão a acompanhar até a porta do F., ap.^{to} / Tenho presente ainda esta recordação! E' ella!

Scena 13.^a

Alberto, Barão, e depois Francisco.

Barão.

/ Voltando: Dizia-me, D.^{to} ... Mto' ... Sim, g.^{to}
a primeira proposta, e não g.^{to} a sobre-loja.

Escola Superior de Cinema

/ Com embaraco, Tenho g.^{to} V.^{to} descubra em
mim um rigorismo ridiculo ... e se jul-
ga g.^{to} na m. nova ponicão devo ter esse lux.
Barão!

E' evidente.

Alberto.

A vista d'isso, sou inquieto de V.^{to} V.^{to}

Barão.

Optimo! Esta tudo arranjado. Meu advogado,
meu inquieto, / estendendo-lhe a mão / e espero

9.^o tambem meu amigo. / Alberto aperta-lhe a mão. /
Alberto.

Oh! Sur.^o Barão! / Francisco entra, e vendo Alber-
to, faz um gesto d'extrema surpreza, sem tirar os
olhos d'elle.

Barão.

/Com a mão d' Alberto entre as suas. / Não tenho
mais tempo p.^o lhe dar agora; mas se qui-
zer voltar esta tarde das 5 p.^o as 6 horas,
dar-me ha' o prazer de jantar comigo, e
entregar-lhe-hei os autos.

Alberto.

Voltarei. / Cumprim^{ta} e sae pelo L. - O Barão
acompanha-o. /

Barão.

/Descendo e indo a Francisco. / Que e' isto? Pare-
ces apontrado?! Que tens?

Francisco.

Nada... não tenho nada... e' aquelle Sur.
9.^o... enganou-me certam.^{te}

Barão.

Não te enganar; e' o m.^{mo} 9.^o pensar. Chama-
se Alberto de Lima, e' filho do teu antigo
paião, e d'hoje em diante meu advogado.

/Apontando p.^a a pasta q.^a está sobre a secretaria. /
 Está tudo assignado. / Saé pela D. /

Francisco.

/So! / Ha' tantos annos q.^a não o vejo. /

Sim do 1.^o Acto

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

Acto 2.

Uma quinta nos arredores da villa de Barcellona.
A' D. casa de campo d'apurado gosto e riqueza,
com venezianas em todas as janellas de saccada.
Um terraco com Metro e meio d'altura, e $2\frac{1}{2}$
de largura, toma todo o comprim^{to} do edificio,
tendo escadas lateraes e uma no centro. Balau-
trade de marmore em todo o terraco; sobre a
balaustrada, grandes arcos ingrainalados de flores,
trepadeiras e luzes de cores. Ao F., o pomar,
separado do edificio por uma grade de ferro,
tambem ingrainalada de trepadeiras, flores e lu-
zes. A' E., grandes arvores, cujos ramos estenden-
do-se por cima do theatro, alcançam o tecto da
casa. Tanguê, com repuchos, no meio da scena,
e rodeado d'estatuas de marmore. Mobilia
de junco, propria p.^a jardim. Nas arvores da
E., assim como no pomar, lanternas de diver-
sas cores. Ao levantar do panno, alguns aldeãos
vestidos de festa e dirigidos por fogueira, acabam
de illuminar o terraco. Aspecto animado.
E' noite.

Scena 1.^a

Jorge, Aldeão, e depois Amelia.

Jorge.

/ De caraca e gravata branca, mostra-se atarefado; dá ordens aos Aldeãos e occupa-se a engrinaldar de flores o pedestal da ultima esttua. Rios e vozes animadas q.^l parecem sair do edificio. Vamoz, zêto e activid.^e, rapazes! Não tardam a levantar-se da miza. Mas uma lanterna n'aquele arco da direita... optimo. Outra no arco da esquerda por causa da simetria; isto m.^m. / Ai do F. / Socês continuam a illuminar o portar. / Grutando p.^a a c.^l. / Ha' pouca luz d'esse lado!... se não ha' lanternas, vão buscá-las.

Amelia.

/ Saindo de casa, e debrucando-se na balaustrada. / Oh! como esta' bonito! tantas flores! tantas luzes! / Descendo a escada do meio. / Bravo, Sr.^l Jorge, bravo!

Jorge.

/ Avançando sempre o pedestal. / Não lhe parece q.^l esta' soffivelm.^{te} arranjado? Para improviso creio q.^l não se pode fazer mais.

Amelia.

está maravilhoso! Mas, por q. trabalha o Sur.
também?... o lhe q. assim vai ficar cansado.

Jorge.

/Sorrindo e indo a ella/ Qual, m.ª menina! Apesar
dos meus 50 annos, 3 feridas, e 3 condemnações
a morte.... /Fallando p.ª a D./ Olha, mais uma
lanterna p.ª aquelle lado! /A Amelia/ Sou
tão infatigavel como uma locomotiva!.....
principalmente q.º se trata de lhe ser agradável.

Amelia.

/Fazendo lhe festas/ Bem sei q. me quer m.ª
Também sou sua amiguinha, acredite. /Enfi-
ando-lhe o braço/ Diga-me, escreveu ao Sur.
Dr. Lima, pedindo-lhe q. viesse?

Jorge.

/Sorrindo/ Ora se escrever! bastava conhecer q.
a menina desejava aqui a sua presença.... /Com
malicia/ Tanto mais tendo-m'o pedido. /Por
aldeão/ O fundo ainda está m.ª escuro! luzes!
quero mais luzes! /Volta p.ª o pedestal/

Amelia.

Também não se esqueceu de convidar as princi-
paes famílias da villa?

Jorge.

De nada me esqueci.

Amelia.

Depois d'um momento, e encontrando-se ao outro lado do pedestal, g.^o Jorge está arranjando. Mas está bem certo de q.^o escreveu ao Sr. D.^o Lima, pedindo-lhe q.^o viesse?

Jorge.

Certíssimo!

Amelia.

E a carta chegaria a tempo?

Jorge.

Se for há 8 dias! Por criados, Trabalhem, tra-
balhem rapazes! Bem sabem q.^o é hoje anni-
versario natalicio do Sr. Barão, e q.^o podem con-
tar com boa molhadura.

Amelia.

Mandou afinar o piano?

Jorge.

Está prompto.

Amelia.

Então, uma vez q.^o haja q.^o dance O Sr.
também dança?

Jorge.

Quanto por tudo q.^o quizerem.

Arrelia.

Muito bem. / Vai p.^a entrar p.^a casa, mas volta-se
no meio da escada. / Olhe, oíça, Sur.^l Jorge. / Jorge
aproxima-se. — Sorriundo e pondo-lhe a mão no hombro.
Mas, está bem certo de q.^l, na carta q.^l escreveu
ao Sur.^l & Sima, pedia-lhe q.^l viesse sem falta?

Scena 2.^a
Os mesmos e Alberto.

Alberto.

/ Que tem entrado da c., e q.^l ouve as ultimas palavras.
Adiantando-se e cumprimentando. / Aqui tem a prova,
m.^a Sur.^a.

Arrelia.

/ Descendo vivam! e correndo a Alberto. / Ah!

Jorge.

Eugeneia?

Arrelia.

/ Estendendo-lhe a mão. / Não. / A Alberto. / Sabe
por q.^l o Sur.^l Jorge me mandou chamar?

Alberto.

Não, m.^a Sur.^a; mas o conteúdo da carta,
não dava lugar a hesitação. — Venha morto

ou vivo, com tanto q^l. traga uma casaca. = "Aqui
estou vivo e de casaca."

Amelia.

/A Jorge/ Cuida em tudo! É admiravel, Sr.
Jorge! /Atracando/ Não imagina como gosto
do Sr.!

Jorge.

/Sorrindo/ Bem sei, m^a. querida! /Ap^{te}/ Cha-
ma-se a isto carambolar por tabella. /Ouve-se
a voz do Barão, q^l. chama por Jorge/ O Barão
chama por mim. Ai logo. /Subindo as escadas e
gritando aos rapazes/ Mais luzes nas arvores! Que-
ro uma illuminação a Geórgio! /Entra em casa/

Scena 3^a

Alberto e Amelia.

Alberto.

V^{ra} ex^{ta}. podera' agora explicar-me o contheudo da
carta q^l. me chamou aqui?

Amelia.

Immediatam^{te}. em primeiro lugar e' hoje a fer-
ta das Cruzes, na villa. Sabe sem duvida q^l. e'
a festa mais notavel de Barcellos?

Alberto.

Sei; via duas vezes com meu pai. Da ultima,
tinho bem tristes recordações.

Amelia.

Sim?

Alberto.

É verdade, m.^a Sur.^a. Estava mor jantando em
casa d'um amigo, q^{do} meu pai recebeu uma
carta do Porto. Aquella carta, marcou uma
clatza bem triste na nossa existencia!

Amelia.

Noticiava talvez a morte d'algum parente?

Alberto.

/Depois d'um mom.^{to}/ Noticiava a morte de m.^a mae.

Amelia.

/Muito triste/ Ah! /Os aldeãos retiram-se pela 8./

Alberto.

/Depois de silencio, e como afastando-se de tristes pensam.^{tos}/

Mas, era unicam.^{te} p.^a vêr a festa das cruzeiras, q.^d
elle ^{cia} desejava aqui a m.^a presença?

Amelia.

/Sonrido./ Não! É hoje o anniversario de meu
pai; sei q.^d elle o estima deveras e q.^d sentiria
m.^{to} se não o achasse a seu lado n'este dia.

Além d'isso, temor uma festa de caridade. Meu
pai, querendo commemorar o dia d'hoje,
mandou indagar qual era a menina mais po-
bre da vizinhança, p.^a a dotar, afim de q.^o pos-
sa unir-se a quella q.^o seu coração tiver escolhi-
do. Eu e m.^a mãe concorremos também com
alguma coisa; uma da-lhe o vestido de noiva-
do, e outra uma jóia qualquer. Tudo isto é
lembrança do Sr. Jorge, q.^o tem um excellen-
te coração.

Alberto.

E' na verdade m.^{to} boa resolução.

Amelia.

Foi elle q.^o mandou chamar. eu tive a m.^{ma}
ideia, mas... / Disfarçando. / De q.^o era q.^o estava -
nos fallando?

Alberto.

Do dote q.^o o Sr. Barão tenciona dar a me-
nina mais pobre da vizinhança.

Amelia.

E' verdade. Vendo as excellentes disposições de meu
pai e sabendo o numero dos convites q.^o se fizeram,
lembrei-me de lhe pedir p.^a dar-mos um pequeno
baile, a q.^o elle annuo promptam.^{te} ja'ca'estao

algumas pessoas; o Barão de Monte-bello, o
Conselheiro Pécenha e Comendador Saraiva
com a Sur... Conhece?

Alberto.

Conheço. Quando o Comendador chegou do Bra-
sil, fui-lhe apresentado por um amigo.

Amélia.

E a Sur...?

Alberto.

Também conheço; jantamos juntos no hotel central.
É uma das Sur^{as} mais bem educadas e mais
formosas q^l tenho conhecido.

Amélia.

Um tanto despretada. Ah! acha a bonita?

Alberto.

Sympathico mais com ella, do q^l com o marido.

Amélia.

Naturalm^{te}. Quem sabe se também não está apa-
ixonado por essa formosura... como m^{tes} outros?

Alberto.

Sorrindo. Estou tranquillo a esse respeito.

Amélia.

Alegre. Felism^{te}... contendo-se p^a o Sur^o, p^o ro
seu repouzo. Fornando-se alegre. Enfim, todas es-

tas felizes circumstancias fizeram com q^o Sur^o
 Jorge desejasse aqui a sua presença, como ami-
 go.... e como dansante. Agora, dê-me licença;
 vou pôr algumas flores no cabelo.... p.^a poder
 walsar com o Sur^o. / Dirigindo-se p.^a a escada, e pa-
 rando nos prim.^{os} degraus, sorrindo, Devia-lhe esta
 explicação.... por causa da sua casaca. / Cumprin-
 mentando, Sur^o. D.^o...

Alberto.

/Cumprimentando, Minha Sur^a!... Lisboa

Amélia.

/Subindo mais 2 degraus e parando ainda, Não acha
 q^o estou hoje alegre de mais?

Escola Superior de Cinema Alberto

Ch! m.^{ca} Sur^a... na sua cidade....

Amélia.

Quasi sempre se está alegre, não é assim? Que-
 quer? gosto tanto de bailar!

Alberto.

/Sorrindo/ Naturalmente!

Amélia.

E há tanto tempo q^o não danço! / Pausa. Des-
 cendo e indo a Alberto, Meu Deus! Como o Sur^o está feliz!
 E' por eu estar alegre? faço mal?

Alberto.

/Gravem^{te}/ Não? No dia em q.^l tive a honra de
a encontrar pela primeira vez, julguei-a logo.
N' aquelle dia estava V.^l bem séria!

Amelia.

N' aquelle dia? Foi não foi em nossa casa, q.^l
o Sur.^o cá tratar com meu pai, do arrendam^{to}
da sobre-loja?

Alberto.

Não, m.^a Sur.^a, foi alguns dias antes.

Amelia.

Como? pois encontram^o-nos antes d' essa occa-
sião? E' verdade q.^l me pareceu conhecê-lo, mas
não me lembrava d' onde.

Alberto.

Foi na pobríssima habitação d' um meu amigo,
... desvalido, tão desvalido como eu. V.^l e a
Sur.^a Baroneza foram interromper a nossa con-
versação. Havia lá tamanha miséria, q.^l me
enterneceu a alma, m.^a Sur.^a! Não admira q.^l
não me vi-se n' aquelle dia, por q.^l em q.^{to} eu
admirava o anjo da carid.^e, chorava V.^l,
beijando uma pobre creança!

Amelia.

/Confusa/ Parece-me agora q' me lembro. /Pausa/
 Estimo bem q' o Sur.^{te} Dr. saiba... q' nem sem-
 pre estou alegre. /Cumprimentando-o m.^{te} commovi-da/
 Me' logo. /Sobe a escada e desaparece/

Scena 4.^a

Alberto (10')

Alberto.

/Amargam.^{te}, depois d'um instante./ E' indigno! E'
 cruel! perturbar ainda mais o espirito d'esta crean-
 ça! Mas a prova continua q' ella me da', vai alem
 das m.^{as} forças! /Pausa/ Custe o q' custar e' pre-
 ciso acabar com isto antes q' me deixe arrastar
 por alguma loucura odiosa! Ferei animo!...
 /Pausa e sorrindo ironicam.^{te}/ Animo! O bom senso
 vulgar e' o q' diz!... E' evidente q' não posso!

Scena 5.^a

Alberto, Barão, Cezar, Conselheiro Com-
 mercedador e Convidados. Todos animados
 como pessoas q' gantaram bem. Pouco depois os Criados
 trazem uma pequena mesa servida com café e licores.

Barão.

/Com as violetas na caraca. Sem vêr Alberto. / Que querem,
meus Sur.^{es}? são as m.^{as} idéas. Nasci do povo,
e é ao povo q.^{to} devo a m.^a posição. Não pertencio
ao numero d'esses homens, a q.^{to} o brilho d'ho-
je faz esquecer os andrôjos d'hontem, nem des-
conheço no seio da opulencia o homem pobre,
mas honesto, q.^{to} conheci nos dias do trabalho
e da obscuridade. Querem a prova? reparem nos
meus empregados. Francisco, meu caixa e meu
amigo, é filho d'um honrado lavrador de
Fraz-os-Montes. Jorge de Magalhães, admi-
nistrador d'esta quinta e tambem meu amigo,
descende d'um fabricante. Fernando Gouveia,
meu guarda-livros, d'um mercador de pannos.
Enfim, meus Sur.^{es}, o Dr. Alberto de Lima,
meu advogado, foi criado entre o Deve e Haver!

Alberto.

/Aproximando-se. / É verd.^e, Sur.^{te} Barão.

Barão.

/Estendendo-lhe a mão. / Tambem por cá, Dr.^o? não
sabia. Foi Jorge q.^{to} o preveniu?... de certo, não
podia ser outra pessoa. Quando chegou?

Alberto.

Ha' quasi uma hora.

Barão.

Por q^l não subio?

Alberto.

Sorrindo/ Quiz prim^o: admirar a iluminação,

Barão.

Admirando/ Esta esplendida! O Jorge tem clêdo especial p^a estas coisas. Alberto/ É' ver^{de}, já sabe q^l temos um baile?

Alberto.

Sei.

Barão.

M! deram-lhe o programma da festa?

Alberto.

Deram; e agradeio desde já a V^{za}^{ca}, em nome da pobreza, o acto de phylantropia q^l quer praticar.

Barão.

Refere-se ao dote da pequena? Que quer, meu amigo? A Baroneza e Amelia pediram-me com tanta instancia.....

Alberto.

A modestia é' uma das virtudes mais santas, Sur. Barão.

Barão.

/Sorrindo/ Menor no advogado. N'esse torna-se
quasi sempre prejudicial. Repare no Sur.^l /Sobe com
o Conselheiro/

Cezar.

/Indo a Alberto com o Commendador, a q.^m da o braço, & com
q.^m esteve conversando/ Boa noite, Alberto, pensei q.^d
nao viesse. /o Commendador apresentando the Alberto/
O mais virtuozo dos meus amigos. /o Alberto/ O Sur.
Commendador Saraiva; brasileiro ... portuguez,
e possuidor da joia mais preciosa q.^d tem appa-
recido no Rio da Prata.

Commend.

/Apertando a mão d' Alberto/ Nós ja' nos conhecemos.

Cezar.

Ah! nao sabia.

Alberto.

/A Cezar/ Tive a honra de ser apresentado em
Ix.^a, ao Sur.^l Commendador.

Commend.

Na occasião em q.^d eu voltava da Alfandega.
Tinha ido despachar 2 papagaios, 3 saguis, 6
patalibas, um tocano, e uma arara.

Cezar.

/Sorrindo/ Nao sei como nao trouxe uma onça?

Commend:

Trouxe m^{tas} ... mas estas vieram na algebeira.

Cezar.

/Sorrindo./ Já estavam domesticadas.

Commend:

/A Cezar, indicando Alberto./ Agarre-o logo p.^a jantar comigo e m.^a mulher.

Cezar.

E q.^l tal? não é um excelente rapaz?

Commend:

Falta bem! É pena q.^l não vá p.^a o Brasil adogar a causa dos portugueses, q.^l são lá vendidos. Affianço-lhe q.^l enriqueça em pouco tempo.

Barão.

/Tomando café com o Conde./ Que tal acha a quinta, Sr.^l Comendador?

Commendad:

Magnifica. /Serve-se de café/

Barão.

Como Vex.^a mora perto... se quiser cacar....

Commend:

Acceito, por q.^l deu um grande cavaco pela caca. Não muita?

Barão.

Alguma, segundo me disse Jorge. Na America,
ha' m.^{ta}, creio eu?

Commend:

/Ditando cognac no cafe/ E excellente! a do Ta-
tu, por exemplo.

Conselheiro.

Tatu? E' algum paparo?

Commend:

Nada, nao sur.; e' um animalzinho q. vive
no matto.

Cezar.

Nunca intentou a caça das oncas sur. Commend.?

Commend:

Alé se intentei!

Conselheiro.

Dizem q. e' um animal perigosissimo.

Commend:

/Com negligencia/ Nem por isso. Quando nao ha'
medo, nao existe perigo. /Ao Barao/ Nao sei se V.^{cia},
ja' reparou q. tenho um dedo n' esta mao
q. nao posso mover? /Mostrando a mao esquerda/

Barao.

Nao tinha reparado.

Commend:

É uma história curiosa. Foi há 5 annos; alguns dias antes do meu casam^{to}. Tinha ido a Montevideo, liquidar uns negocios e casar-me. Tappeiava m^{to} tranquillo no extremo d'uma floresta q. confina com uma das grandes propriedades de meu sogro, q. ouvi rumorejar a folhiagem!... tinha comigo apenas um revolver, arma q. nunca me abandonou n'aquellas paragens... ergui a cabeça e vi uma onça, uma feroza onça q. se encolhia p.^a formar o salto.

Cesar.

[Fingendo-se afastado.] Que lhe parece, Sur.^o Conselheiro?

Conselheiro.

É de fazer arripiar!

Commend.

E notem q. eu estava em jejum. [Continuando.] Agachei-me immediatamente, e puz um joelho em terra. [Executando o q. acaba de dizer.] O animal esticou o corpo e pulou; atirei-me p.^a o lado, tornei ponto d'apoio n'esta mão... [Executando.] apertando... e em q.^{to} elle me esmagava o d^o debaixo da pata, dizia-me eu com o revolver na outra mão duas palavrinhas ao ouvido. [Erguendo-se.] Com a fortuna! foi o mais bello

tiro q.^l tenho dado! Minha mulher não quiz acreditar, q.^l lhe contei a historia ao alvoco, e apor-
to com libras, em corio Vix.^{cia} tambem não
acredita!

Barão.

Por q.^l não? Realme^{te} o lance e' arriscado, mas
com um revolver, e conhecendo bem o animal.....

Cezar.

Que diz a isto, Sur. Conselheiro?

Conselheiro. de Lisboa

Digo q.^l e' uma grande facanha!

Cezar.

Receber uma onca com a mão esquerda e mata-la
com a direita! e' de mais a mais de joelhos!

Conselheiro.

E' um caso digno de memoria!

Commend.

/Com um calix de genebra na mão esquerda. / A prova
esta' n' este dicto q.^l não posso mover deide
este tempo. / Mostra a mão direita /

Cezar.

Queira perdão, Sur. Comtendador, mas ha'
pouco era.....

Commend.

A g.?

Cezar.

Parece-me q. ha' pouco era na mão esquerda.

Commend.

/Rindo/ Vio mal, meu amigo.

Cezar.

Salvez... ha-de ser isso. /Ap. a Alberto/ Creio q. a fiscal não papa de um grande mentiroso!

Alberto.

/Bairo a Cezar/ Toma cuidado. Affancaram-me q. e!... um homem terrivel. A mulher tem medo d' elle, q. não imaginas.

Cezar.

/Idem/ Serão casados? Um homem q. não sabe distinguir a mão esquerda da mão direita, pode m. bem ser q. se enganafe no acto do casam.^{to}

Scena 6.^a

A. Maria e Jorge.

Jorge.

/Dentro/ Continuem, q. já' volto. /Saindo da casa/ Barão.

Que e' isto, Jorge?

Jorge.

Meu amigo, tens uma veia de felici^de q^d afasta!
Sabes o q^d me vieram dizer agora?

Barão.

O q^d foi?

Jorge.

Mas com a breca, não sei por q^d estou contente!
Por q^d a final de contas o caso é triste. O
deputado por este circulo.....

Barão.

Que tem?

Jorge.

Cahis na tolice de se deixar vencer pelo medico.
Foi-se!

Barão.

É uma perda.....

Conselheiro.

Em q^d lucras.

Commend.

É verd^de. Com o projecto de V^l ex^{cia}.....

Barão.

É preciso fazer alguma coisa a bem da m^a
terra, meus sur^{tes}.

Jorge.

Teremos brevemente a eleição p.^a substituir. / Baixo
ao Barão / Fencione hoje in.^{ma} fallar as influencias locais,
Barão.

/ Com.^{ma} / Sonda o terreno.

Commend.

Ahi vem as Sur.^{as} / Clotilde, Amelia Henriqueta, e mais
Sur.^{as}, apparecem sobre o terraco.

Serra 7.^a

A, 11.^{mas}, Clotilde, Amelia, Henrique-
ta e Senhoras.

Henriqueta.

/ Sobre o terraco. / Bravo! Dou-lhe os parabens, Sur. Jorge.
Realizou os contos das mil e uma noites!

Jorge.

D'imprompto, creio q.^o nao se pode fazer mais, m.^o
Sur.^o / Cumprim.^{to} e sae apressado pela E. /
Barão.

/ Indo ao encontro d'Henriq: q.^o desce pela escada da frente do
espectador. Tudo e' pouco p.^a pagar a Vex.^{cia} o prazer
q.^o me da' com a sua companhia.

Henriquet:

/ Baixo ao Barão. / Preciso fallar-lhe. / Alto, passando p.^o

ao pé' do Commendador. / Esta na verd^e. deslumbrante!
Não te parece?

Commend:

Faz-me lembrar os arraiaes da noite de Natal em
Montevideu.

Cezar.

Onde o Sur.^o Commendador matava onças como g^o
mata caprões.

Henriquet.

[Sorrindo.] Nos arraiaes?

Cezar.

Não, me^o Sur.^o, nas florestas do Rio da Prata.

Henriquet.

Ah! elle disse-lhes...

Cezar.

Que caçava onças... em jejum.

Commend:

Contei-lhes a historia do dêdo quebrado pelo ani-
mal, mas parece-me q^o não acreditam.

Henriquet.

E' exacto, meus Sur.^{os} [Ap^{to}.] Diz meu marido!

Criado.

[Aparecendo sobre o terraco.] Estão na sala algumas
Sur.^{as} q^{as} chegaram agora de Barcellos, e esperam

a Sur.^a Baroneza.

Clotilde.

Ja' vou. / O criado, sae. /

Barão.

/ A Henriq: / Vex.^{cia} faz-me a honra d'acceptar o meu braço?

Henriquet.

/ Baixo. / Seio-lhe q.^o fique. / Da-lhe o braço. /

Barão.

/ Alto, a Alberto, Cesar e o Conselheiro q.^o conversam em voz baixa. /
Então, meus Sur.^{as}, querem fazer esperar estas Sur.^{as}?
Dr.^a, de o braço a' Baroneza; Sur. Comendador,
acompanhe m.^a filha. / Sobem todos pela escada do
centro e dos lados. O Barão, tendo Henriq: sempre pelo
braço, dirige-se tambem p.^a a escada, mas detem-se apenas
os outros desaparecem. /

Scena 8.^a

Barão e Henriqueta.

Barão.

Estou ai' ordens de Vex.^{cia}.

Henriquet.

/ Depois de reparar se estão soz e com esprobraço. / O
Sur. Barão esta' louco?

Barão.

Por q^l. diz isto, m^a. Sus^a. ?

Henriquet.

Uma joia de tanto preço !... e 'uma loucura ! Desde pela manhã q^l. procuro occasião p^a. the fallar. Não faz idéa da m^a. impaciência !

Barão.

[Sorrindo] Mas por q^l. se preocupa V^{ex}.^a com ~~tan-~~
~~tas~~ ninharias semelhantes ? Admirou o anel q^l.
viu de passagem na mão do oiro... fui de p^oto a
seus pés ; e 'simplicíssimo. Não vem d'uma terra
onde os diam^{tes} brotam do chão ? Mande-
the uma flor d'aquella terra, nada mais.

Henriquet.

Mas, pondo de parte a singular inconveniência, co-
mo e 'q^l. não pensou na terrível posição em q^l.
me collocava em presença de meu marido ? Jul-
ga q^l. the escapou a joia ? Entrou inesperadam^{te}.
no meu quarto, viu-a sobre o tocador, pegou-
the, e... justo castigo de V^{ex}.^a q^l. me faria rir,
se o caso não fosse tão serio ! Ainda não repa-
rou q^l. o Corremendador traz o anel na mão
direita ?

Barão.

/Sorrindo./ Já' reparei n' essa excentricid^{de}.

Henriquet:

V^l ex^{cia}, n^o, por q^{ue} não sabe até onde o crime
pode levar meu marido. For felizid^{ade} tinha eu
ido na vesp^{re}ta visitar uma amiga q^{ue} chegou do
Brasil, e disse ao Commendador q^{ue} o annel, fôra
me dando por ella. / Vendo o Commendador apparecer
sobre o terraco, deixa o Barão. / Elle!

Barão.

/Despareando./ Peço-lhe, m^ã Sur^a, q^{ue} me desculpe;
mas V^l ex^{cia} ha de permittir q^{ue} não acredite n' es-
sa modestia. Quando a' belleza se reune uma al-
ma tao elevada como a de V^l ex^{cia}, e' impossivel
descrever el' eses anjos q^{ue} levam occultam^{ente} o pa^{re}ce
as reis da miseria.

Scena 9.^a

Os M^{mes} e o Commendador.

Barão.

/Vendo o Commendador ao p^é de si./ Aqui' esta' o Sur^{te} Com-
mendador p^{ar} garantir as m^{as} palavras.

Commend:

De q^{ue} se trata?

Barão.

Das almas bemfeitas, como a da Sur.^a D. Henriqueta,
q.^{ta} escondem com a mão esquerda as emollas q.^{ta}
directa espalha.

Commend.

Oh! q.^{ta} a isto, posso affiançar a ^{cia} ~~Sur.^a~~ q.^{ta} m.^a
mulher nasceu p.^a irmã da carid.^e

Henriquet.

/ Envergonhada / cutas

Commend. de Lisboa

A Sur.^a Baroneza já' notou a tua ausencia.
Sem avizar-te, e tenho tambem q.^{ta} dizer ao
Sur.^a Barão.

Escola Superior de Cinema Henriquet.

Já' vou. pp.^a, subindo a escada, Que ira' dizer-lhe?

Acto II.
Barão e Commendados.

Barão.

pp.^a Dar-se-ha' caso q.^{ta} este homem seja realm.^{te}
corajoso? Parece-me impossível! ... enfim... veremos.

Commend.

/ Que voltou de ir acompanhar a mulher. / Tenho

um projecto a propor-lhe, Sur.^l Barão.
Barão.

/Sorrindo e indicando-lhe uma cad.^a - Sentam-se/ O
Sur.^l Commendador, sabe q.^l estou sempre a' suas ordens.
Commend.

A coisa e' simples. Principio a sentir-me prodigiosa-
m^{te} aborrecido.

Barão.

De q.^l?

Commend. de Lisboa

De morar em Cintra.

Barão.

Ah!

Commend. Cinema

E como o filho de V^{ra} ^{ella e' q.} me disse q.^l o 2.^o andar
da sua casa em Lx.^a esta' p.^a arrendar.....

Barão.

E' vero?

Commend.

Estou disposto a ir morar p.^a la', se V^{ra} ^{ella e' q.} o permittir.

Barão.

Da-me ali' m^{to} prazer.

Commend.

Optimo! Resta-me saber o preco.

Barão.

Isso é 'questão' secundária.

Commend.

Nada, meu amigo; gosto de saber o preço das coisas antes de as possuir.

Barão.

Um conto de reis por anno. Conveni-lhe?

Commend.

/ Depois de pensar e levantando-se, assim como o Barão, /
Está decidido. Sou inquieto de Vex.^{cia} / Apreta-lhe a mão /

Barão.

/ Como reparando no 'agora no anel. / Que admiravel
brilhante tem o. Sur.^{te} Commendador!

Escola Superior de Cinema

É um presente q.^{to} m.^{to} mulher recebeu d'uma
amiga q.^{to} lhe chegou do Brasil.

Barão.

/ Ap.^{to} D'agui, nada temos q.^{to} receiar.

Scena II.

Os M.^{tes}, Clotilde, e Alberto.

Barão.

/ Indo ao seu encontro / Que é isso? O D.^{to} desistiu do baile?

Alberto.

Faz m.^{to} calor lá em cima; e como a Sur.^a Baroneza se sentiu indisposta, offereci-me p.^a a acompanhar até aqui.

Barão.

/A Clotild./ Dança-se e folga-se m.^{to} nas salas?

Clotild:

Muito.

Barão.

Quer também dançar, Sur.^a Comendador?

Commend:

Quero. E' coiza por q.^d dou o cavaco.

Clotild:

/Ao Barão./ Onde quer receber o lavrador e a filha? Aqui, ou lá em cima?

Barão.

Aqui; e' mais fresco e o acto tornar-se-ha' mais romantico. /Ao Commend./ Então, Sur.^a Comendador? /Sobem a escada e desapparecem./

Scena 12.^a

Clotilde e Alberto.

Clotilde.

/ Sentando-se, e indicando uma cadeira a Alberto. / Esta-
mos sós, Sur.^a D.^{na}; pode fallar.

Alberto.

/ Depois de sentar-se. / Primuiram^{te} desejo q.^{to} Vex.^{cia}
me diga se posso fallar com franqueza absoluta,
certo de q.^{to} não concubera' a menor suspeita a' cerca
da sincerid.^e das m.^{as} palavras.

Clotilde.

/ Encarando-o surpresa. / Pode.

Alberto.

Nem sei m.^{ma} por q.^{to} lhe faço esta pergunta,
m.^a Sur.^a... Sinto, tenho certeza, e' até' impossível,
q.^{to} a confiança illimitada, o profundo respeito
e ... deixa-me apressa dizer a profunda sympa-
thia q.^{to} corroagro a Vex.^{cia}, não sejam retribu-
idas com alguma estima.

Clotilde.

Diga antes, com m.^{ta} estima.

Alberto.

Agradecido, m.^a Sur.^a. N'esta sociedade a q.^{to} era
quasi' estranho antes de ter a honra de a conhe-
cer, n'esta sociedade em q.^{to} todos os sentimen.^{tos} ver-
dadeiros, sinceros e discretos, andam tão pou-
co em moda q.^{to} parecem ridiculos..., Vex.^{cia}.

nao pode imaginar o q.^l foi p.^a mim! um exem.
plo, um amparo, uma Providencia! E com tudo,
sou obrigado a retirar-me d'aqui... a sair de
Lx.^a

Clotilde.

Admirada Retirar-se?

Alberto.

Devo fazê-lo, antes q.^l perca p.^a sempre o reponzo
da m.^a vida!

Clotilde.

Simplesm.^{te} Entendo! e' por m.^a filha q.^l o Sur.^o D.^o?

Alberto.

Depois d'um mom.^{to} / &!. A m.^a fragueza seria
imperdoavel se prolongasse, por mais um dia
q.^l fosse, a intimid.^{te}, q.^l ja' me tem feito padec.
cer de m.^a vida. Eu q.^l queria dizer a V.^{ra}..
A outra pessoa custar-me-hia m.^{to} esta confidencia,
q.^m sabe se seria acreditado? Fico-lhe por tanto,
m.^a Sur.^o, q.^l transmite ao Sur.^o Barão, o firme pro-
posito em q.^l estou de me retirar, e de lhe garantir
ao m.^{mo} tempo, q.^l nunca me passou pela idea a
loucura de transpor o abysmo q.^l me separa da
sua ex.^{ma} filha. Resta-me protestar-lhe a m.^a
gratidao e receber as suas ordens. / Sevanta-se.

Clotilde.

/Distraindo e continuando sentada/ Ama m.^a filha...
tão creança ainda... tão frivola na apparencia...
/Erguendo os olhos p.^a Alberto/ Adirinhou bem o g.^o
ella vale?

Alberto.

/Simplern.^{te}/ E' filha de V.^o ex.^{ta}

Clotilde.

E ella, ama-o?

Alberto.

Creio-o.

Clotilde.

/Depois d'um momento e levantando-se/ Sur. D.^o, já se
go-o sinceram.^{te} um cavalleiro; mais do g.^o isto...
um homem honesto; e vou provar-lh'o. Seio-
lhe tambem g.^o consulte severam.^{te} a sua conscien-
cia antes de me responder. Amelia appare-
ceu-lhe rodeada d'um prestigio seductor...
mas a mesma g.^o V.^o ama hoje como a her-
deira d'um dos mais ricos patrimonios de
Portugal, não sera' talvez esquecida amanha...
sem nome, sem azylo, e sem pão?

Alberto.

/Protestando/ Muita Sur.^a....

Clotilde.

Responda!

Alberto.

Peço a' Sur.^a Baroneza q.^{ue} me desculpe se julgo esta experiencia ^{ei}impropria de V.^{ra} ex.^{ta}; acho-a estranha e va.^l Que pode ella acrescentar a' sua confiança desde q.^{ue} duvida de mim, e não entende q.^{ue} amo deveras a Sur.^a D. Arrieta? q.^{ue} destruiu toda a m.^ã vida, p.^{or} não perturbar a sua?... q.^{ue} dispondo-me a perdê-la, sinto q.^{ue} careço de toda a m.^ã coragem p.^{or} não chorar como uma criança?... q.^{ue} a estremeco a tal ponto, q.^{ue} sem asylo, sem nome, sem pão, recubet-a-hia de joelhos, agradecendo-a de mãos postas a' Providencia?

Clotilde.

Tomando-lhe a mão quasi a chorar. Muito bem, acredito-o, e agradeço-lhe! Não me pergunte mais nada, não indague nada, não adivinhe nada... nem hoje, nem amanhã, nunca mais! Só lhe peço q.^{ue} não nos deixe.

Alberto.

Extremam.^{te} surprezo. Mas permita ao mesmo V.^{ra} ex.^{ta} / Ouve-se vozes da E.

Clotilde.

Nem mais uma palavra! Figue, peço-lhe q. figue.

Scena 13.^a

Os M^{mes} Jorge, Barão, o Commen-
dador, o Conzelheiro, Cezar, Amelia, Hen-
riqueta, Convidados D'ambos os sexos, um
Criado. Depois o Cura, um velho Servador,
com uma filha, Aldear e Aldeas.

Vozes da C.

Viva o Sur. Barão!

Jorge.

/ Descendo a escada do centro. / P'ra' qui, rapazes!
venham p' r' aqui. / Traz uma pequena bandeja de
prata com uma carteira dentro. Diz ao Criado indicando
a bandeja com o café e licor. / Leva tudo aquillo
la' p' cima. / O Criado toma a bandeja e espera
q^d. todos desçam p^o. depois subir a escada. Jorge, põe
a bandeja de prata sobre a m^{ez}a. — O Barão dá o
braco a Henriqueta, segue o o Comendador com Amelia;
depois o Conzelheiro, Cezar e Convidados. Algumas Sur.^{as}
e Cavalheiros ficam sobre o terraco.
Amelia.

/Entregando a Clotilde um lindo post-monaie / Aqui
 está o dinheiro p.^a o vestido, m.^a mãe! / Mostran-
 do-lhe uma caixinha de joias / O meu presente, é
 a cruz de ouro q.^a meu pai me deu no dia dos
 meus annos. / A Alberto / A noiva protegida
 é m.^{to} bonita. Vai vê-la. Como são lindas
 estas festas! Sentir-se a gente tão feliz! não
 é assim, m.^a mãe?

Clotilde.

É filha.

Barão.

/Baixo a Cezar / Porta-te com seriedade, ao menos
 por uma hora.

Cezar.

Sujeito-me a todos os sacrificios p.^a lhe ser agrada-
 vel, meu pai.

Jorge.

/Na E. A. fallando p.^a dentro / Vem cá, Sr.
 Cura; o Sr. Barão está aqui no jardim. —
 / Entra o Cura; segue-o o lavrador com a filha, depois os
 aldeãos e aldeãs. — O Barão vai recebê-los.

Correlheiro.

/Ap.^{to} / Preparém'-nos p.^a admirar a eloquencia
 d' um aspirante a deputado.

Henriqueta.

/A' Sur.^a/ É' na verd.^e lindíssima a aldeia. Re-
parem.

Cezar.

/Baixo a Alberto/ É' pena q.^l aquella rapariga não
tenha um dote de cem contos de reis!

Alberto.

/Sorrindo/ Parece q.^l não é' filho d'um millionario.

Barão.

/Voltando-se e dominando a scena. - Gravem.^e/ Suas pa-
lavras apenas, meus Sur.^{cs}; cobrem a necessid.^e
de manifestar a todas as pessoas q.^l honraram
o meu convite, a profunda alegria q.^l me trasbor-
da do coração.

Conselheiro.

/Ap.^{te}/ O exordio é' excellent!

Barão.

Não morri^{to} na vida q.^l ninguém de bom gra-
do, creio, sacrificaria a' va.^e gloria de quaesquer
grandezas mundanas! A alegria q.^l me illu-
mina o mais intimo d'alma ao ver-me ro-
deado por tão sinceros amigos, não pode ser
avaliada senão por q.^m sinta no peito cora-
ção verdadeiram.^{te} portuguez e em q.^l abundem

os sentim^{tos} q^l em todos os tempos distinguiram a nossa nacionalid^{de}, a grandeza d'alma, e a pied^{de} acrisolada dos nossos maiores.

Cezar.

[Ap^{to}] Que terra' meu pai!

Barão.

[Continuando.] E' de certo ap^{to} o coração de q^l me ouvem. Nem um só se fez rogar, mal soube q^l se tratava de pôr por obra uma accão q^l mais do q^l aquelle q^l a pratica, honra a terra sua natal; a terra onde nasceu de paes humil-
des, mas q^l nunca mancharam a classe mais importante d'um paiz = o povo = não des-
vairado pelos máis intentos de perfidos conselhei-
ros, mas sempre generoso e grande q^{do} guia-
do pelos q^l deveras só querem o seu bem, pelos q^l trabalham p^o o erguerem a cima dos q^l a-
pretendem dissipar e p^o manter-lhe intac-
tas as regalias q^l elle se acha sempre promp-
to a pagar largam^{te} a' Nação em apoio
valioso, q^{do} ella afflicta recorre a' maioria
dos seus filhos!

Jorge.

[Ap^{to}] Bravo! está aqui, está deputado.

Cezar.

/Baixo ao Conselheiro./ Vex^{cia} saber-me ha' explicar
o q^l. tem meu pai?

Conselheiro.

/Idem./ Não repare; é um ensaio de eloquencia
parlamentar.

Barão.

Notitou-me a sociedade, meus Sur.^{es}, mas usano
me ter nascido do povo. É este o título q^l. mais
prezo, por q^l. nenhum dos outros pode valer tanto
como elle, senão qd^o. seja galardão de serviços p^o.
o bem do paiz e por consequencia p^o. o bem do po-
vo. Foram estes os sentim^{tos} q^l. me animaram
ao querer apignalar o meu anniversario nata-
lício por meio d'um acto philantropico q^l.
leve a alegria ao seio d'uma familia humil-
de, desherdada dos bens da fortuna, mas honra-
da como aquellas q^l. o são!

Commend.

Muito bem!

Jorge.

Apoiado!

Barão.

Não permite a modestia q^l. eu exalte o meu

procedim^{to}; e q^{do} o permittira, não o faria, porq^{ue}.
o achu natural nos q^l, como eu, consuntam-me q^l.
o diga, nunca tiveram em menos conta os pe-
gueros a q^m sempre olharam como a seus irmãos.

Jorge.

/Sentenciado/ Repartir com os irmãos e' preceito
do evangelho!

Barão.

Toda's uma dorzella, foi actô em q^l quiz me
acompanharem q^l me honram com a sua
amizade e estima; e n'este momen^{to}, prestes a
executar o meu desiquio, sinto profundo prazer
em dizer-lhes q^l grande parte da iniciativa
d'esta accão q^l a todos nos honra, proveio
d'aquelles 3 corações. /Aponta p^{ra}: Clotilde, Amel:
e Jorge. Estes fazem-lhe signal p^{ra}: q^l não profiga.
Não, apraz-me dizet-o. Proveio do amigo como
ha' poucos, da esposa mais virtuosa e exemplar,
e da filha estremecida q^l se teria lugar entre os anjos.

Amelia.

/Abracando o Barão/ Meu querido pai!

Jorge.

/Apertando-lhe a mão, m. comovido/ Meu velho amigo!

Barão.

/ Tomando a carteira e dando-a a' aldeã. / Aqui tem,
m.^a menina, Seja esta somma o premio da
sua virtude e a base da sua felicidade.

Commend:

/ A mulher e mais pessoas q.^o rodeiam. / Confesso-lhes
q.^o em toda a m.^a vida nunca assisti a um
acto semelhante! O Barão e' na verd.^e um
homem philantropico!

Clotilde.

/ Indo a' Aldeã, e dando-lhe o porte-monnaie, m.^{te} commo-
vida. / Minha filha, receba as m.^{as} felicitações pela
offerta q.^o meu marido acaba de lhe fazer, e convinta
q.^o tambem deposite em suas mãos esta pequena
prova da sympathia q.^o me inspira.

Aldeã.

Oh! m.^a Sus.^a!

Clotilde.

/ Baixo a' Aldeã. / Tejo-lhe unicam.^{te} q.^o se lembre
de mim nas suas orações.

Amélia.

/ Dando-lhe uma caixinha. / Aqui tem o meu presente.
E' uma cruzinha de ouro q.^o meu pai me deu no dia
dos meus annos. Conserve-a sempre, sim?

Aldeã.

Sempre !

Amelia.

Agora dê-me um abraço. / Abraça-a /
Cura.

/ Dirigindo-se ao Barão. / Sr. Barão, embarga-me
a voz a alegria q^l me inunda a alma. O acto
generoso q^l V^{ex}^a acaba de praticar, e' grande,
e' evangelico, e', como não podia deixar de ser
provinho da iniciativa de corações q^l encerram
poemas de virtudes. Reparte com os pobres os te-
res q^l Deus lhe deu; Deus lhe dispensara' cento-
plicados os beneficios q^l fizer aos pobres. O proce-
der de V^{ex}^a sobre o ser obra aspi's meritoria,
foi salutar exemplo q^l, tanto fe', ha-de produ-
zir bem sazonados fructos. Agradeço-lhe, Sr.
Barão, em nome da humanid^e; agradeço-
lhe em nome do rebento confiado a' m.^a guarda
espiritual. / Aos Aldeãos. / Meus filhos, solicitemos
da Misericordia divina toda a especie de ventu-
ras p.^a esta casa, toda a alegria da alma e do
corpo p.^a os nossos benfeitores. Vamos. / Saem
todos os Aldeãos, o Cura, o Sacerdote e a filha.

Amelia.

/ Baixo a Alberto. / Sabe por q^l m.^a mãe está tão

triste?

Alberto.

Dize-me q^l estava fatigada.

Amelia.

Conversou m^{to} tempo com ella?

Alberto.

Muito.

Amelia.

Estima-a?

Alberto.

Mais do q^l V^{ra} ex^{ta} pode imaginar!

Amelia.

Foi eu adoro-a! / Continuam a conversar em voz baixa

Barão.

/ Voltando de ir acompanhar o Cura / Agora, m^{as}

Sus^{as}, e meus Sus^{es}, espero q^l me farão a honra
d'assistir ao nosso baile improvisado. Se o acharem
pobre, queixem-se de m^a filha. Jorge, no
meio-te cavalheiro das damas.

Jorge.

Prompto. / Offerece o braco a Henriqueta. As mais

tomam o braco das Sus^{as}, dirigem-se p^o o terraco,

e depois desaparecem. O Commendador vai p^o das

o braco a Clotilde, mas esta faz-lhe um gesto, indican-

do q.^{to} precisa ficar e agradece. Amelia dirige-se ao
Barão, pelo braço d' Alberto.

Amelia.

Meu pai e' m.^{to} meu amigo?

Barão.

/ Sorrindo e dando-lhe uma palmadinha na face /
Não gosto nada de ti! Não, meus filhos!

Amelia.

/ Ap.^{to} sobindo as escadas do terraco. / Elle disse =
meus filhos! / Desapparece.

Scena 14.^a Barão e Clotilde.

Barão.

/ Voltando-se ao pé da escada e vendo q.^{to} Clotilde foi sen-
tar-se / Então não vem?

Clotilde.

Dispense-me por alguns instantes; estou um
tanto indisposta.

Barão.

/ Descendo até junto d' ella, depois de examinar q.^{to}
ninguém os observe. / Aproveitarei estes instantes
p.^a lhe dizer q.^{to} o seu procedim.^{to} em q.^{to} cliron

o acto, foi extremam^{te} ridiculo.

Clotilde.

Ridiculo!

Barão.

Não se lembra q^d assumindo publicam^{te} esse
aspecto de victimaria resignada, expõe-se a
mais singulares interpretações?

Clotilde.

A mais singular nunca chegaria a' verdade,
acredite. Como queria q^d eu beijasse e aben-
çoasse aquella candida menina, sem q^d a m.^a
consciência se turvasse? sem q^d me exprobras-
se amargam^{te} a m.^a indignid^{de}?

Barão.

Principia a Sur^{ta} a' voltar com o idealismo!
Quando terminara' d'uma vez com essas piégu-
es poeticas de q^d anda tão gratuitam^{te} attaca-
da? O q^d significa essa dignid^{de} de q^d falta?
Seja mais justa p^{ra} comigo m.^{ma}. Não é
por ventura mais honesta do q^d m.^{ta} d'essas
mulheres cuja situação regular inveja?
Deixa-se de semelhantes escrúpulos q^d não pas-
sam de fraguezas pueris.

Clotilde.

/ Com um sorriso amargo. / Chama-lhe fraguezas!
 Mas o Sur.^s, espirito forte como e', viveria
 tranquillo se usurpasse com um nome falso
 e um falso titulo a estima e o respeito da
 sociedade? E o g.^o faz eu senão isto? Em g.^{to}, a
 m.^a existencia correu occulta no seio do lar
 domestico e ao lado dos meus filhos, era m.^a
 ditosa! N'este brilho, n'esta publicid.^e, a g.^o
 me arrasta, a mentira da m.^a vida torna-se-me
 um fardo insupportavel! Se o Sur.^s calculasse,
 por um instante g.^o fosse, o meu suplicio de todos
 os dias.... tento a certeza de g.^o me livrava d'el-
 le, tao facil lhe seria! / Depois d'um mom.^{to},
supplicante, E' feliz n'este mom.^{to}; tudo lhe
 sae como deseja; a felicid.^e traz a bond.^e... seja
 bondoso p.^a commigo! Se lhe marize a vida
 n'outro tempo, se ainda hoje houro a sua casa
 e o seu nome, se o amo fielm.^{te} apesar de
 tudo, compadeça-se d'este martyrio! Resti-
 tua a paz a' m.^a consciencia e deixa g.^o abra-
 ce os meus filhos sem corar!

Barão.

Veja g.^o esta' saltando a uma das nossas conven-
 coes, m.^a querida. Alem d'isto, permitta-me

g.^l. lhe diga g.^l. não é lógica. Não sei a
razão por g.^l. a sua consciencia lhe expõe
uma culpa g.^l. ... se é g.^l. n'isto ha'
culpa! ... e' toda m.^a.

Clotilde.

E nem ao menor epa convicção o move a' pied.^e?

Barão.

Aqui não se trata d'epa; trata-se do denjo
g.^l. tento de conservar tal ou qual independen-
cia... sem contudo deixar de a estimar. Ouça
o conselho d'um amigo. Viva como tem vivido
até hoje, e deixe-se d'epas importunações g.^l.
não passem de vaas chirruras.

Clotilde.

Chirruras! Pois não receia g.^l. todos estes sentim.^{tos}
g.^l. o Sur.^l. esmaga debaixo d'epa fria indifference,
g.^l. trata de fraguezas pueris... mas a g.^l. cha-
ma eternas verd.^{des}! ... não receia g.^l. um dia se
voltam p.^{ra} o Sur.^l. e g.^l. se vinguem?

Barão.

Conheço perfeitam.^{te} as m.^{as} idéas a epa respeito.
Poucas coisas me apuram n'este mundo.

Clotilde.

E seus filhos? não os ama? não pensa g.^l.

podem um dia amaldiçoá-lo?

Barão.

Por q.^l? Se merecerem os meus benefícios hão-de recebê-los ainda depois da m.^a morte. Se pelo contrario se tornarem indignos d'elles, a sua maldicção não me ha de pesar mais do q.^l a terra q.^l me deitarem em cima.

Clotilde.

Mas enfim... já' q.^l o interesse e' a unica coisa q.^l o move.... Se este mundo de q.^l o Sur.^o espera tudo, honras, prazeres, triumphos, sonber amantia q.^l o enganou imprudentem^{te}, q.^l a mulher q.^l impo^e ao respeito e a' consideracão publica como sua esposa, e' apenas... sua am^{te} não pensa q.^l sera' arrastado commigo até a' degradacão em q.^l me lancou?

Barão.

Ameaca?....

Clotilde.

Lembro simplesm^{te}.

Barão.

N' este caso, acredite q.^l a Sur.^a seria a unica desgraçada, por q.^l a socied.^e e' sempre indulgente com os homens q.^l se trata de semelhantes.

tuas questões. Em 6 mezes gozaria da m.^{ma}
consideração q.^{ta} hoje gozo. Não a aconselho a
experimentar.

Clotilde.

Chorando abatida na cadeira / Sobre de mim!

Scena 1.^a

Os M^{rs} e Jorge.

Jorge.

Aparecendo sobre o terraco / Então vens, ou não
vens? Alha q.^{ta} a tua ausencia e a da Sur.^a
Baroneza, já se torna reparada.

Barão.

Sorrindo / Sem paciência. Estava-me tratando
de de empregar os teus filhos da melhor
forma possível. Já vamos.

Jorge.

Obrigado, meu amigo. Lá os espero. / Entra em
casa /

Barão.

Indo a Clotilde / Dê-me o seu braço. / Clotilde
dá-lhe o braço depois de limpar as lagrimas.
O Barão pára, no mom^{to} de subir a escada. /

Componha uma physionomia alegre... as
lagrimas são sempre rediculas n'um bai-
le! / Sobem. Durante esta ultima scena, ou-
ve-se o puano no edificio.

Fin do 2.º Acto.

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

Acto 3.
O mesmo gabinete do 1.º Acto.

Cena 1.^a

O Barão, Henriqueta, depois o Criado.
Henriqueta está apertada e parece afflicta; o Barão
apoiado no espaldar da cadeira q.^a fica proxima.

Barão.

Tranquillise-se, m.^a Sur.^a, affianço-lhe q.^a se afusta
sem motivo. O Commendador trata-me com a
m.^a afabilidade. E denmais, se elle tivesse a me-
nor suspeita, persistiria em vir morar no 2.^o
andar da m.^a casa?

Henriqueta.

E' justam.^{te} essa persistencia q.^a me faz receiar alguns
lacs. E ex.^a não o conteu; seria capaz de me matar!

Barão.

/Sorrindo./ E' coisa m.^{te} seria matar um peçoã, m.^a
querida! Socegue, repito-lhe; affaste da imagina-
ção esses terrores infundados. /O criado, q.^a entra
com um cartão de visita, dentro d'uma bandeja de prata.
O q.^a ha'? /O Criado aproxima-se e o Barão toma
o bilhete e lê. /Mande entrar q.^o eu tocar a cam.

paninha. / O Criado sai. - Mostrando o cartão a Henri-
queta. / Vejá.

Henriqueta.

/ Levantando-se bruscamente. / Oh! meu D.! / Que lhe
dizem eu?

Barão.

Não ha' nada mais simples; vem entender-se
comigo a respeito da casa. Montem quasi
g^l. me annunciem esta visita.

Henriqueta

Principio a ser castigada, diz-m'o o coração! A.
/ Dirigendo-se p^a. o D.

Barão.

Por ali, não; encontrar-se-hia com elle. / Sevan-
do-a até a porta da E. B. / Por aqui;

Scena 2.

Barão e depois o Commendador.

Barão.

/ Tocando a campainha. / E' formosa a g^d. chora. Será
sincera? / Sorrindo. Não o creio.

Criado.

/ Annunciando. O Sur.^l. Commendador.

Barão.

/ Indo-lhe ao encontro / Como passa V^{ex}.^{cia} ?

Commend.

Perfeitam^{te}, agradecido. / O Barão indica-lhe uma
cad^a. / Obrigado. Sei q^o o Sur.^l Barão não trata
de negócios tão cedo e por isso não me demoro.
Vento unicam^{te} perguntar-lhe se amanhã posso
tomar conta da casa.

Barão.

Quando V^{ex}.^{cia} quizer.

Commend.

A Sur.^a Baroneza leva em gosto a vizinhança ?

Barão.

Muitíssimo. Já tive o cuid.^o de a consultar a esse respeito.

Commend.

Ainda bem. Preciso dar algumas voltas, peço-lhe
q^o me desculpe. / Aperta-lhe a mão, dirige-se p.^o f.
e volta, quasi^a ao pé da porta. / Então, não me re-
tirava sem lhe dizer... O filho de V^{ex}.^{cia} é
um excellente rapaz a q^o estimo deveras. Ma de-
me permittir, m^{mo} por q^o estimo m^{to}, q^o pre-
vina de q^o Sur.^l lezar joga demarcad^o p.^o a
ma cidade.

Barão.

Elle^a quer dizer q^d meu filho perde de mais a dam^{te}.
 Adivinho agora a razão por q^d elle anda tão car-
 rancudo ha' 5 ou 6 dias.

Commenda:

A noite passada, em casa d'um amigo meu, joguei
 desatinadament^e, a pesar dos conselhos q^d lhe dei. Che-
 gou até a pedir-me emprestado uma sommarita...

Barão.

Quanto?

Commenda: de Lisboa

Uma milharid. Mas creio q^d está um tanto atrapa-
 lhado, por q^d foi horstem pedir-me espora. Não
 tentos a menor prefa.... se fallei n'isto foi som^{te}.
 p^a o previrir. Superior de Teatro e Cinema

Barão.

Quanto é a sommarita de q^d falla?

Commenda:

Bagatella! umas 250 libras, nada mais.

Barão.

Hoje m^{mo} terei a honra de lhe mandar esta
 quantia. O q^d lhe peço é q^d não diga nada a
 meu filho; quero deixar-lhe por algum tempo este
 peço na consciencia.

Commenda:

Pode V^{cia} ficar descansado. / Jorge entra pelo T.
parece um tanto preocupado.

Jorge.

/Vendo o Commend. e querendo sair. / Fico desculpa... cui-
dei q^d estivesse so'.

Barão.

Fica. Tu em S^a.! Que vieste fazer?

Jorge.

Quasi nada. E' uma informacão q^d te quero pedir.

Commend.

Retiro-me. / Ao Barão. / E a candidatura de V^{cia}?
Quoi dizer q^d vai a' mil maravilhas, e' ver J.?

Barão.

Creio q^d sim. Escola Superior de Teatro e Cinema

Commend.

Quando e' a eleição?

Barão.

D'agui'a 6 dias.

Commend.

Sentio quasi a certeza de q^d sera' elleito e por isso
dou-lhe ja' os parabens. / Aperta a mão ao Barão e Jorge vai.

Acto 4
Barão e Jorge.

Barão.

Voltando d'accompanyar o Comrrend! Que é isto? pare-
ces preocupado! Há alguma novid.^a a respeito da eleição?

Jorge.

Foi isto q.^{to} me trouxe cá. Outro candidato revolve
ceu e terra a' ultima hora; lanca mão de todas
as armas p.^a te derubar. Há 3 dias serve-se
d'uma terrivel q.^{to} podera' arriscar o resultado q.^{to}
esperamos se não a destruir-mos energeticam.^{te}

Barão.

Qual é'?

Jorge.

É uma calumnia evidente, mas apresentada
com tal apparencia e apoiada em factor tão
habilm.^{te} grapados, q.^{to}, ... Não sei se sabes q.^{to} elle
é filho do Porto?

Barão.

Sim, e então?

Jorge.

O horrenho reusio alguns amigos p.^a o ajudarem
a espalhar boatos odiosos a' cerca da origem da
tua riqueza. Nunca fatta gente p.^a citar coisas,
bem o sabes. Fallam da quebra do teu antigo
socio Lima e afiancam q.^{to} não se' foi obra tua,

mas q.^l tambem tiraste d'ahi grande proveito.
Ora, como eu ignorava absolutamente as circum-
stancias da tua vida n'essa epoca, venho
pedir-te q.^l me informes, a fim de q.^l possa
responder categoricamente a semelhantes insinuaes.
Barão.

Não e' a primeira vez q.^l inventam essa calum-
nia. Sabes perfeitamente q.^l nenhum homem che-
ga a m.^a porcaria sem dispartar invejas rediculas
e mesquinhas. Felizmente posso convencer-te em duas
palavras da origem da m.^a riqueza, q.^l e' tão pura
quanto ~~cara~~ solida. A sociedade q.^l estabeleceu com o Sima
tinha por objecto a exploracao d'uma mina de
ouro no Brazil. A esperanca q.^l nutria-mos de fe-
liz resultado, animou-nos a enviar engenheiros
aquelle imperio. O Sima fez até com q.^l fosse o
Francisco Corrêa, q.^l n'esse tempo era o caixa
da casa e em q.^m depositava plena confiança.
Jorge.

Aquelle velho q.^l tem aqui o m.^{mo} emprego?
Barão.

Esse m.^{mo} Aortecow, porem, q.^l depois de enormes
despuzas, a operacao foi recontecida illusoria.
Retirei-me a tempo, o Sima commetteu a louca

ra de persistir apesar do meu exemplo e dos meus conselhos e empobrecer-se. Eis-aqui tudo. Bem vêz q^d e' claro como o dia.

Jorge.

/ Hesitando ainda em acreditar / E' vero^d... Mas elles affirmam q^d conspiraste depois a mina e enriqueceste com ella.

Barão.

E' exacto... e vou dizer-te como foi o caso. Na tal mina, onde havia tanto ouro como na tua algebeira no dia em q^d me procuraste pela primeira vez, farejei, depois de vagas informações, uma soberba mina de cobre. Entrei depois na posse da concessão q^d ninguém reclamava, e d'ahi p^a cá tirei um anno por outros a somma de 40 a 50 contos. Creio q^d n'isto não ha' o menor mal?

Jorge.

Nenhum, de certo. Mas bem sabes q^d e' m^{to} difficil explicar estes promeriores a todos os electores... sobre tudo agora q^d uma calumnia thes desvaria a imaginação.

Barão.

E a existência do D.^o Alberto de Lima em m^a.

casal, na qualid^{de} de locatario, advogado e ami-
go, não é um argum^{to} affás forte p^a. Tam-
bem lhes fallar á imaginação? Por q^l é eviden-
te q^l o Dr. não accitaria essa posição, se ti-
vesse a menor suspeita de q^l eu havia enri-
quecido com a pobreza e a morte de seu pai.

Jorge.

Seus razao. Já pensei n'isso, e scito deveras q^l
elle não foye visto a papiejar comtigo nas ruas
de Barcellos.

Barão.

/Sem hesitas, sorrindo-se/ Vou apresentar-te coisa
melhor; uma resposta decisiva e triumphante
a todas essas diffamações. Authorizo-te a dizer
francam^{te} q^l o Dr. Alberto de Lima, filho do
meu ex-socio no Porto, vai ser meu genro; q^l já
é officialm^{te} noivo de m^a filha, e q^l se for pre-
ciso fazer com q^l elle m^{ma} o va' dizer aos seus
amigos de Barcellos....

Jorge.

O q^l? pois isso é verdade?

Barão.

Será verd^{de} d'agui a dez minutos se eu quizer...
e quero-o; por q^l enfim, não faço mais do q^l.

apreparar um projecto q^l concebi ha' m^{to} tempo.
Nao reparaste ainda na maneira por q^l elles se
olham?

Jorge.

Reparei.... e ate' tinha meus receios, por q^l
os estimo deveras e confesso q^l nao contava com
a tua approvacao.

Barão.

Nao sei por q^l. O Dr. e' pobre, mas e' um ho-
mem honrado e com um futuro excellente.
Amam-se.... q^l sejam felizes.

Jorge.

Apertando-lhe a mão. E' bonito o q^l queres fazer!
So' as almas grandes e generosas e' q^l procedem
d' esta forma! Da' ca' um abraço. E' pena
q^l toda a gente nao te conheca como eu!

Barão.

E' simples, o q^l faco, meu amigo. Poder espa-
thar a noticia.

Jorge.

Formalim te?

Barão.

Formalim te. Sorrindo. Sabes como dirijo estas
coisas. Amelia nao tarda por ali' a trazer-me

o seu tributo matinal; n'essa occasião... / Sendo
então Amelia / Olha, ali a lens.

Cena 5.^a
Os M^{ros} e Amelia.

Amelia.
Com as violetas / Bom dia, meu querido pai;
Beija-o e dá-lhe o ramalhete. / Ah! viva Sr.
Jorge!... não sabia q. estava em S^a. Como estão
todos em Barcellos?

Jorge.
Com animação / Bom, m.^a merina, m.^{to} bom, ex-
tremam^{te} bom!... Quando fallar ao Sr. D. Lima,
diga-lhe q. sou m.^{to} feliz!

Amelia.
Amorada, / ~~Amelia~~ / Feliz... por q.?

Jorge.
Responde / Selo ter conhecido... por ser amigo d'elle...
por elle ser meu amigo... / Ah, ad. m.^a merina!...
Atto Barão / Ah, meu velho; volto immediatamente p.^a
quinta. / Agora, sim, agora respondo pela victoria.
Saindo e voltando-se no F. / Não se esqueçam de
me recomendar a' Sr.^a Baroneza. / Sae correndo.

Scena 6.^a Barão e Amelia.

Amelia.

Que terá o Sur.^{te} Jorge?
Barão.

/Sentando-se/ Vem cá, senta-te aqui ao pé de mim.
/Amel: senta-se./ Tenho a comunicar-te uma resolu-
ção ... mas desde já te previro, q. não gosto
de ser contrariada! /Tomando-lhe as mãos/ Quero
casar-te.

Amelia.

/Afastada/ Meu pai! ...
Barão.

Esperas, não falles antes de tempo. /Foia a cam-
pavinha; o criado aparece, Manelê a' sobre loja
dizer ao Sur.^{te} D.^o Simão, se tem a bond.^e de chegar
cá! /O criado sai/

Amelia.

/Incerta e alegre/ Meu querido pai!
Barão.

/Sorrindo/ Meu querido pai! ... agora!

Amelia.

/Muito commovida/ Não me engana?... e' com elle?

Barão.

Qu o convento; escolhe.

Amelia.

/Encostando a cabeça ao peito do Barão e soluçando./ Meu
bom pai!

Barão.

Que é' isto? choras? Não queres casar com elle?

Amelia.

/Entre lagrimas/ Quero.

Barão.

Amado m^{to}?

Amelia.

/Com exaltação./ Arras-o... do mais íntimo d'alma!

/Depois d'um mom^{to}./ Que alegria me da', e de
q^d. d'ôr me salva, meu querido pai!

Barão.

Criança!

Amelia.

Perdôe-me... mas quasi o accusei de ceguei-
ra e imprudencia. Quantas vezes tentei dizer-
lhe: "Mande-o embora se não quer q^d. o ame
e q^d. a m^{te} vida lhe pertença!" Pobre de mim!
não podia, por q^d. já o amava m^{to}. Longe
d'elle, longe dos seus olhos e do seu coração,

sentia q.^l ficava isolada no mundo ... q.^l a tua presença nunca mais tomaria lugar nos meus pensamentos, nas m.^{as} esperanças, nos meus sonhos de futuro ... p.^a inundar tudo de júbilo e de luz!
 Obrigada, meu querido pai! Bem digo-o do íntimo d' alma por q.^l me faz m.^{to} feliz!

Barão.

Ainda bem, querida filha! Imaginas somente uma corridinha a este casam.^{to}; e' q.^l se realizara' q.^{to} antes na nossa quinta de Barcellos. E' um pedrão de Jorge, e bem sabes q.^l sou m.^{to} amigo d' elle p.^a the recusar tão pouca coisa.

Annalia.

Sera' onde quizer, meu pai.

Barão.

Falta-nos ainda a permissão de tua mãe.

Annalia.

Responde por ella.

Barão.

Sorrido. E pelo noivo?

Annalia.

Oh! q.^{to} a esse

Barão.

Não ha' o menor perigo! ... Mas ha' talvez uma

difficil^l. com q^l. não conta.

Amelia.

/ Mustada / Qual ?

Barão.

Aho o D.^o demasiad^o discreto p.^a se annunciar a
pedir-me a tua mão.

Amelia.

/ Depois d' um instante / Meu pai da-me licença
q^l. o annuncie ?

Barão.

Entend^o; queres ser a primeira a annunciar-lhe
a tua desgraça !

Amelia.

Tenho certeza de q^l. elle ficará agradavelm^{te} sur-
prehendido.

Barão.

Acreditas ? Toi bem, authorizo-te a dar-lhe a
entender mas discretam^{te} ! ... q^l. se me dirigir
o pedido, consentirei em fazel-o feliz. Ouve-se
a voz d' Alberto / Chega a tua victimia !

Amelia.

Meu Deus !... estou a tremer !

Barão.

Vou p.^a o escriptorio. Se o Francisco vier dize =

He g.^o me espere aqui. / Dirige-se p.^o F.
 Arrelia.

Espere, meu querido pai. Deixe-me abraçá-lo
 primeiro.

Barão.

/Abraçando Arrelia/ Arrumo e mais g.^o tudo des-
 critica. / Sai pelo F.

Serra 7.^a

Arrelia depois Alberto.

Arrelia.

Não pensei g.^o tivesse tanto medo. / Senta-se. Ar.
vendo entrar Alberto. Jesus! é' elle!
 Alberto.

/Cumprimentando/ Minha Sur.^a!
 Arrelia.

Sur. D.^a!

Alberto.

O Sur. Barão não está aqui? Mandou-me chamar e...
 Arrelia.

Foi ao escriptorio, mas não pode tardar. Por g.^o
 não se senta?

Alberto.

/Depois de sentar-se/ A Sur.^a Baroneza deve estar
hoje m.^{to} fatigada.

Arrelia.

Não parece. Como achou horitem o baile do
Barão de S. Jeronimo?

Alberto.

Explendido! Aquelle jardim cheio de flores, visto
à clarid.^e da lua, era realm.^{te} phantastico!

Arrelia.

E as luzes de cores corru estavam bem distribui-
das! /Ap.^{te}/ E' m.^{to} difficil!

Alberto.

Quasi dizer q.^{ta} Baroneza e' uma das Sur.^{as} m.^{as}
intelligentes da alta socied.^e

Arrelia.

E' verd.^e /Ap.^{te}/ Mas corru e' difficil! /Alto./
Sabe q.^{ta} ella aprecia-o m.^{to}?

Alberto.

Não sabia, /Sorrindo/ mas basta V.^{cia} dizer-
m'o p'ra q.^{ta} o acredite.

Arrelia.

Muito! Faltta a seu respeito em termos tão lisonjei-
ros q.^{ta} não me animo a repetir-lh'os. Nota so' uma
coisa... acha-o demasiadam.^{te} tímido.

Alberto.

Timido. não sou. Distratido, preocupado, talvez.
E isto explica-se facilmente... nunca fui tão fe-
liz como agora.

Amelia.

Acha-o timido, repeto. Mas nem por isso deixa de o
elogiar a tal ponto, q^{to} os seus inimigos não de-
vem estar m^{to} contentes. Ainda hontem ella
dizia: — "O Sr. Lima e' um homem dotado de
grande merecim^{to} e virtudes; dar-me-hia por
m^{to} feliz em ser sua mulher, se não tivesse
encontrado antes o Barão. E' verd^d. — conti-
nuou a Baroneza rindo-se — q^d ver-me-hia
obrigado a offerecer-lhe a m^a mão, por q^d
timido como e', duvido q^d se animasse a pedir-m'a!

Alberto.

/Rindo./ Ah! q^{to} a isto....

Amelia.

/Servantando-se./ Francam^{te}, Sr. B., esta timidez
faz-lhe m^{to} mal! Desculpe-me fallar-lhe assim;
mas como o estimamos m^{to}....

Alberto.

/Sorrindo./ Agradeço... mas peço permissão
a V^{ra} p^a não admittir a m^a timidez.

Amelia.

/ Rodeando a secretaria com ar de arrumar ou procurar alguma coisa / Ora por q.^{to} não ha-de confessar q.^{to} lhe falta alguma audacia?

Alberto.

Affianco-lhe q.^{to} não.....

Amelia.

E' uma coisa q.^{to} aperta bem nos homens, a audacia! Nos poderros dispersa-a e algumas vezes...
m^{tas} vezes temel-a; mas nos homens o caso e' diferente. O Sur. então, não tem nenhuma!...

E' tambem esta a opinião de meu pai, q.^{to} sendo talvez o primeiro a fazer justiça ao seu merecim.^{to}; não deixa com tudo de o accusar de demasiada reserva, de excessiva deservidão.

O Sur. D.^o nunca lhe pede nada... e q.^{to} sabe? pode ser q.^{to} elle esteja disposto a conceder-lhe m^{to}... m^{to}!

Alberto.

/ Admirado / Mas, m.^a Sur.^a...

Amelia.

/ Cumprimos-o gravem^{te} / Sur. D.^o! / Saindo e voltando-se ao pé da porta / Muito! / Sai /

Depois

Acto 8.^a Alberto (10.)

/Depois d'um morri^{to}/ Que querera' ella dizer? Aquel-
la linguagem.... aquella insistencia.... julgo-a bastan-
te discreta p.^a fallar leviannam^{te} de coizas g.^l....
Pobre memoria!... enganaram-na sem duricia al-
gumas palavras benevolas do pae. Se apenas hou-
vesse entre n^{os} o nada da m.^a poricao, talvez g.^l elle
fosse bastante generoso p.^a esquecer essa differença!
mas aquella desgraça de meu pai!... Não obstan-
te, ella parecia fallar com seguranca... tão
radiante estava! /Pauza/ O Barão mandou-me
chamar.... p.^a ra g.^l sera'?... Se esta felicidade
me estivesse reservada!... não sei se a m.^a ra-
zaõ a supportaria!... Amo-a tanto! /Senta-se pensa-
tivo/

Acto 9.^a Alberto e Francisco.

Francisco,

/Entra pelo F. com um maço de papeis./ Por cá, Lus.
Dr. ? Entao como vai' de saude?
Alberto.

Bem. E o Sr. Francisco como papa?
Francisco.

Gracas a D.^a, nunca peior. O Sr. Barão na
está aqui?

Alberto.

Não pode tardar. Estou a' espera d'elle.
Francisco.

/ Pondo o mazo de papeis sobre a secretaria. - Ap.^a Mann.
do p.^a Alberto. Anda sempre triste, coitado! / Mte.
ondo a elle. Parece q. o Sr. D.^o tem alguma coi-
sa q. o afflige?

Alberto.

/ Com m.^{ta} bond. E' dos seus olhos, meu amigo

Francisco. Cinema

Que raras vezes se enganam, Sr. D.^o / Tomando-lhe a
mao, e encarando-o m.^{ta} comovido. Não pense em
coisas tristes! Está na id.^e em q. a vida lhe torri....
Vê-lo feliz, será a maior consolacão dos meus últi-
mos dias. ... e' só o q. peço a Deus, antes de ir ter
com o Sr. seu pai, o meu pobre patrão.

Alberto.

O Sr. Francisco, sabe melhor do q. ninguém, q. a
felicid.^e e eu não poderemos morar juntos.
Francisco.

Esqueça-se d'isso! A desgraça não é vergonha!
 / Com um suspiro / Ah! Vt.ª summa exactam.ª como seu
 pai! Foram estas exagerações de horror e delicia-
 deza q.ª cluitaram a perder aquelle Santo.

Alberto.

/ Servantando-se e tomando-lhe a mão / Diz bem, Sr.
 Francisco; foi a excessiva horror q.ª o perdeu!
 Conhece-o bem, sabe se era um homem honrado!
 Nós ao menos poderemos respeitar a sua memoria
 q.ª tantos outros amaldiçoam!

Francisco.

/ Com exaltação / Podemos, sim Sr., garantir-lhe
 q.ª podemos! Viv.ª 15 annos ao pe' d'elle...
 os melhores 15 annos da m.ª vida!... e juro-lhe
 q.ª nunca um acto de probid.ª duvidosa lhe
 tentou o pensam.ª! Estimava-o por isso; dava-
 lhe a m.ª vida se elle m'a pedisse! E com tudo
 peza-me na consciencia ter sido eu q.ªm lhe
 descarregou o ultimo golpe!

Alberto.

O Sr.!

Francisco.

/ Vivam.ª e enterrando-se pouco a pouco / Innocente-
 m.ª! Deus bem o sabe! Foi no dia em q.ª vol-

tu do Brasil, onde elle me mandara velar pelos
seus interesses, amargam e pelos interesses de
outro... a exploracão d'aquella misera fatal.
As primeiras informacões q^l lhe dei destruíram
lhe as ultimas illusões!... e elle q^l tinha tantas!
As m^{as} cartas não deviam allimentá-las, mas
nunca lhe chegaram as mãos, segundo elle me
disse. Durante a narraçãõ... lembro-me como se
fôra hoje! Vi-o empallidecer e cahir n'ua
ma cadeira sem dizer palavra! Depois levan-
tou-se, caminhou alguns passos m^{te} agitado e
mandou chamar o filho. Quando S^g chegou,
o pobre homem apertou-o ao coração... e por
fim pediu-me q^l o levasse comtigo p^a casa
de m^a mãe. Abraçando Alberto. Bem sabia elle
q^l eu estimaria o filho como estimara o pai!
No dia seguinte, voltei so' e inquieto. Ao attra-
vessar o corredor q^l ia dar ao escriptorio, vi-o sur-
tina encostado a' janella q^l ~~estava~~ olhava
p^a o jardim, e notei q^l estava mais pallido do
q^l na véspera. Creio q^l tambem me viu por
q^l se retirou logo, e d'ahi a um instante...
ouvi um tiro... corri... Solucando. Estava tu-
do acabado! O meu pobre patrão não teve for-

cas p^a sobreviver áquella desgraça!

Alberto.

/Sombrio/ A' sua e a' m^a deshonra!

Francisco.

/Bruscam^{te}/ Qual deshonra! não diga isto q^l é uma injúria feita a' memoria d' aquelle santo! Seu pai não enganou ninguém!

Alberto.

/Abatido/ Além de mim, q^m o acreditará, Sur.
Francisco?

Francisco.

/Com força/ Não enganou ninguém, repito! Elle e' q^l foi enganado, traído, roubado indigna-
m^{te}! A verdade se está, a santa verdade!

Alberto.

/Vivam^{te}/ Traído! roubado! mas por q^m?

Francisco.

/Hesitando/ Por q^m? ... por q^m? ... Ha-de saber o
um dia, deixe estar!

Alberto.

/Com impaciência/ E por q^l não sera' agora m^{me}, se
o Sur. o sabe? Como pode deixar aincta, por
um dia q^l seja! pezar o crime alheio na m^a,
vida, no meu coração, na memoria d' aquelle

g.^o era o symbolo da leald.^e e da honra? Não
adivinha g.^o o unico obstaculo g.^o hoje me se-
para da felici.^d... d'uma felicidade g.^o nun-
ca mais poderei alcançar se chego a perdê-la,
e' a vergonha g.^o puzá sobre o nome de meu
pai?

Francisco.

/ Tremulo e depois d'olhar a' roda de r.^e/ Poi bem...
so' a m.^a morte devia torná-lo Sur. d'este se-
greto... mas uma vez g.^o V.^o tem padecido m.^{to},
g.^o o julgam herdeiro d'um nome nodado...
uma vez g.^o a sua felici.^d depende d'este segre-
to... por g.^o eu bem sei onde quer chegar...
sou velho, mas não sou cego!... seria cruel-
dade da m.^a parte deirato padecer ainda,
g.^o o verdadeiro culpado passaria impune, pro-
deroso e triumphante!

Alberto.

Elle!!

Francisco.

/ Encarando-o/ Ah! já' suspeita g.^o e'! já' o
adivinha puzá m.^a angustia... Talvez puzá
sua... por g.^o a' roda d'elle ha' innocentes
a g.^o quero e respeito m.^{to} como o Sur. D.^o!

Alberto.

Amirado, eu ??

Francisco.

Sim, sim, q^d bem o sei! / Com vir surda e agar-
rando o braco d' Alberto, / O author da desgraça e
da morte de seu pai....

Alberto.

Tremulo, Quem e'?... diga depressa!

Francisco.

E' o Sr. Barão de S^{to} Estevão!

Alberto.

Como louco, correndo p.^a o F. Elle!! / Vacillando e in-
do cahir n'uma cadeira, / E' derrais p.^a uma
criatura humana, meu D^s!!

Francisco.

Na m^{ta} tempo q^d este fardo me pesa na consciên-
cia! So' Deus sabe a luta em q^d tenho vivido!
principalmente depois q^d 189^a veio morar p.^a aqui.
Não obstante, desculpe esta fragueza a um velho...
recuava diante de tão cruel revelação. Sembra-
vam-me os desgostos q^d ella deveria acarretar,
não so' a mim, corria a mais alguém. Finha
preparado tudo, p.^a q^d depois da m^a morte....
q^d não deve estar m^{ta} longe.... o Sr. D.

sabe-se a ver^d. E p^a lh'o provar... / Entra no gabi-
nete da E. A.

Alberto.

/So! / O golpe e' mais cruento do q^e eu esperava! /
Abate-se-me o espirito diante de tao grande fata-
lidade!

Francisco.

/ Voltando com um maço de papeis sacrados / Aqui
tem; estas aqui todos os esclarecim^{tos} q^e dizem
respeito a' traicao de q^e seu pai foi victima.
/ Escutando / E' o Barao, deixo-nos so's. O Sr.
Dr. precisa sonhar, e ler q^{to} antes estes papeis.
/ Indicando-lhe o gabinete da E. A. / Entre ali; e o
meu escriptorio particular, ninguem ira' inter-
romper o.

Alberto.

/ Dirigindo-se p^a o gabinete / Parece-me tudo isto
um sonho. / Soe /

Scena 10^a

Francisco, depois o Barao.

Francisco.

O dever e' algumas vezes difficil de cumprir!

mas agora está feito! / O Barão entra pelo S.
 mettendo dinheiro em notas dentro d'um envelope
 e dirige-se p.^a a secretaria. / O Dr. Lima ainda
 não veio?

Francisco.

/ Indicando o gabinete, está ali.
 Barão.

/ Voltando-se e procurando com a vista. / Ainda?

Francisco.

No meu escriptorio.

Barão.

Fazendo o g.^o?

Francisco.

Seu memoire g.^o redigi p.^a elle ha' m.^{to} tempo.

Barão.

/ Acendendo um charuto. / A respeito de g.^o, meu amigo?

Francisco.

/ Entre dentes. / Não sou amigo de V.^l ex.^{ca}, sou seu
 caixa ... ou antes, seu ex-caixa.

Barão.

/ Admirado. / Queres deixar-me!

Francisco.

V.^l ex.^{ca} e' g.^o ha de mandar-me embora.

Barão.

Eu ... estás doido ! mas por q^l ?

Francisco.

/Muito comovido./ Por q^l já não podia callar-me,
por q^l a m^a consciencia fallou a meu pesar,
por q^l disse ao Sur. D. Lima tudo q^l sabia...

/O Barão levanta-se bruscamente/ e os papeis q^l elle
está agora lendo, dizem-lhe o nome do homem
q^l levantou uma grande riqueza sobre a humil-
de sepultura de seu pai.

Barão.

/Tremulo pela raiva e indo p^a elle com o punho fechado/
Foste isto, velho miseravel !

Francisco.

/Com firmeza./ E' por ser velho e miseravel, q^l que-
ro, antes de deixar o mundo, prestar huma-
gem a' justiça, a' verdade, e a'quelle q^l e' fonte
d'ambas. O Sur. Barão não crê em nada...
eu creio em Deus ! Velho e miseravel como sou,
tenho esta vantagem sobre v^{os} ^{ci^z}.

Barão.

/Dominando a colera./ Está bem. /Sentando-se/

Mais de uma vez notei as suas ridiculas sus-
peitas e presenti as suas estupidas calun-
nias. O q^l admira, e' q^l um homem, tão cons-

cencioso, como o Int., aceitasse por esmola de 20 annos os beneficios d'aquelle g.^o julgava... tão lisonjeiram^{te}.

Francisco.

Quando entrei p.^a casa de V.^{ex} ^{ca}, nem suspeitava sequer, um 10.^o dos factos g.^o accusam na m.^a opiniao. Foi m.^{to} depois g.^o acaso me trouxe as maos algumas das cartas g.^o enverdo do Brasil e g.^o Int. Lima me declarou nao ter recebido. Outros indicios acabaram de me esclarecer. Conteeo perfeitam.^{te} g.^o desde aquelle mom.^{to}, devia ter-me affastado d'aqui; mas a velhice aproximava-se, fui fraco... fiquei. Existo hoje a m.^a fragueza por um dos maiores desgostos g.^o pode sentir o coracão humano.

Barão.

Acendendo novam.^{te} o charito. Mas uma vez g.^o e' tao am.^{te} da justica, achara' justo, creio, g.^o lhe pergunte qual e' o contheudo da memoria g.^o Int. = teve a bond.^{de} = de redigir p.^a o D.^o Lima.

Francisco.

E' uma parte da m.^a correspondencia do Brasil

e a narraçao exacta dos motivos q^l originaram
no meu entender, a fallencia do Sur. Lima,
Barão.

So'?

Francisco.

Diz tambem q^l a fallencia foi declarada no m.^o
dia em q^l V^o ex.^o matou a empresa de q^l
era promotor, rompendo uma solidariedade
a q^l não tinha direito de subtrahir-se.

Barão.

Com impeto / Não tinha direito! / Somnido /
A graça não é má!

Francisco.

Com firmeza e friam^{te} / Não tinha direito, re-
puto; e a prova é esta. Quando V^o ex.^o obteve
da delicadeza extrema do Sur. Lima, o rompi-
m^{to} d'uma escriptura social q^l os ligava
estritam^{te}, possuia docum^{tos} particulares q^l
o outro socio devia conhecer e não conhecia.
Entre eses docum^{tos}, havia uma carta do en-
genheiro, onde elle declarava q^l a empresa só
podia dar lucros por meio d'uma transforma-
çao complecta, q^l depois se realisou... mas
só em proveito de V^o ex.^o e isto q^l sei, e

g.^o está agora lendo o filho do Sr. Lima.
Barão.

Está bem.

Francisco.

Não deseja mais nada?

Barão.

Nada. / Com um sorriso irónico. Obrigado, Sr. Fran.^{co}
Francisco.

Devo sair já, ou esperas as tuas ordens?

Barão.

Espera as m.^{as} ordens. / Alberto entra da S. I. e
encontra-se com Fran.^{co} g.^o vai a sair pelo F. - San-
cam um olhar. Fran.^{co} sai.

Scena II.

O Barão e Alberto.

Barão.

/ Depois de longo silencio. D.^o permita g.^o me li-
gue com a idéa de g.^o & g.^o deu o justo valor a' mi-
gular communicação g.^o me acabam de fazer.
/ Sorrindo. Fontes de vellos.... debilitado pelos an-
nos. Testemunho d'um homem g.^o me paga
20 annos de favores com uma miseravel calumnia,

Alberto.

Sento também recebido favores de V. Ex.^a; a m.^a gratidão... e outros sentimentos ainda, impoem-me uma reserva de linguagem q.^{ta} quizerá conciliar com o meu dever. / Depois de pausa, O testemunho d'aquele velho, a 'custa do seu descanso e dos seus interesses, não me pode ser surpinto; cre^{do} em tudo o q.^{to} disse e escreveu. Quanto a mim, vou dizer a V. Ex.^a no q.^{to} creio, pedindo-lhe q.^{to} me releve, na perturbação em q.^{ta} me acho, toda a palavra dissonante q.^{ta} por ventura me escape.

Barão.

/ Indicando-lhe uma cadeira, com m.^{ta} cortezia e amabilidade
Por q.^{to} não se senta.

Alberto.

/ Depois d'um rapido movim.^{to} / Obrigado. / Pausa.
Um dia, no principio da sua carreira commercial, V. Ex.^a viu os seus nascentes capitães, reputações e futuro, prestes a serem devorados por um abysmo meio aberto. Era moço; quero crêr q.^{to}, aborrido por esta idéa, tivesse acreditado como licito e legal um acto de providencia, cujas consequências terriveis não podia adi-

unhar. O futuro esclareceu-o e agora conhece-as.
No fundo da accão q^a julgava innocente, ha-
via a pobreza de m^{tas} familias, a deshonra
e a morte desesperada d'um homem de bem!
/ Pausa; m^{to} commovido. / Não lhe parece justo
remir tudo isto?

Barão.

Com franqueza, D.^o, não o entendo. Peco-lhe
q^a seja mais explicito.

Alberto.

Rogo a V^{ra} Ex.^a q^a faça o possível p.^a me enten-
der. É um sacrificio o q^a lhe peço, bem sei;
mas não conhece q^a este pedido é legítimo? q^a
lhe cabe o dever de substituir por bençãos e reco-
mendações, os ultrages e os anathemas q^a por ei-
paco de 20 annos tem pesado tão injustam^{te}
na memoria de meu pai? Senta esta nobre
coragem!... e seja ou não engano meu, p.^a
min a expiação tera' lavado a culpa e creara'
deveres eternos p.^a com V^{ra} Ex.^a

Barão.

Devo, com effeito, perdoar m^{to} aos sentimentos
q^a o animam. O raciocinio do D.^o é justo,
mas o ponto de partida, é falso... por

g.^l e' uma calumnia. Não enganei seu pai;
a sua propria cegueira, rebelde aos meus conse-
lhos, e' g.^l o perder. Lastimei-o; fiz mais...
testemunhei depois ao filho uma sympathia
d'agual the preparava provas mais sensiveis...
mas g.^l agora seriam inuteis.
Alberto.

Sur. Barão...

Barão.

O D.^o pensou bem no g.^l me pede? Quer g.^l
me emprobreca p.^a emendar os erros de seu
pai? g.^l atire ao golpão d'uma fallencia
e edificio do meu laborioso trabalho! Sorrindo
do com croma. O pedido e' tao immenso, g.^l hen-
to em acreditat-o serio! Em todo o caso diga-
lhe ja' g.^l nao.

Alberto.

Depois de silencio e dominando-o difficilmen.^{te}
Entretanto, o Sur. Barão sabe q.^{ue} um dever sa-
grado me fica imposto desde hoje... e V.^o ex.
conhece-me bastante p.^a estar convencido de q.^{ue}
nenthum sentim.^{to}, por mais poderoso g.^l seja!
achara' lugar entre mim e esse dever. Reti-
ro-me, temo ambos necessid.^e de consultar o

nosso penam^{to} e a nossa coragem. Dentro de 8 dias,
terei a honra de o procurar.

Barão.

Quando quizer, D.^r. Mas previno-o de q^a a m^a res-
posta está dada.

Alberto.

Creio intimam^{te} q^a não. / Cumprimentando / Sur.
Barão!

Barão.

Alé sempre, D.^r. / Ap^{te}, vendo entrar Amelia / Amelia!
/ Alberto faz um movim^{to} doloroso a' vista de Amelia,
cumprimentando respectuam^{te}. e depois sae pelo F.

Acto 12.^o
Barão e Amelia.

/Correndo ao Barão./ O q^a tem o Sur. D.^r, meu
pai? Pareceu-me tão commovido!

Barão.

/Ap^{te}, com indifferença./ Sobre mesquinha! / Alto. forçando
as mãos d' Amelia / Minha filha, careces de m^{to}
arrimo e resignação. Os nossos projectos ficaram
sem effecto... e creio q^a p^a sempre.

Amelia.

Lae diç, meu pai?

Barão.

O D.^o tornou-se cumplice cegam^{te} d'uma calúnia dirigida a' m.^a honra... por causa de questões políticas. D'hoje em diante somos inimigos irreconciliáveis.

Amelia.

Chorando / Meu D.^o!

Barão.

Ara vamos, nada de lagrimas. Prova-me com if.
so g.^o e' m.^a amiguinha. Vai dizer a tua mãe
g.^o preciso fallar-lhe.

Amelia.

Solhando / Eu g.^o já me soyuinha tão feliz! / Sae /

Acto 1.^o

O Barão, depois o Criado.

Barão.

Pobre creança! Esqueça-mos isto. As lagrimas
não correm a chuva; passam sempre; e' ques-
tão de tempo. Preciso fallar com Clotilde... um
escandalo e' coisa g.^o sempre encorimoda... tal-
vez ella possa convencer aquelle rapaz. Se não

o conseguir, hei-de conseguir-o eu. O mais importante e 'a elleição, e d'agui'a 8 ch'as estava' decidida. / Vendo sobre a secretaria a Costa com g.^l entrou. Com estas historias cá-me esquecendo... / Toda a companhia; entra o Criado. Diga a um caixeiro g.^l leve esta carta ao Sur.^l Comendador Saraiva e g.^l faça recibo. / O Criado, sae. Sera' mais um docum.^{to} p.^a attestar a prodigalidade do Sur.^l meu filho.

Scena 14.^a Barão e Clotilde.

Clotilde,
Mandou-me chamar?

Barão.

Mandei; preciso fallar-lhe.

Clotilde.

Sento tambem g.^l the dizer.

Barão.

Admirado. A mim? A respeito de g.^l?

Clotilde.

Amargam. Não e' a respeito da dor g.^l a minha temura injoiz ao coração d'Amelia. A pobre

creança não me disse o q.^l se passou, mas adivi-
nhei-o. E' mais algum mysterio funesto...
a victima e' sua filha... q.^l tem isto? Ha'
m^{to} tempo q.^l os seus filhos não são p.^o o Sub.
como eu, como toda a gente, mais do q.^l instru-
mentos de riqueza, ou de prazer, q.^l está promp-
to a quebrar desde q.^o o encommodem.

Barão.

Cuidado, m.^a Sur.^a!

Clotilde.

Não me intimida! A mãe q.^l defende a digni-
dade e a honra de sua filha, não se deixa facil-
m^{te} intimidar!

Barão.

A honra de sua filha? Onde quer a Sur.^a chegar?

Clotilde.

Acabo de saber q.^l arrendou o 2.^o andar d'esta
casa ao Corrimendador Saraiva, e q.^l o convidou,
aprim' corro a' Sur.^a, a passar aqui as noites.
Espero q.^l ao menos se lembre de q.^o o lugar da
Sur.^a D. Henriqueta, não e' na habitação
de sua filha.

Barão.

Somos novas phantazias? A Sur.^a presta

25
demandam^{to} ouvidos complacentes a boates fal-
sas e ridiculas.

Clotilde.

Falsos ou verdadeiros, correm hoje por toda a par-
te, e bem sabe g.^o e' preciso obstar, até' os
pensam^{to}, a reuniao d' aquella Sur.^a e de Ame-
lia debaixo do m.^{mo} tecto.

Barão.

/Severo./ Não costumo receber observações, e menos
ainda ceder a caprichos; bem o sabe; Tenho
por divisa fazer o g.^o me apraz; sou Sur.^a das
m.^{as} accoas e da m.^a casa. A Sur.^a e', mais
do g.^o ninguém, indiscutivel em esquecê-lo.

Clotilde.

/Com amargura./ Entendo! não tenho aqui mais
direitor do g.^o e' a Sur.^a; e' natural! Como po-
derei estranhá-lo, g.^o 20 annos de lagrimas e
de expiação, não tem sido bastantes p.^a remir
a m.^a culpa involuntaria? Sim como devorei
em silencio e resignada, as humilhações de g.^o
fui victima; não me lastimo por isto. /Com
força./ Mas tão resignada sou tratando-se de
mim, g.^o inflexivel e pertinaz, tratando-se de
m.^a filha! Previno-o de g.^o não supportarei

tão indigno attentado a' sua pureza! em q.^{to}
eu fôr viva, em q.^{to} aqui habitar, aquella
Sur.^a não ha-de entrar n' esta casa!

Barão.

Decididamente enlouqueceu! e q.^{to} ha-de impedir?

Clotilde.

Eu!... declarando tudo aos meus filhos!... ali'
a m.^a vergonha se fôr preciso, tomando-os
por juizes. Escolherão entre mim e o Sur.
Mande-os chamar, se quizer.

Barão.

Correndo vivam.^{te} a' campainha, e parando na occasião
em q.^{to} cá torar. Sabe o q.^{to} me pede? Avalia
bem o q.^{to} vai fazer? Pauza. Vejo q.^{to} e' preciso
esclarecer-lhe a razão. Indo a ella. Não
ignora q.^{to} os meus projectos, uma vez determina-
dos, são executados immediatamente. O q.^{to} se
vai seguir e' uma separação eterna entre
nós ambos, e immediata! Sabe isto?

Clotilde.

Sim... e estou resolta. Tento exaustas as
forças. Anteça o q.^{to} acontecer, não fica-
rei mais uma hora n' esta casa.

Barão.

Seja! Conueto, e ali' exijo! No entanto, quero
ainda protegê-lo contra si m^{ma}. Onde
está a utilidade d'um rompimento escanda-
loso perante a sociedade, e sobre tudo perante
nossos filhos? Não pôde poupar-se e poupar-
os, a' amargura d'essa confissão desarrasada
da q^a medita? Não basta dizer-lhes q^e
somos compelidos a separar-nos eternam^{te} por
incompatibilidade de genios?

Clotilde.

/Acabrunhada/ Como quizer.

Barão.

Deu-lhe a m^a palavra d'honra q^e deixa a
ambos a liberdade da escolha.

Clotilde.

Obrigada.

Barão.

/Depois de a encarar em silencio/ Esta' decidida?

Clotilde.

Estou.

Barão.

/Tocando a campainha e apparecendo o criado/ Diga
ao Sr^{te}. Cezar e a' menuisa, q^e os mande chamar.

/O criado, sae/

Clotilde.

/Dolorosa^{ta}/ Meus pobres filhos!

Barão.

De q.^o ha-de viver? pensou n'isso?

Clotilde.

Requeto os seus beneficios. O pouco q.^o meu pai me deixou ... pela sua bondade tão mal recompensado! ... e 'q.^{to} me bastará' e aos meus filhos, se quizerem ficar em m.^a companhia. E' a pobreza q.^o lhes dou, sei; mas espero q.^o me estimem bastante p.^a participarem d'ella comigo.

Barão.

/Com ironia e sombrio/ Julga isso?

Clotilde.

/Com firmeza/ Julgo! /Amargam^{ta}/ Nem aos filhos concedo o merito d'um sacrificio!

/Mudando de tom/ Quero-lhes m.^{to} p.^a q.^o dei-xe de acreditar q.^o ha-de fazer!

Scena 15^a

Os M.^{mes} Cezar, e Amelia. - Cezar entra pelo F. e Amelia pela D. - Taram interditos e entendem com um olhar a violencia das com-

movi^{to} q.^l agitam o Barão e Clotilde. /

Barão

/ Breve e contrangido. / Mandei-os chamar.

Dur-se uma discordância entre mim e sua mãe, e acabou por uma resolução extremamente dolorosa, mas q.^l se tornava necessária.

O objecto da questão deve ser lhes estranho.

/ Depois d'uma pequena pausa. / Separam'-os
nos. / Movim^{to} doloroso de Cezar e Amelia. /

Separam'-os ... p.^a sempre. Se querem acompanhar-me ou ficar, deixo a cada um a liberdade de o decidir.

Clotilde

/ At 2 / Espurem ... tenho primeiro q.^l lhes dizer.
Com seu pai, fica-lhes a riqueza, o luxo, todas as comodidades e prazeres a q.^l estão affectos; comigo, ha' o trabalho, as privações ... e por unico prazer... / Mal podendo conter as lagrimas / a m.^a immensa ternura! Escutam ... meus filhos, meus queridos filhos!
/ Silencio e ansied.^e em todos. Cezar e Amelia, parecem dilacerados por uma lucta violenta. /

Amelia

/ Indo lentamente ao Barão. / É verdade, meu pai?
Barão.

Ja' o disse, m.^a filha.
Amelia.

/ Soluçando. / Estas... / Beijando a mão do Barão. /
ad. ! / Lancando-se nos braços de Clotilde, q.^a tem a com-
panhada angustiam.^{te} todos os movim.^{to} da filha. - O
Barão comprime rapidam.^{te} uma commoção de dor. /

Cezar.

/ Com m.^{ta} ternura. / Minha mãe, estou prompto
a acompanhá-la, como m.^a irmã... / Apontando p.^a
o Barão, mas hei-de deixá-lo só?

Clotilde.

Não... ao menos fica tu com elle. / Repelle-o
docem.^{te} - Passa depois o braço pela cintura da filha,
olha p.^a toda a sala e dirige-se p.^a o F. / Vamos,
m.^a filha. / Chega a' porta e pára como esperando
alguma palavra do Barão. - Com attiz depois
d'um instante. / Vamos! aqui não é a nossa
casa! / Saem pelo F.

Scena 16.^a
O Barão e Cezar.

/Longo silencio — O Barão vai sentar-se junto da secretaria e encosta a cabeça ás mãos. Cezar aproxima-se d'elle e observa-o por algum tempo.

Cezar.

Meu pai!

Barão.

/Voltando-se vivam^{te} e encarando-o com severid.^e/ Por q.^o não acompanhou sua mãe?

Cezar.

/Admirado/ Meu pai!

Barão.

Por q.^o me quer mais talvez? / Levantando-se impetuosam^{te} e avançando p.^a elle / E' por q.^o precisa de dinheiro! por q.^o esta' inclivido! por q.^o e' um desregrado e um pusilanime!

Cezar.

/Doloroso^{te} / E' meu pai! / Com fôrça / Como quer q.^o lhe prove... já, immediatamente, q.^o não sou o q.^o V.^o diz?

Barão.

/Com amargura e colera/ Vai talvez desafiar alguém. Pensa q.^o p.^a ter direito ao titulo d'homem corajoso e honrado; não e' preciso mais do q.^o atirar bem ao florête, saber dirigir uma pistola,

e arriscar... por qualquer bagatella, uma vida
insignificante e inutil? Que possuindo estes meri-
tos, pode dispensar todos os outros? Arrastar de
devassidão em devassidão, uma mocidade estupa-
da, uma depravação precoce, uma ociosidade
parva, e, no seu entender, o g.^o constitue a
honestidade e a força? /Com uma gargalhada ro-
nica/ Um homem de bem!... /Com força./
Digo-lhe q.^o o não é! q.^o não passa d'um
libertino e um covarde, entende?

Cezar.

/Mal podendo disfarçar a colera/ Não o nego, sou!
Sou um depravado, um libertino, um covarde, como
meu pai diz! Envergonho-me m^{tas} vezes de não
ser n'este mundo mais do q.^o um vadio insolente
e pueril! Mas de q.^m é a culpa? A q.^o obra, a
q.^o fim, a q.^o futuro, poderei dedicar a m.^a vida,
q.^o desde a infancia, toda a se', toda a convic-
ção, todas as illusões generosas, foram abafadas em
meu coração por uma desapiadada zombaria?
Quando as palavras, honra, dever, religião, e pa-
tria, nunca foram pronunciadas diante de mim
senão com ironia ou desdém? Se nada valho e
nada amo, se nada pode despertar em m.^a alma

enrugada e envelhecida antes de tempo, nenhuma das nobres ambições da mocidade... se coro de mim m.^{mo} e sou a vergonha dos outros... de q.^m e' a culpa, reputo? Responda, meu pai! peço-lhe q.^o responda, porq.^{ue} conheço q.^o ainda lhe quero m.^{to} p.^a me amarrar a fazer-o.

Barão.

/Com voz sombria, e profundam.^{te} atterada./ Insultou-me!... ha de ser punido! / Dirige-se p.^a a secretaria, escreve rapidam.^{te} algumas linhas, e conserva na mão o bilhete q.^o escreveu. / Vamos também separar-nos. Aprendera' a' sua custa as verdadeiras leis da vida. As 230 libras q.^o pediu ao Comendador, estão pagas; não lhe deve nada. Resta-me dizer-lhe q.^o entre mim e sua mãe, ha' um doloroso segredo, q.^o sera' de nós todos tres d'agora em diante. E' meu filho; mas a lei não o reconhece como tal. Os seus direitos dependem unicamente da m.^a vontade.

Cezar.

Que quer dizer?

Barão.

Não sou casado com sua mãe.

Cezar.

/ Fulminado e indo cair n'uma cadeira. Não mais...

Barão.

Logo esquecer um dia.... até m.^{mo} o delírio a g.^{te}
se deixou arrastar, e restituir-lhe a m.^{te} afeição;
d'aqui até lá, trabalhe... se quizer viver.

/ Dando-lhe o bilhete / Aqui tem; vá ao escriptorio
e entregue este bilhete ao Francisco. O g.^{te} receber,
chegar-lhe-há p.^a as primeiras despesas.

Cezar.

/ Levanta-se, olha p.^a o Barão por um instante, e
dirige-se p.^a o F. / Adeus!

Barão.

Onde vai?

Cezar.

Em primeiro lugar abraçar m.^a mãe e m.^a ir-
mã. Depois....

Barão.

Depois?

Cezar.

A um homem como eu, resta-lhe sempre uma
farda e uma espingarda! / Saee vivam! pelo F. /

Sena 17.^a

O Barão, depois o Criado.

Barão.

/ Parece um instante vencido pela commoção. Depois
sacode energicam^{te} a cabeça e dirige-se p^{ra} a secretária.
Que tolice! / Abrindo a secretaria, tirando algumas
letras de cambio e torando a campainha. O Criado apparece.
Leve estas letras ao Sr. Francisco; diga-lhe q^o se vencem hoje e q^o as mande receber.
/ Sai pela D. e o Criado pelo F.

Fim do 3.^o Acto.

Acto 4.^o Quadro 8.

Gabinete d'Amelia. Aparente elegante com ornam.^{tos} brancos sobre um fundo azul-claro. Objectos d'arte de apuriorado gosto e riqueza. Portas lateraes no 1.^o plano, com repositivos; janella no 2.^o plano da E.
Sobre uma banguinha de charão, bordados principia-
dos. Fogaõ com espelhos. Uma pequena secretaria.

Scena 1.^a Barão e o Criado.

O Barão entra pelo F. de chapéo na cabeça e chicote na mão. O Criado segue-o com algumas cartas n'uma bandeja de prata.

Barão.

Poso o chapéo e o chicote sobre o fogaõ e indicando ao
Criado uma pequena secretaria, aponta ali. — Fez-
me bem o propeio. Olhando em roda de si. Pelo me-
nor aqui terei algum descanso. Pro Criado. Não
recebera' senão as repôas q.^{ta} lhe disse ... O Sur.
Conselheiro, o D.^o Lima, e o Sur. Jorge, se vier.
Dirige-se p.^a a secretaria e examina as cartas.
Criado.

O Sur. Conselheiro já chegou, está no gabinete de
V. Ex.^a

Barão.

/ Depois de vir as cartas / Nem uma de Barcellos. (S)
exquerito! / Indo sentar-se junto da banqueta / Executou
as m^{as} ordens, relativamente às Sur^{as}?

Criado.

Sim, Sur. Barão. Na noite em q.^a saíram d'aqui
acompanhadas da criada, foram ao recolhimento da
Roa. Montem de manhã alugaram uma aqua-
furtada - na Rua de S. Boaventura, onde o Sur.
Cezar foi ter com ellas.

Barão.

Sabe o numero?

Criado.

Não reparei. É uma casa q.^a tem a frontaria
m^{te} negra; conhece-se logo.

Barão.

Está bem. Até nova ordem, sem excepção de per-
são alguma.... As Sur^{as} foram a Braga visitar
uma familia em companhia do meu filho. De-
pende d'isto a sua felicidade. Mandou entrar o Sur.
Conselheiro. / O Criado sae pelo F.

Scena 2. Barão depois o Conselheiro.

Barão.

/So! O silencio de Jorge, e' na verdade incorrigivel! Sabera' elle / Vendo entrar o Conselheiro.
Ainda bem q' veste, agradeço-te a solicitude.

Conselheiro:

Apenas recebi o teu bilhete, vim immediatamente
/ Sentando-se / Entao o q' ha'?

Barão.

Imagina q' aquell' pobre D.^o Simão, dando credito a calumnias espalhadas pelo meu antagonista de Barcellos, quer por força ter um desafio comigo a proposito da fallencia de ~~seu~~ pai.

Conselheiro:

Ara epas!

Barão.

Por mais q' alguém lhe dissesse q' o duello não era d' este tempo e ainda menos d' esta terra, foi tudo baldado. N' uma explicação decisiva q' devernos ter hoje, tuncionio tratat-o paternalmente. Mas se apesar d' isto satis dos leins, ter da cortezia, acceito o desafio e farei com q'.

se termine q^{ta} antes.

Conselheiro.

E' melhor....

Barão.

Por agora, peço-te q^d voltes p.^a o meu gabinete, e q^d expores o resultado da explicação. Creio q^d sera' pacifico.... por q^d assim me' convem.

Conselheiro:

Tambem o desejo. Vou corrigirimentar as Sur.^{as} e depois la' me tens no gabinete a' tuas ordens.

Barão.

As Sur.^{as} estão em Braga.

Conselheiro:

Ah! não sabia!

Barão.

Foram com o Cezar visitar uma familia da nossa amizade.

Conselheiro:

Ha' m.^{to} tempo?

Barão.

Ha' 8 dias. Aproveitei esta circumstancia p.^a me refugiar aqui, no gabinete de m.^a filha, unico lugar onde não se ouve o barulho infernal dos estofados. res q^d estão trabalhando no 2.^o andar.

Conselheir:

A proposito... O Commendador sempre p.^a ha 'vai'?

Barão,

Vai.

Conselheir:

/Sorrindo com malícia./ Entendo... queres estreitar ca-
da vez mais as intimas relações!

Barão,

/Succam.^{te}/ Estás enganado; não ha 'nada do g.^o pensar.

Conselheir: de Lisboa

Sim... sim... ha-de ser qto! Dou-te os parabens..
É 'uma linda mulher.

Barão,

/Trovando mudar d'assump.to./ Sem alguma no-
ticia da tua m.^{te} eleição?

Conselheir:

Nenhuma. O g.^o ha'?

Barão.

Por eng.^{to}, não sei. O apuram.^{to} devia de ser
ha' dois dias. Esperava esta manhã alguma
noticia, e não sei a q.^o attribua o silencio de Jor-
ge. Sabe se tenciona vir pessoalmente... /Escutan-
do e rubindo./ É' elle, talvez! /O Criado entra, trazen-
do um cartuchinho de papel branco./ O g.^o é'?

Criado.

Entregaram isto ao porteiro p.^a V.^a ex.^a

Barão.

/ Tomando o cartucho e pondo-o sobre a banguinha /
Esta bom. / O Criado sai /

Conselheiro.

/ Sorrindo. / Ah! Lovelace! Mais uma, heim?

Que famosa vida q.^a levar, meu amigo! / Querendo
ver o cartucho. / Isto é algum amor perfeito q.^a está
aqui envergonhado. Instituto Politécnico de Lisboa

Barão.

/ Impudendo-o. / Não sei.

Conselheiro.

Recusas q.^a tu tire o perfume! Egoísta! Ah!
logo. Sa' estou no gabinete às tuas ordens. / Sa' F. /

Acto 3.^o

Barão (10^o)

Barão.

/ Vai sentar-se próximo da mesa e desfaç o cartucho lentamente
d'onde tira um raminho de violetas. Olha em silencio e
por longo tempo as flores, depois beija-as m.^{te} comovido,
murmurando com voz quasi surda. / Sobre filhinha!

/ Deu q. o Barão fica 10' ouve-se na orchestra uma
harmonia suave. O Barão lucta por um instante
com a fragueza q. o dormia; depois põe as flores so-
bre a banguinha, e levanta-se impetuosam^{te}. / Sua
puerili^{de}.! / Da' alguns passos, parando aqui e ali,
m^{to} commovido e detendo-se diante dos moveis mais
familiares q. lhe recordam a filha. / Deixou tudo!
tudo! / Vendo um pequeno cofre q. esta' sobre o
fogão e abrindo-o. / São as suas jóias! Quero q.
as conserve... vou mandar-lh'as. / Despeja
o cofreinho sobre a miza. / Como ella gostava de
tudo isto!... e como lhe ficavam bem estas pe-
rolas e estes diam^{tes}! / Reparando nos bordados.
Era o seu trabalho predilecto, o bordado!...
Ainda esta' por acabar... / Reparando de novo
no gabinete. / E' o bom gosto reunido a' ellegan-
cia! Que perfume angelico se respira aqui!
Pobre criança! / Dirigindo-se a' banguinha p.^a guar-
dar as jóias. / Vou mandar-lhe tudo isto em
resposta a' lembrança das suas violetas. / Na
ocasião de guardar as jóias, Henriqueta apparece ao
F. — O Barão, vendo-a, contrah a fronte, mas con-
segue dominar-se, e dirige-se p.^a ella sorrindo.

Acto 4.^o Barão e Henriqueta.

Barão.

/ Graciam^{te} / Como? V^{ra} ex^{cia} por aqui?

Henriqueta.

Soube q^d estava em casa, e tomei a liberd^{de} de vir
fazer-lhe uma visita ... com a vizinha. Peço-lhe
q^d não se zangue com isto.

Barão.

V^{ra} ex^{cia} é 'extremam^{te} amavel!

Henriqueta.

Não me queriam deixar entrar. Só Deus sabe o
trabalho q^d tive p^{ra} chegar até aqui! Mas por
q^d veio isolá-lo n'este gabinete?

Barão.

Permitte-me q^d lhe diga? Por causa da balsa
q^d os estofadores fazem lá em cima.

Henriqueta.

Ah! n'este caso peço-lhe q^d me desculpem. Não
tardam a acabar. / Olhando a' roda de n^{ra} / e' l^{ra} l^{ra}.
do este gabinete! / Vendo as joias sobre a banguineta,
Que é isto? / Examinando-as! São riquissimas
estas joias e de aprimorado gosto! / Senta-se junto

da banguinha/

Barão.

/Contrangido/ Pertencem a m.^a filhos. Como ella
esta' ausente entretinha-me em examinal-as.

Henriqueta.

/Tomando o collar de perolas/ Que admiraveis pe-
rolas! São verdadeiras?

Barão.

/Com um tom aborrecido/ Que pergunta!

Henriqueta.

Nunca usei de perolas... não sei se me ficam
bem. Vou vêr. / Levanta-se com o collar na mão e
dirigindo-se p.^a o espelho/

Barão.

/Detendo-a e tirando-lhe o collar/ Com esse vestuario
tao claro... as perolas não lhe devem ficar bem,
m.^a Sur.^a

Henriqueta.

/Um tanto despretada/ Julga isto?

Barão.

Penho a certeza.

Henriqueta.

/Sentando-se no m.^{mo} lugar/ Faz frio deveras,
agui'. / Examizando o bordado q.^o toma de cima da

banguinha! Oh! g.^o pessimo trabalho! / O Barão
faz um gesto violento de contrariado. / Bem se esta
vendo g.^o e' obra de principiante. / Voltando-se
p.^o o Barão. / A viagem da sua familia, foi
improvisada com singular rapidez.
Barão.

Um capricho.

Henriqueta.

Vex.^a vai ter com ella?

Barão.

Não.

Henriqueta.

/ Prindo. / Mas como o Sr. Barão esta... agredavel... esta mauha!... Quem sabe se espera
alguem? Sou talvez importuna?

Barão.

Desculpe-me. Estou contrariado por falta de noti-
cias da m.^a elicão. Ja' deve estar concluida,
e ate' agora..... Sifero forge com uma impa-
ciencia g.^o Vex.^a não imagina!

Henriqueta.

Bem, não quero perturbar esta... impaciencia.
Retiro-me. / Levanta-se e dirige-se p.^o o S. com o ram-
inho de violetas g.^o casualm.^{te} encontrou debaixo da mão

9.^o. estava sentada junto da banguinha.

Barão.

/Tomando-lhe vivam^{te} as flôres — sorrindo. / Queira
perdoar.... mas e' de m.^a filha.

Henriqueta.

Ah!

Barão.

Parece-me q.^d. entrou uma carruagem no pátio.
/ Indo a' janella / E' o Jorge! Vou finalm.^{te} saber....

Henriqueta.

Sento tambem curiosid.^e de saber o resultado.
Aperto q.^d. ganhou a eleição?

Barão.

Desculpe, m.^a Sur.^a; mas não lhe parece incon-
veniente ser encontrada aqui na ausencia da
m.^a familia? / Mostrando a porta da D.B. /
Este corredor vai dar a' sala.

Henriqueta.

Como! Poi e' inconveniencia visitar o meu
senhorio?

Barão.

/ Com impaciencia / Neste gabinete, de certo.

Henriqueta.

E' um agravo?

Barão.

E' um peido.

Henriqueta

Mas parece-me....

Barão.

/ Caminha p.^a ella com cohera, mas detem-se e diz-lhe
com voz ~~baixa~~ supplicante. / Poco-lhe q.^o se retire.
/ Henriqueta dirige-se lentam.^{te} p.^a a porta da D. e sae.

Acto 5.^o
Barão e Jorge.

Jorge.

/ Dentro. / Onde está elle! / Entrando pelo F. / Victo-
ria, meu amigo, victoria! Quiz eu proprio tra-
zer-te a noticia. Da'ca' um abraço!

Barão.

Fallas serio? Estou eleito?

Jorge.

Ara epa! Palavra d'honra!... e por grande
maioria!

Barão.

Ale' g.^o enfim! / Apertando a mão de Jorge. / Agra-
gado, meu amigo; agradeço-te sinceram.^{te} os

bom serviços q^l me prestaste n' este negocio!

Jorge.

Estás enganado; e' a ti q^l o devo.... a' generosa
resolução q^l tomaste de casar tua filha com
o Dr. Lima. Corri immediatamente a espalhar
a noticia pela localid^e. Um millionario q^l
da' a filha a um pobre diabo.... embora honer-
to.... e' de arreentar! Mas onde esta' a Sur.^a Ba-
rrozeira, tua filha, o Dr. ? Quero abraça-los!
Com a breca!... e' a m.^a recompensa e exiç^o-a.

Barro.

/Contrangido./ Teus q^l esperar alguns dias, por q^l
as Sur.^{as} foram a Braga com o Cezar. Quanto
ao Dr., imagina...
Instituto Politécnico de Coimbra

Jorge.

Foram a Braga, e nem ao menos se lembra-
ram de passar pela quinta?

Scena 7.^a

O M^{mo} e o Criado.

Criado.

Esta' la' fora o Sur. Dr. Lima.

Jorge.

/Dirigindo-se p.^a o F./ Principio por abraçar este!
Barão.

/Detendo-o/ Espera. /Enfiando-lhe o braço e levando-o
p.^a a L. B. /Em duas palavras, meu amigo... As
calumnias inventadas em Barcellos a meu respei-
to, chegaram aos ouvidos do Dr. Lima, e subi-
ram-lhe rediculam^{te} a' cabeça. No re'em q.^l
as coisas estão, seria inútil dissimular. D'esta
entrevista, resulta necessariamente uma explicação
formal... /Indicando a porta da L. B./ Entra
ali; e' o toucador de m.^a filha. Autorizo-te
a ouvir tudo. Julgarás por ti m.^{mo} a mode-
ração q.^l emprego n'esta desgraçada occorren-
cia, e no caso de necessid.^e entrevistarás p.^a o
convencer.

Jorge.

/Espantado/ Convencet-o? Como! pois ainda não
há' 8 dias; q.^l...

Barão.

/Levando-o até a' porta./ Vai, meu amigo. /Jorge
saí. — As Criadas/ Mandei entrar o Sur.^{te} Dr.

/O Criado saí/

Sena 7^a Barão e depois Alberto.

Barão.

So! É preciso q^d elle saiba. N'estes casos o me-
thor meio de ter um homem por alliado e' to-
mal-o por confidente. / Alberto entra pelo S. Cum-
pimentam-se. O Barão continua com extrema delica-
deza, Sur. D^r, n'este momen^{to} deploro mais do q^d
nunca o facto desagradavel q^d e' causa da nos-
sa differença; em outro tempo, recebê-lo-hia de
bracos abertos por q^d acabo de saber q^d fui eleito
deputado. Pelo menos esta feliz circumstancia....
e outras razões... / Brincando com as violetas q^d tomou
de cima da banqueta, predispõem-me a usar p^a
com 8^{da} d'um espirito de conciliação affectuo-
sa... q^d espero seja contagioso. Liugêio-me além
d'isso, de q^d estes 8 dias de serena reflexão, o
tenham preparado p^a ser mais razoavel.

Alberto.

/ Gravemente, estes 8 dias modificaram com effei-
to os meus projectos... mas so' os meus projectos,
note 8^{da} ex^{ta}! Quanto ao resto, tudo fortificou
n'estes 8 dias a certeza, de q^d na desgraça a

a q^l meu pai succumbio, houve uma victima e um criminoso.

Barão.

/Reprimendo um movim^{to}/ Esta enganado, Sur.^l Alberto.

O meu primeiro desig^{nio} era, como o Sur.^l Barão provavelmente entendeu, exigir de V^l ex^{cia} a unica reparação q^l e' hoje possivel.... a rehabilitação de meu pai e do meu nome; e no caso de não a obter da minha consciencia, obtê-la da lei.

Barão.

Da lei? Pensa seriamente no q^l esta a dizer? Suppõe acaso q^l exista um lei, um tribunal, q^l sancione pretensões tão inconcibiveis, tão absurdas, como as de V^l S^a?

Alberto.

Talvez... mas deristi d' esse projecto. Para se rir-o na tua honra, tinha tambem q^l ferir duas existencias q^l prezo e respeito, e abafar em meu coração sentim^{tos} q^l me são caros.... por mais irrealisaveis q^l sejam! O meu animo não se actiona na altura d' um dever tão rigoroso. Resolvi sair de Portugal e deixá-lo gozar em paz a sua prosperidade. Prescrevo apenas uma condicão,

Barão.

/ Imputuam^{te} / Prescrever-me condi... / Contendo-
se e com um riso irónico / Enfim... faço voto
de paciência. / Sentando-se / Falle.

Alberto.

Ferei ao menor praticado uma boa accão em
nome d' esta pobre memoria q^l desisto de defen-
der. / Aproximando-se do Barão / Fico-lhe q^l chame
pr^a junto de V^lcia aquelles q^l afastou de ma
casa, e q^l lhes apegure a situação, os directores e
a felicidade de q^l são dignos.

Barão.

/ Levantando-se com impeto, e lançando um olhar pr^a
a porta da E. B. / Sur^a / Pr^a / Como e' q^l elle
sabe?

Alberto.

Não accuse V^lcia ninguém. A missão q^l pre-
hencho n' este mom^{to}, foi-me commettida
unicam^{te} pela m^a consciencia; não sou
mensageiro, nem recebi confidencias. Algumas
palavras soltas, escapadas um dia ás afflicções
d' uma pobre mãe, tinham-me feito presentir
há m^{to} tempo, esta desgraça. Horrível, o deses-
pero d' aquella Sur^a, deu-me a convicção de q^l.

suspeitava. Jure-me V^{ra} Ex^{cia} q^l sava'o q^l the
peço, q^l tambem the juro q^l sahrei de Portu-
gal.... / Levando a mão ao coração, p^a sempre!

Barão.

/ Com colera, Tocando na m^a vida intima, o Sr.
D^r. excede o seu direito e a m^a paciencia!
Calle-se e retire-se!

Alberto.

/ Exaltando-se, Foi e' q^l the manifesto uma tal
abnegação.... Mas V^{ra} Ex^{cia} q^l me falla de pa-
ciencia, suppone q^l a m^a não tenha limites?
q^l se eu atirasse a opinião publica este segre-
do da sua vida intima.... q^l ella nem suspei-
ta!... a socied^e não avaliaria por esta accão in-
digna, toda a sua existencia, as suas doutrinas
aterradoras e o desprezo em q^l V^{ra} Ex^{cia} tem as leis
mais santas da vida? / Jorge sae do quarto e
esconde-se por traz do reposteiro, sem ser visto.

Barão.

/ Mirando com violencia o ramalhete, Sr. D^r!

Alberto.

/ Continuando, Que não admiraria o seu cynismo,
vendo a mãe de seus filhos, e os seus proprios
filhos condemnados pelo seu implacavel egois-

mo a arrastarem uma vida de misérias e morre-
rem talvez de fome?

Barão.

/ Agarrando o chicote de cima do fogão e avançando
como louco p.^a Alberto. / Calte-se ! q.^d não.....

/ Jorge precipita-se p.^a, arrancar-lhe o chicote, e ati-
ra-o ao chão. /

Scena 8.^a

O M.^{mo} e Jorge.

Jorge.

/ Tremulo, agarrando o Barão pelo braço, e obrigando-o
a voltar-se p.^a elle. / Só uma palavra ! É ver-
dade ?... / Silêncio do Barão. / Calta-te ?... Acredi-
to ! / Pausa. / E fizeste de mim teu cúmplice !
/ Com um gesto ameaçador. / É um infame ! / Con-
tendo-se. / Não ! Quero lembrar-me de q.^d comi o
teu pão..... ainda q.^d os teus benefícios nunca
foram tão cruéis e exqu岸ados. / Pausa. / É is-
to a final o q.^d tu és, não é assim ?... Bem
m'ò disseste, faço-te esta justiça !... diseste-
m'ò no dia em q.^d tive a desgraça de receber
as tuas propostas, mas não te acreditei, não

entendi... entendo e acredito agora! / Amargura e ironia
 É ver^d! ... é um homem forte! Um d'esses
 espiritos livres e poderosos, de q.^o o nosso século não
 é' avaro e p.^a os quaes tudo é' superstição, tolice,
 preconceitos... excepto a grande moral, a moral
 da voga e do aparato! Justiça, honra, consciên-
 cia, Deus!... puerili^d, e poesia! Vai tudo bem,
 uma vez q.^a a lei positiva e a policia estejam sa-
 tisfeitas. Os simples e os fracos, caminham diffi-
 cil^{te} na escabrosa senda da vida, detidos a
 cada passo por algum escrúpulo ou respeito, por
 algum estremeir^{te} do coração ou da consciên-
 cia!... a esse tempo passam os fortes, emmagam-
 nos e seguem triumphantes! Os fracos choram,
 e afastam de si as ruins paixões, só por se lem-
 brarem de sua mãe, de sua mulher e de seus
 filhos... os fortes, percorrem invariavel^{te} a
 estrada da ambição ou do prazer, pisando o
 corpo do pai e a honra da filha! Uma pa-
 lavra, um grito, uma bandeira esfarrapada,
 basta p.^a q.^o os fracos vão entregar sangue e
 vida pela sua religião, ou pelo seu paiz!...
 ao passo q.^o os fortes, especulam torp^{te} com
 o perigo publico, sem duvidar, até, vender por

uma minhará as ruínas da sua pátria! A espe-
cê e' esta! Pois bem, se' feliz. Quanto a
mim, ai glórias e ai alegrias do mundo por tal
preço, prefiro morrer de fome... como morre-
rei amanhã... no meio da rua, com uma pe-
dra por travezeiro, os raios do sol por cirios fu-
nebres, mas com a fé e a esperança no cora-
ção.

Barão.

/Fria^{te}/ Minoreando-me com esse sermão, creio
q' não deixaste de prever as consequências?...

/Sentando-se a' c'.

Jorge.

Não se' as previ, mas reclamo-as e já!

Alberto.

Desculpe, Sr. Jorge; confesso o q' ha' de generoso
na sua intenção, mas não posso aceitar. /Sr.

Barão/ citou as ordens de V. Ex.^a /Dirigindo-

se p.^a o F.

Jorge.

Mas, Sr. D.^r... peço-lhe em nome de...

Alberto.

/Interrompendo-o./ Quer deshonrar-me? /Sae/

Sena 9.^a Barão e Jorge.

Barão.

/ Longo silencio. — O Barão por fim ergue-se e toca a campainha. — O Criado apparece. / Mande a premissa
tar immediatamente a carruagem. / O Criado sae.

Jorge.

Estás decidido a bater-te com aquelle rapaz? —
/ O Barão não responde; vai tomar o chapéo e dirige-se
p.^a o F. — Jorge agarra-o violentam.^{te} pelo braço e faz-o
parar. / O filho depois do pai! / Aproximando a
cara a' cara do Barão. / Mas estás bem certo de
q.^l não existe Deus?! /

Barão.

/ Fria.^{te}, desprendendo-se d'elle. / Amanha' T'o direi!
/ Sae pelo F. — Jorge segue-o com a vista, sem se mo-
ver. /

Fin do 1.^o Quadro do 4.^o Acto.

Quadro 2.

A m^{ma} decoração do quadro antecedente. 3 horas da manhã.

Scena 1. Barão e Conselheiro.

A scena está variada por alguns instantes. A porta do S.^o abre-se impetuosam^{te} e o Barão entra com passos precipitados. Está m^{to} pallido. Atira o chapéu p^{ra} cima d'um movel, depois senta-se, passa m^{tas} v^{ezes} a mão pela fronte, por fim levanta-se, carrinhado alguns passos, vai ao espelho compor a p^{er}sonagem, volta e senta-se de novo. —

Barão.

Falta-me o ar! parece-me q^{se} tenho a cabeça a arder! / Levanta-se, vai abrir a janella e respira larga.
m^{te} / O Conselheiro entra. O Barão corre p^{ra} elle / Cntas?

Conselheiro.

Está m^{to} mal! Tenho medo!

Barão.

Contrariado... sempre!

Conselheiro.

Tanto eu como o Sr.^o Jorge, hesitamos em trazer o p^{re} aqui no estado em q^{se} se achava. Além

d'isso pode succeder-lhe alguma desgraça no trem
e atrahir d'essa forma a attenção publica p.^a
um facto q.^l terror empunha em occultar.

Barão.

Mas não pode ficar onde está!

Conselheiro.

Tambem pensei n'isso; e corro ainda e'm.
cêdo ... As Sur.^{as} já voltaram?

Barão.

Ainda não.

Conselheiro.

Felizm.^{te} Vou vê se o podemos trazer.

Barão.

Antes de sair, vai a sobre-loja prevenir a tia
do Dr. p.^a q.^l não dê alarme q.^l o pobre ra-
paz entrar ferido.

Conselheiro.

Era isso m.^{mo} q.^l eu cá fazer.

Barão.

Não te demores. / Vendo Aneliã apparecer a' porta
do F. e estremecendo. Ap.^{te} / Minha filha!

Scena 2.^a

O M^{mo} e Amelia.

Amelia esta vestida de preto, e com um véo sobre o rosto q^l. levanta ao transpôr a porta. - Fica ao F. a' espera de qualquer gesto do Barão.

Barão.

/ Procurando disfarçar a commoção e embandando um sorriso. Ah! ei tu, m^a. Amelia... / Entendendo. the os braços com hesitação.

Amelia.

/ Correndo a abraçá-lo. Meu querido pai! Barão.

/ Ao Conselheiro, sempre abraçado com a filha. Vai, meu amigo, arranja as coisas do melhor modo possível. Estamos entendidos, não é' assim?

Conselheiro.

/ Entendendo a situação e disfarçando. Perfeitam^{te}. Até logo. / Cumprim^{te}. Amelia, q^l. the correspondendo com um movim^{te}. de cabeça. Minha Sur^a.! / Saee F.

Cena 3^a.

O Barão e Amelia.

Harmonia desde o principio d'esta scena até ao fim do quadro.

Amelia.

/ Olhando p.^a o pai e soluçando. / Como esta' abatido;
meu querido pai!

Barão.

/ Com um suspiro doloroso e como se fallasse consigo. /
Muito! / Apertando Amelia contra o peito e beijando-a
na fronte. / Obrigado pela tua visita, meu amor!
Vieste só?

Amelia.

A criada ficou lá embaixo.

Barão.

Não alguma novidade?

Amelia.

Eu e m.^a mãe esgotámos as nossas lagrimas... eis o
q.^o há. Vim vê-lo, mas com tanto medo!

Barão.

Medo de q.^o, filha? É' verdade, agora reparo, estás
tão tremula! Ora vamos, socêga. Vem cá, senta-te
agui ao pé de mim. / Sentam-se. / O barão na cadeira,
e Amelia no joelho d'elle. / Tambem não me terás es-
quecido de ti. Olha, reuni' as tuas jóias p.^a T'as
mandar em troca das tuas violetas. Causaram-
me tanto bem!

Amelia.

/Beijando-o/ Obrigada! Mas queria... espero... espe-
ro mais alguma coisa.

Barão.

Dize o q^l. e! /Olhando a' roda de ri, e escutando com
inquietação/ Está tanto frio e temo tanto q^l. te
constipres! Espera, deixa-me fechar a janella. /Vai
fechar a janella e volta/ Sentam-se de novo como estavam./

Amelia.

Agora espero q^l. meu pai... por q^l. depois de tão bom
agazalho contêço q^l. ainda me quer m.^{to}!

Barão.

Se quero, meu amor! /Atrahindo-a a si/ Deixa-me bei-
jar-te... sempre! A m.^a. alma refrigera-se qd^o. te
beija! /Beijando a filha, com uma especie de desespero
sebril./

Amelia.

Meu querido pai! Não tinha eu razão qd^o. hoje
dizia a m.^a. mãe: = Vou tentar... quero tentar...
Deixe-me ir. Tenho certeza de q^l. elle padecerá
tanto como nós!

Barão.

/Com voz alquebrada/ Padeco, filha, padeco m.^{to}!

Amelia.

/Continuando/ Estes 8 dias de solidão hão-de-lhe

ter feito acontecer q^{to} nos guerra.... sem sabê-lo talvez!... por q^l a maior parte das vezes os homens não sentem os laços q^l os prendem ao lar domestico e a familia, senão q^{do} isso lhes falta! Quando elle se achar so', dizia eu a m.^a mãe, n' aquella casa deserta, não ouvindo já os rumores familiares q^l a cada instante lhe diziam: = Ha' aqui' alguém de q^m é a alma e a vida! ha' uma consolacão prompta p.^a os teus padecim^{tos}, um sorriso p.^a as tuas lagrimas, uma carícia p.^a o teu desespero. Basta uma palavra tua p.^a... / Estreitando nos braços o Barão. / Ah! está chorando! Bem vê q^l eu tinha razão!... Chore, meu querido pai!... chore!... mostre-me n' essas lagrimas o amor q^l ainda nos tem!

Barão.

/ Profundam^{te} commovido. / Enfin, disse o q^l querés. Muito obterás, por q^l m.^{to} te quero.... mais do q^l eu imaginava!

Amelia.

Meu bom pai!

Barão.

Scuta. Em troca de tudo q^{to} me pedires... peço-te só' uma coisa. Não teça o q^l acontecer, não

me maldigas nunca!... prostrates, filha?

Amelia.

/Solucando/ Que diz, meu pai!

Barão.

/Sentindo apparecer alguém na porta do F. e erguendo-se vivam^{te}, com terror/ Quem é'? não entre!

Scena 4.

O M^{mo} e Jorge.

Jorge.

/Correndo ao Barão/ Desculpe, m^o meu, preciso dizer duas palavras a seu pai. /Amelia affasta-se. - Baixo ao Barão/ Não tarda ali. Seria bom q^d sahisses por um instante com tua filha; q^d a carruagem entrar no pateo, pode persuadir-se q^d é a mãe e....

Barão.

/Mto e disfarçando/ Será como quizeres, meu amigo.

Jorge.

/A Amelia, affectando serenid^e/ Esta hoje mais contente, não é' ver^de, Sur^o. D. Amelia? Até logo; não me posso demorar. /Ao Barão/ Então estamos entendidos. Até logo. /Sae F./

Acto 5.^o

Barão e Amelia.

Amelia.

Parece-me afflicto, meu querido pai! Aconteceu-lhe alguma desgraça?

Barão.

Não, filha. É um negocio urgente... a compra d'inscrições... Queres q^l te acompanhe... não foi isto q^l me disseste? Pois sim, vamos aonde quizeres.

Amelia.

/Muito alegre/ A casa de m.^a mãe?

Barão.

/Sem dar attenção ao q^l diz./ Sim... sim... a casa de tua mãe... Não a façamos esperar. /Decendo-lhe o vau com as mãos tremulas/ Vamos.

Amelia.

Corro e' bolidio!... e corro ella vai ficar contente! Sentindo-se levada pelo Barão e detendo-o/ Espere; peço-lhe q^l se demore mais um instante. Já q^l o seu coração se abriu p.^a mim...

Barão.

/Prestando o ouvido p.^a o F. e com perturbação crescente/

Falta de respeito!

Anelia.

Ha' ainda algum q.^o o offendeu e q.^o tambem
padece m.^{to}.

Barão.

Seu irmão?... pois sim... esta' perdoado! Mas
vamos, anda!

Anelia.

E' outro...

Barão.

Apartado, e encarando a filha. Quem?

Anelia.

Meu pai bem sabe. Estou certo de q.^o uma pala-
vra m.^a sera' bastante p.^a q.^o elle ajoelhe a
seus pais.

Barão.

Aterrorizado. Calla-te!

Anelia.

Não me dê so' metade da felicidade. Amo-o tan-
to! Sembre-se de q.^o se o amo, se a vida do
meu coração lhe pertence, foi meu pai q.^o afirmou
o quiz.

Barão.

Não sabendo mais o q.^o diz. Sim... sim... falta-

remos n'isso pelo caminho. Mas vem... lembra-
te da impaciência de tua mãe! / Ouve-se o
rodar d'um trem no patio.

Amelia.

E' ella talvez!... apurou-se com a m^a. clamo-
ra e... / Correndo p.^a a janella.

Barão.

/ Agarrando-a vivam! Não! não!

Amelia.

Digo-lhe q^d e' ella! / Consegue desprender-se dos braços
do Barão e corre p.^a a janella, q^d abre.

Barão.

/ Flacilando, e apoiando-se a uma cad.^a p.^a não cair.
Não olhes, filha! não olhes!

Amelia.

/ Na janella. Que e' aquillo?... um homem ferido...

/ Da' um grande grito, e fica atterrada, sem tirar os olhos
da janella. O Barão parece assombrado. Depois d'alguns

min^{tos}, Amelia volta-se de repente, caminha ate' junto do
pai, encara-o, adivinha tudo, faz um gesto d'horror e
foge p.^a a outra extremid.^e do theatro, onde vai cair sem
movim^{to} n'uma cadeira.

Barão.

/ Souco pula d'or. Amelia!... m^a querida filha!...

/Correndo desorientado p.^a a porta do F. e gritando/
Accudam a m.^a filha!

Scena 6.^a

O M^o e Jorge.

Jorge apparece vivam^{te} ao F. - O Barão sem poder fallar, indica-lhe a filha; Jorge corre p.^a ella, ajoelha e toma-lhe as mãos.

Barão.

/Depois de seguir todos os movim^{tos} de Jorge, com uma ancied.^e mortal/ Esta morta? falla.... não sei.... não vejo nada!...

Jorge.

Espera. / Depois de pausa/ Não tarda a voltar a si. Retira-te... se te visses agora seria fatal a commoção. / O Barão parece petrificado. / Retira-te, já te disse!

Barão.

/Balbuciando como se estivesse idiota./ Sim... sim...
/Da' alguns passos e pára./ Mas é m.^a filha.... hei-de deixá-la aqui.... doente... talvez moribunda.... /Com um grito/ Sou seu pai.... não quero sair!
... /Voltando a' serenid.^e com g.^o acabou de fallar./ Então...

e' preciso q' me va' embora ?

Jorge.

/ Levantando-se e aproximando-se d'elle. / Que the dirás
q'do ella voltar a si' ?

Barão.

Tem razão.... tem.... sim.... e' isto, e'.... tem razão....
Alha... vou-me embora. / Affasta-se lentamente com pas-
so tço e automaticamente, repetindo sempre as ultimas pa-
lavras como se estivesse doído. Chegando a' porta do F.,
vacilla, agarra-se a' parede, depois continua a marcha
sinistra e desaparece.

Jorge.

/ Queo encarou espantado em todo este tempo. / Perde-
ria a razão ? / Amelia continua desmaiada.

Cabe o piano.

Fim do 2.º Quadro e do 4.º Acto.

Acto 5^o

N^o uma aqua furtada. Sala simples e pobre. Por
enfite, uma jarra com flores e um franguinho de
porcelana com um raminho de violetas. Algumas
cadeiras uzadas, e uma m^{ez}a onde esta a jarra e
uma cestinha de costura. Portas ao F. e lateraes no
1.^o plano. Janelha no 2.^o plano da D..

Scena 1^a

Amelia e depois Jorge. Lisboa

Amelia.

/ Sem na m^{ao} um bordado principiado e esenta com per-
caucos a' porta da E. / N^{ao} oio nada ainda.
Ah! parece-me q^d d' esta vez enganei-me. N^{ao} tenho
animo de a acordar... e entretanto... / Sem voltado
p^{ra} junto da m^{ez}a, e tira uma carta com estampilha de
dentro da cestinha. / Esta carta queirra-me os deolos!
/ Querendo abri-la e detendo-se. / N^{ao}! quero q^d seja
ella q^{ra} primeiro se goze d' esta felicid^e. Pobre
mae! / Batem a' porta do F. / Quem e'?

Jorge.

/ Dentro. / Sou eu, m^{ae} filha, o Jorge. / Amelia
corre a abri a porta. — Jorge entra.

Amelia.

Abracando-o. Ah! meu amigo... q.^{to} me alegra vê-lo
n' esta casa!

Jorge.

Sorrindo. Deveras? Então esperava-me? Depe-
ram-the q.^o eu vinha cá?

Amelia.

Não; por q.^o?

Jorge.

Admirado. Foi deveras não sabe nada?

Amelia.

Apustada. O q.^o é, Sus. Jorge?

Jorge.

Não se apuste; por q.^o apesar de também não sa-
ber o q.^o ha', contudo creio q.^o o caso não é p.^o
isso. Como está a Sus. Baroneza? posso fallar-the?

Amelia.

Não sei se já' acordou. Estou desejando q.^o se levan-
te, mas não the quero perturbar o sono... de
q.^o precisa tanto, pobre mãe! Ha' 6 mezes é a
primeira noite em q.^o dorme socegada.

Jorge.

Então, tem padecido m.^{to}?

Amelia.

Muito! O Sur. Jorge não pode fazer ideia dos desgostos q.^l temos tido! Mas não lh'o diga, por q.^l isto seria bastante p.^a a desgostar ainda mais. Felizm.^{te} preparo-lhe uma bonita surpresa p.^a q.^d acordar.

Jorge.

Vivam.^{te} Recebeu alguma carta?

Arrelia.

Mostrando-lhe a carta q.^l tira da algebeira / Veja!

Jorge.

Vem da Itália? e do Sur. Cesar?

Arrelia.

E', conheço-lhe a letra!

Jorge.

Souvado seja Deus! Este silencio inexplicavel desde.... desde q.^d? ha' 8 semanas, parece-me... desde a batalha de Magenta.... Othe, m.^a menina, nunca lh'o quiz dizer, mas estava m.^{to} apurada!

Arrelia.

E noi, meu amigo? Embora o Sur. me dissesse q.^d o procurava na secretaria: = Elle está vivo.... deve estar em Milão... as suas cartas perderam-se talvez... esperemos ainda... nunca e'

hom a gente desesperar antes de tempo... E espera-
va-mos, esperava-mos sempre!

Jorge.

E fazia mal dizendo-lhe isso?

Annelia.

Oh! não! a prova está aqui. / Mostrando a carta.

Jorge.

Felicit^{te}!

Annelia.

Senão chegasse por estes dias, creio q^o m^o mãe mor-
reria; tal tem sido a sua impaciência! / Corren-
do p^a a porta da E. / Ah! d'esta vez...

Jorge.

Ap^{te}. / Tobres Sur^{as}!

Scena 2^a.

Os pp^{mos} e Clotilde.

Annelia.

/ Abracando Clotilde q^o apparece a' porta. Parece inte-
ram^{te} outra! / Ale' q^o acordou!

Clotilde.

Bom dia, filha.

Annelia.

Como pashon a m^a querida mãe? Dormio melhor
esta noite, pois não dormio?

Clotilde.

Dormi, filha.... e fez-me m^{to} bem.

Amelia.

Afastando-se p.^a descobrir Jorge. Repare p.^a q.^m
está ali.

Clotilde.

Correndo a Jorge. O Sur. Jorge!

Jorge.

Beijando-lhe a mão respeitosa. Eu m^{ma}, Sur.
Baronza. Apt. Nem parece a m^{ma}, coitada!

Clotilde.

Há tanto tempo q.^e não apparece!

Jorge.

Sinto tido m^{to} q.^e fazer; mas espero q.^e V^{ex}.
far-me-ha' a justiça de acreditar q.^e não as es-
queço nunca.

Clotilde.

Abrija. a Amelia. Então, não offerecer uma cadei-
ra ao Sur. Jorge?

Jorge.

Impedindo Amelia q.^e vai buscar a cadeira. Não
se incomode V^{ex}.; estou a fim m^{to} bem.

Clotilde.

Desculpe-a. É' uma cabecinha de vento... / Abracando Amélia, m^{to} comovida. / mas é' a m^a única consolação n' este mundo!

Amélia.

Minha querida mãe!

Clotilde.

É o meu amparo também! Que seria de nós, Sr.
Jorge, senão fosse este anjo g^l. Deus, pela sua in-
finita bondade, me concedeu?

Amélia.

Mas o g^l. faço eu, p^a m^a mãe faltar assim?

Clotilde.

Não escondas o g^l. vales, filha! não sejas ingrata,
com a Providência, g^l. tem sido prodiga com os des-
graçados... como nós! Ha' só' uma coisa g^l. tu
fazes e g^l. m^{to}. me do'!

Amélia.

[Vivam^{te}.] eu, m^a mãe!

Clotilde.

Sr. srn, Trabalhas demasiadam^{te} p^a as tuas
forças. Aperto g^l. estiveste bordando desde a ma-
drugada? / Amélia abaixa os olhos. - A Jorge /
He', meu amigo? Ajude-me a valhar com ella.

Amelia.

Para mim e' um divertim^{to}. Acordei hoje antes do sol e alegre como os paparinhos. Era anuncio de boas noticias.

Clotilde.

/Tomando-lhe vivam^{to} as mao^s./ Teus alguma carta?

Amelia.

/Mostrando-lhe a carta./ Olhe!

Clotilde.

/Arrancando-lh'a./ E' d'elle? de meu filho?

/Olhando p^a a letra do subscripto./ Vivo! /Chorando./

Bemdito seja o Sur^{to}!

Amelia.

Sougue, m^a boa mae!

Jorge.

Entao' q^l e' isto, Sur^{to} Baroneza?

Clotilde.

/Reparando na carta./ E' ainda nao a abriste!

Fiveste animo p^a a conservar fechada!

Amelia.

Quiz reservar-lhe essa felicidade!

Clotilde.

/Abreindo a Carta apressadam^{te} e intentando ler./ E' de

Milla^o. — " Minha querida mae... /Derata a

a rolar e estende a mão com a carta. /

Jorge.

Anírio, m.^a Sur.^a

Clotilde.

Não posso... peço-lhes q.^a a leiam. / Jorge aproxima
uma cadeira e faz sentar Clotilde. Amelia q.^a tomou
a carta, ajoelha-se junto da mãe e encosta-se ao joelho
d'ella p.^a lêr. Jorge encosta-se ao espaldar da
cadeira. — Harmonia na orchestra. /

Amelia.

/ Sendo / Minha querida mãe: Houve grande bata-
lha como deve saber. O meu regimento occupava
felizmente a vanguarda do exercito.

Jorge.

O melhor lugar, mas tambem o mais perigoso!

Amelia.

/ Continuando / Que magnifica estrêa p.^a um soldado.
q.^a apenas presenciará o fogo no jardim mytholo-
gico! Não imagina, m.^a querida mãe, o medo q.^a
tive, q.^a me achei pela primeira vez em fren-
te do inimigo!

Clotilde

Pobre filho!

Jorge.

Podia!

Aneliã.

/Continuando/ "Mas ao ouvir o toque de-fôgo =
senti-me outro. Combati como um veterano...
como um leão, dizem os camaradas. Tomei uma
bandeira....

Jorge.

/Entusiasmado/ Bravo, meu rapaz!

Aneliã.

"Que o inimigo retornou....

Jorge.

Oh! diabo!...

Aneliã.

"Mas q^l. Tomei a tomar-lhe, avançando como um
desesperado!

Jorge.

/No cumulo do entusiasmo/ Espere, menina! Deixe-
me primeiro abraçar a Sra. Baroneza. /Abraça
Clotilde/ Agora pode continuar.

Aneliã.

/Continuando/ "Recebi por esta occas os parabens dos
camaradas, um abraço do general e mais alguma
coisa q^l. lhe mostrarei brevemente, por q^l espero che-
gar ali ao m^{mo} tempo q^l a m^a carta.

Clotilde.

Ah! então elle volta!

Jorge.

Optimo!

Amelia.

/Sendo/ "Preparo-lhe umi agradavel surpresa.

/Interrompendo-se/ Que sera'?

Clotilde.

Continua, filha, e lê depressa.

Jorge.

Sim, sim, g.^l tambem estou impaciente!

Amelia.

/Sendo/ "Mellao e' uma bonita cidade onde chovem flores, e de g.^l Amelia gostaria m.^{to}. Tudo me encanta no mundo desde g.^l me vejo menos inutil, e acarreto o meu pobre grau d'arêa p.^a as grandes obras do meu tempo.

Jorge.

Tornou-se um excellente rapaz!

Amelia.

"Pávo aqui, por g.^l o correio esta' a partir. Além d'isso....

Clotilde.

/Com ansied.^e/ Esta' ferido?

Amélia.

/ Quê leu o período q^l se segue. / Não, m.^a mãe. / Conti-
nando a l^{ra}. / "Além d'isso, na occasião de retornar
a bandeira, fui ferido quasi nada ... uma
simples arranhadura

Clotilde.

Ferido !... o meu pobre filho !

Amélia.

Não é nada oia. / Sendo. / "Não se apurtem,
~~por~~ q^l juro-lhes q^l não vale a pena; amanhã,
ou depois, estarei completamente restabelecido.

Mas creio q^l nunca mais as tornaria a ver, se
não fosse a dedicação d'um amigo q^l por espa-
ço de 20 dias e 20 noites velou a' m.^a cabe-
ceira. Devo-o corrigo; tenciono apresentar-lh'o,
por q^l sei q^l estimara' conhecer, assim como
Amélia, o salvador de seu filho." / Declamando.
De certo.

Jorge.

E' algum compatriota.

Clotilde.

Salvêz.

Jorge.

Ou alguma heroína q^l combateu ao lado d'elle

e por q^m o rapaz está apaixonado.

Amélia.

Ara eha!

Jorge.

E por q^l não? Não seria a primeira.

Clotilde.

/ Lue tomou a carta, lendo: "Continuo a ser p^a
ambas, de todo o coração Cezar." / Beijando a
carta. / Meu querido filho. / Levantando-se, afim com
Amélia. / Por consequencia, está tudo acabado, já
 não ha' perigo. / A Jorge. Não é afim, meu
 amigo?

Jorge.

De certo, m^a. Sur^a, a vista do conteúdo da car-
 ta. Além d'isso, não diz elle q^l espera chegar
 aqui ao m^{smo} tempo q^l ella? Podem esperar-o
 d'um instante p^a o outro. O q^l me parece, é
 q^l esta carta tem alguma relação com a singu-
 lar circumstancia q^l me trouxe aqui hoje.

Clotilde.

Lue circumstancia?

Jorge.

Por deversas não me esperavam?

Clotilde.

Não, Sur.

Jorge:

É extraordinário ... por q^l. em fim a carta do Sur. Cezar não é bastante p^a explicar o q^l acontece. Vamos vêr se podemos entender isto. Mas primeiro tratemos de recordar todos os factos q^l possam guiar as nossas conjecturas.

Clotilde.

Por q^m é, Sur. Jorge!

Jorge.

Pode V^{cia} ficar descansada, por q^l. o q^l. lhe vou dizer a respeito do q^l. pensa é quasi nada. Há 5 p^a. 6 mezes, como V^{cia}. sabe, em consequência d'um dia doloroso, aquelle ag^m. a Sur.^a Baroneza amou ... / Gesto doloroso de Clotilde, p^a. o impedir de continuar / e ainda ama; apesar das culpas q^l. o condemnaram, desapareceu impunadam^{te} de Ex.^a, sem nos deixar o menor indício dos seus projectos e ainda menos do lugar p^a. onde ia. A unica coisa q^l. se achou, foi uma carta d'elle em q^l. resignava a cadeira de deputado, q^l. sem duvida julgou mal adquirida. A vista de todas estas circumstancias, a opiniao geral é q^l. foi p^a. os Estados Unidos,

levando consigo todos os seus haveres.

Clotilde.

Comtante q.^a viva. As vezes imagino coiza terríveis, Sur. Jorge!

Jorge.

Affaste de Vix.^a epei pensam.^{to} O Francisco Corrêa foi a unica pessoa a q.^{ma} o Sur. Barão fez as suas confidencias e delegou os seus poderes, por q.^a foi q.^{ma} vendeu as propriedades e liquidou os negocios, mas como aquelle maldicto velho e' inflexivel, nunca lhe podêmos arrancar uma palavra q.^a nos esclarece. Estavam as coiza n' este pe', q.^{do}, ha' 2 mêzes, o ex-caixa desapareceu, como desaparecera o patrão... sem se saber como nem por q.^a. Julgava-o ainda hontem m.^{to} longe, e sem o esperar, recebo um bilhete d' elle em q.^a me pede com a maior urgencia q.^a venha aqui hoje as 10 horas da manhã, pois tem a communicar-me um negocio important e q.^a me dara' m.^{to} prazer.

Arrelia.

Que sera'?

Jorge.

Sei tanto como a merina. O q.^a me da' seria

m^{te} g.^l pensar, e' g.^l uma respôa g.^l V^{ca} tam-
bem conhece, recebeu outro bilhete do Francisco
Correia exactam^{te} como o meu.

Clotilde.

Admirada, Outra respôa?

Anelia.

Quem sabe se

Jorge.

E' um antigo amigo, um doente, g.^l, graças a D.^a, está
agora como sabem de perfeita saude.

Clotilde.

E' o Sur.^o D.^o Lima?

Jorge.

Ele m.^{mo}, m.^a Sur.^a. A principio excitou em vir;
mas o continêdo do bilhete pareceu-me tão serio, g.^l
o convenci de g.^l não devia saltar, e por isto tenho a hon-
ra de lhes annunciar a sua vinda.

Anelia.

Abracando Clotilde, Oh! m.^a mãe!

Jorge.

Sougeu m.^a menina. Conheço o Fran.^{co}; e' incapaz de
brincar com os seus sentim^{tos}. So' um motivo m.^{to}
grave e' g.^l o obrigaria....

Francisco.

/Dentro/ Entre, Sur. D... entre e tenha animo.
Amelia.

E' elle, m.^a mae!

E' o Francisco. Jorge.

Scena 3.^a
O M.^{mo} Francisco. Alberto.

Alberto.

/Muito pallido, dirigindo-se a Clotilde/ Sur.^a Baroneza, pois a V.^{za} g.^l me desculpe a commoção g.^l a m.^a presença deve necessariamente causar-me... mas asseguraram-me g.^l era aqui indispensavel.

Francisco.

Muito necessaria; espere um instante e vera'. Sur.^a Baroneza, tenho a honra de a cumprimentar.
/Muito commovido, e sorrindo a Amelia/ Como tem passado, m.^a querida? Ha' tanto tempo g.^l nos não vemos! /A' duas Sur.^{as}/ Não fazem ideia de g.^l estou contente! Que dia!... Não espero ter outro tão feliz! /Festo das duas/ Mas soequem... soequem, ponhem as forcas, por g.^l

o g.^o precisamos mais e' de coragem, m.^{ta} coragem!
Clotilde.

Meu Deus!

Francisco.

Se lhes digo g.^o não se apurtem! Preparem-se
p.^a grandes commoções... m.^{ta} vivas... m.^{ta} agra-
daveis! Para aquellas commoções g.^o dão lá
grimas d'alegria! São mais raras do g.^o as
outras, lá' isto e' verdade, mas sempre as ha'!

Clotilde.

Com impaciência. Pelo amor de Deus, Sr.^a Fran-
cisco, diga o g.^o e'... não me martyrise mais!

Francisco.

Aprende o Relógio. Já se está demorando.
Clotilde.

Então?

Francisco.

Olhe, Sr.^a Baroneza, eu não devia dizer na-
da por g.^o enfim... ordenaram-me g.^o...

Cezar.

Dentro. Minha mãe! Amelia!

Clotilde e Amel.

Meu filho! — Meu irmão! Correm ao S.

Francisco.

/Chorando./ Abram os braços p.^a o receber!

Scena 4.^a

O. M.^{mos} e Cesar.

Cesar traz o uniforme de tenente do exercito Italiano.
Vem com o braço ao peito e condecorado. —

Clotilde.

Filho!

Amelia.

Cesar!

Cesar.

Minha querida mãe! Amelia! /Abraçam-se./

Clotilde.

Su! ei tu, filho da m.^a alma! /Reparando no braço e apertada/ Tadeus ainda muito?

Cesar.

Estou quasi bom, m.^a mãe.

Clotilde.

/Vendo a condecoração./ Que quer dizer isto?

Cesar.

É um broche q.^d mandei fazer da bandeira.
q.^d torrei!

Jorge.

E então contigo... não se falla?

Cezar.

/Abraçando-o./ Desculpe, meu amigo, mas em primeiro lugar estava m.^a mãe e Annelia.

Jorge.

Foi por isso q.^o meallee até agora. /Mostrando Alberto./ E aquelle? não se lhe diz nada?

Cezar.

/Correndo a Alberto./ Alberto! meu amigo! /Baixando./ Sei tudo; perdôa-lhe!

Alberto.

/Omnim./ Calla-te!

Cezar.

/A Clotilde./ Foi-lhe perdão, m.^a mãe, de ter offerecido a nossa casa a uma pessoa q.^o veio contigo da Italia.

Clotilde.

Ah! sim, o teu amigo?

Cezar.

/Muito commovido./ É verdade... o amigo de q.^o se lhe fallou na m.^a carta... aquelle, cuja ternura e dedicação me salvaram a vida.

Clotilde.

Como me dizes isso! É por q.^o não veio agora

contigo?

Cezar,

Está lá' embaixo. Não se anima a subir sem a sua permissão.

Clotilde,

Vou eu m^{ma} chamat-o. / Dirige-se p.^a o F. e da' com o Barão q.^d tem apparecido mort^{to} antes sem se animar a entrar. Clotilde solta um grito abafado e estaca com os olhos baixos.

Acto 5.^o

O W^m e o Barão.

O Barão traja severam^{te}. As feições estão um tanto alteradas e apresenta extrema gravid^{de}. Apenas ouvem o grito de Clotilde, voltam-se todos e experimentam sensações diversas. Clotilde e Amélia heritam um instante olhando p.^a o Barão, mas depois correm p.^a o abraçar; o Barão detem-nas com um gesto. Harmonia na orchestra até ao fim do acto.

Barão.

/Com commoção contida. / Não esperava tornar a vê-la, Clotilde... não o ousaria nunca. Mas a Providencia, mais prodiga de bens p.^a mim

do g.^o o merecia, permitto-me g.^o the desfe,
apoi tantas magoas, um jubilo immenso; con-
tribui talvez p.^a g.^o seu filho the fosse restitu-
ido. Por amor d' elle não me affaste da sua
presença. O g.^o pensei, o g.^o padeci, o g.^o chorei,
diante do seu leito de dôr ... elle g.^o th'o diga.
Estou longe de crêr, g.^o prehenchendo um dever tão
simples, tão natural, tanta remião p.^a com a
sua a m.^a longa injustiça e reconquistado
uma affeição ... da qual me mostrei tão pou-
co digno. Não é pois em meu nome ... julgo-
me m.^{to} culpado p.^a o fazer! ... mas em nome
dos seus ... dos nossos filhos, g.^o hoje venturoso re-
dir-the p.^a g.^o aceite este anel. / Clotilde, sem
poder saltar por causa da grande commoção por g.^o
está passando, toma o anel com a mão tremula. —
O Barão toma-th'a, e beija-a respeitosa. / Obrigado!
/ Dando alguns passos p.^a a filha. / Amelia, n'um dia
terrivel, foi pela tua mão ... por essa mão pre-
zada entre todas, g.^o a soberana justiça quiz
desvelar-me o coração, abrindo de par em par
as sacras portas da verdade. ! Era justo g.^o o pec-
cador fosse punido pelos m.^{tos} sentim.^{tos} g.^o
desconheceu e ultrajou. É pois a tua mão

g^l. escolto p^a. reparar um dos erros mais graves
da m^a. vida; p^a. curar a ferida mais pun-
gente e profunda q^l. tenho feito. // Dando a
filha um maço de papéis q^l. tira da algebeira. /
Entrega isto ao Sur.^l. D.^o. Lima. / Amelia toma
o maço e entrega-o a Amelia Alberto.

Jorge.

/ Barro a Francisco. / Advinho agora a razão por
q^l. o Sur.^l. se augmentou dois mezes!

Alberto.

/ Que abrio o maço e leu um papel. / A reabilitação de
meu pai!

Barro.

Ficam hoje sabendo qual a applicação q^l. fiz da m^a.
riqueza. D'ora avante estou tão pobre como tu, Jor-
ge mais ainda talvez! ... por q^l. nada posso fazer
a bem da tua felicidade, em q^l. q^l. tu, meu amigo,
podes fazer m^{to}. a bem da m^a. ... Poder dar-me a es-
molha ... d'um aperto de mão!

Jorge.

/ Apertando-lhe a mão com voz soffocada. / Meu velho
amigo! É tu q^l. pregavas contra a poesia! és-te hoje
mais poeta do q^l. eu!

Alberto.

/Respostam^{te} ao Barão/ E eu, Sur^t. Barão, não
posso fazer nada a bem de V^{el}.^{ei}?

Barão.

Pode m^{to}... pode tudo! Em primeiro lugar perdo-
ar-me... e depois... /Solucando/ pedir a m^a. filha
q^d. me abrace!

Amelia.

/Atirando-se-lhe aos braços/ Meu querido pai!

Francisco.

/A Alberto, indicando o Barão/ Que lhe parece esta mu-
dança, Sur^t. D^r? Um homem q^d. nunca vi cho-
rar!

Alberto.

São orvalhos na rocha, meu amigo!

Barão.

/Abraçado com a filha/ Deus T^o pagueu anjo da guar-
da... por q^d. eu não sei se poderei!

Amelia.

Pode, meu querido pai! /Indo buscar o ramalhete de viole-
tas e dando-o ao Barão/ Continuando a aceitar as m^{as}.
violetas! /Cae o pano/

Fin do 5.º e ultimo Acto.

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema